

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lucas Borelli Loredo Abreu Jorge

**Turismo de Base Comunitária na Vila Céu do Mapiá/AM:
prospecções para uma gestão comunitária participativa**

Rio de Janeiro – RJ

2020



Lucas Borelli Loredo Abreu Jorge

**Turismo de Base Comunitária na Vila Céu do Mapiá/AM:
prospecções para uma gestão comunitária participativa**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Tecnologia para o Desenvolvimento Social – PPGTDS, do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social – NIDES, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Tecnologia para o Desenvolvimento Social.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Mello

Rio de Janeiro – RJ

2020

Lucas Borelli Loredo Abreu Jorge

**Turismo de Base Comunitária na Vila Céu do Mapiá/AM:
prospecções para uma gestão comunitária participativa**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Tecnologia para o Desenvolvimento Social, PPGTDS, do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social, NIDES, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Tecnologia para o Desenvolvimento Social.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Mello

CIP - Catalogação na Publicação

JL933 Jorge, Lucas Borelli Loredo Abreu
Turismo de Base Comunitária na Vila Céu do
Mapiá/AM: prospecções para uma gestão comunitária
participativa / Lucas Borelli Loredo Abreu Jorge. -
Rio de Janeiro, 2020.
116 f.

Orientador: Ricardo Mello.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Núcleo Interdisciplinar para o
Desenvolvimento Social, Programa de Pós-Graduação em
Tecnologia para o Desenvolvimento Social, 2020.

1. Turismo de Base Comunitária. 2. Floresta
Nacional do Purus. 3. Vila Céu do Mapiá. 4. Gestão
Participativa. 5. Comunidade. I. Mello, Ricardo ,
orient. II. Título.

Aprovada em _____ / _____ / _____.

Banca Examinadora:

Prof. Ricardo Mello

Prof^a. Ana Carolina Beer Figueira Simas

Prof. Felipe Addor

Prof. Ivan Bursztyn

Rio de Janeiro – RJ

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos povos da floresta,
ao Centenário do Padrinho Sebastião Mota de Melo
e a Mônica Botafogo Selig (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, por possibilitar a educação pública comprometida com a pesquisa e com a extensão para o desenvolvimento social desde o seu campus até os diversos locais em que se manifesta.

Ao tempo, por ter me possibilitado encontrar o Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES) num momento em que eu estava preparado para absorver e interagir com este espaço de educação popular que segue os princípios da igualdade e liberdade presentes não só em mim, que me sinto parte deste sonho, mas compartilhado por todos que fazem parte do Núcleo.

O sonhar junto neste Núcleo se tornou realidade a partir do encontro com o orientador Prof. Dr. Ricardo Mello, a quem também agradeço por ter sempre se apresentado pronto a apoiar os desafios encontrados nesta jornada. Todos os momentos de orientação foram repletos de confiança e inspiração permitindo o aprofundamento nos temas da pesquisa.

A partir deste encontro, pude agregar à orientação a Prof^ª. Dra. Ana Carolina “Cacá” Beer Simas. A ela, com quem primeiramente conversei sobre a possibilidade de concretizar o trabalho neste campo, também agradeço pela objetividade e doçura que me proporcionaram caminhos abertos e apoio contínuo.

Não seria possível realizar o trabalho sem a acolhida da Comunidade da Vila Céu do Mapiá, com as bênçãos dos padrinhos e madrinhas da doutrina e a vontade dos moradores em realizar algo a mais para o desenvolvimento comunitário e familiar. A Vila é realmente um local especial, onde um portal se abre no meio da floresta. Grato por este lugar e por todos que estão ou estiveram ali, honrando o Padrinho Sebastião e o Mestre Irineu.

Muitas organizações envolvidas com a Vila Céu do Mapiá apoiaram esta pesquisa, contribuindo para que tivesse um resultado mais expressivo. Foram elas: Associação de Moradores da Vila Céu do Mapiá, Instituto de Desenvolvimento Ambiental Raimundo Irineu Serra, Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal, Cooperativa Agro-Extrativista do Mapiá e Médio Purus, Instituto Socio Ambiental de Viçosa e Instituto Nova Era. Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma fazem parte e trabalham para que estas organizações estejam cada vez mais afinadas com o sonho comunitário na floresta.

Aos familiares e amigos que estiveram deste o início da pesquisa incentivando e apoiando a cada dia de trabalho e a cada novo desafio que apareceu durante este período.

Um agradecimento especial à minha companheira Laura e aos meus filhos Davi e Teresa pelo companheirismo nesta etapa da vida.

RESUMO

JORGE, Lucas B. **Turismo de Base Comunitária na Vila Céu do Mapiá/AM: prospecções para uma gestão comunitária participativa.** Dissertação de mestrado, Núcleo Interdisciplinar de Desenvolvimento Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A Vila Céu do Mapiá é uma comunidade intencional fundada em 1983, localizada no coração da Floresta Nacional do Puru, matriz do Santo Daime. A Vila, influenciada pelos fenômenos da globalização, recebe desde a sua fundação um grande fluxo de visitantes. Atualmente, vem sofrendo forte pressão econômica, ambiental e social. Como lidar com estes fenômenos? As interações relacionadas ao turismo e à visitação com motivação religiosa são um meio de fortalecer a realidade comunitária e, na medida em que este fenômeno acontece, diversos impactos positivos e negativos são gerados. Este trabalho considera a possibilidade de o Turismo de Base Comunitária influenciar este processo e procura apontar de que formas isso pode acontecer para melhor proveito da comunidade. Busca-se aprofundar que fenômenos acontecem nesta comunidade, trazendo o foco para a realidade atual da visitação, o diagnóstico da atividade e as possibilidades que já são exploradas ou podem ser no futuro. A partir das peculiaridades locais, diversas possibilidades surgem no campo teórico e prático. Como mediatizar este processo fortalecendo os laços comunitários, preservando o conhecimento tradicional e conservando a floresta são algumas das questões que esta pesquisa pretende responder. A presente dissertação realiza um levantamento que pretende contribuir para que a comunidade Vila Céu do Mapiá possa idealizar práticas para a gestão comunitária participativa do turismo local, atividade comunitária tradicional desde a fundação da comunidade por Sebastião Mota de Melo e seus seguidores.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária, Floresta Nacional, Comunidade, Vila Céu do Mapiá.

ABSTRACT

JORGE, Lucas B. **Community-based Tourism in Vila Céu do Mapiá/AM**: prospects for participatory community management. Master's dissertation, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Vila Céu do Mapiá is an intentional community founded in 1983, located in the heart of the Puruse National Forest, the headquarters of Santo Daime. The Vila, influenced by the phenomena of globalization, receives since its foundation a large flow of visitors. Currently, it has been suffering strong economic, environmental and social pressure. How to deal with these phenomena? Interactions related to tourism and visitation with religious motivation are a means of strengthening the community reality and, as this phenomenon happens, several positive and negative impacts are generated. This work considers the possibility of Community Based Tourism to influence this process and seeks to point out in what ways this can happen for the better benefit of the community. It seeks to deepen the phenomena that happen in this community, bringing the focus to the current reality of visitation, the diagnosis of the activity and the possibilities that are already explored or may be in the future. From the local peculiarities, several possibilities arise in the theoretical and practical field. How to mediate this process by strengthening community ties, preserving traditional knowledge and conserving the forest are some of the questions that this research intends to answer. This dissertation carries out a survey that aims to contribute so that the Vila Céu do Mapiá community can idealize practices for the participatory community management of local tourism, a traditional community activity since the community was founded by Sebastião Mota de Melo and his followers.

Keyword: Community Forest Tourism, National Forest, Community, Céu do Mapiá Village

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1– Categorias de UCs definadas pelo SNUC

Gráfico 1 – Característica da hospedagem

Gráfico 2– Período para hospedar

Gráfico 3– Perfil ds hóspedes

Gráfico 4–Tipos de acomodações

Gráfico 5–Tipos de banho

Gráfico 6–Formas de energia

Gráfico 7 – Forma de acesso à água

Gráfico 8 – Alimentação oferecida

Gráfico 9 – Tipo de serviço alimentar

Gráfico 10 –Formas de lavagem de roupa

Gráfico 11 – Serviços de transporte

Gráfico 12 – Outros serviços

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da área de estudo

Figura 2 – Padrinho Sebastião Mota, Mestre Raimundo Irineu e Padrinho com foto do Mestre

Figura 3 – Centro da Vila Céu do Mapiá

Figura 4 – Mapa Flona Purus

Figura 5 – Comunidade intencional Vila Céu do Mapiá na Flona Purus, município Paunini

Figura 6 – O atrativo Vila Céu do Mapiá

Figura 7 – Atrativos na Vila Céu do Mapiá

Figura 8 – Ofertas turísticas na Vila Céu do Mapiá

LISTA DE SIGLAS

TBC – Turismo de Base Comunitária

Snuc – Sistema Nacional das Unidades de Conservação

UC – Unidade de Conservação

Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ICMBio – Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade

Flona – Floresta Nacional

PD – Plano Diretor

PDC – Plano de Desenvolvimento Comunitário

Rovuc – Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MTur – Ministério do Turismo

Sisnad – Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas

SUMÁRIO

1	Andando pela floresta	13
1.1	Introdução	13
1.2	Objetivo geral.....	15
1.3	Objetivos específicos.....	15
1.4	Caracterização da área de estudo	16
1.4.1	Santo Daime	17
1.4.2	Vila Céu do Mapiá.....	20
1.5	Questão da pesquisa	23
1.6	Pressupostos	23
1.7	Relevância da pesquisa.....	24
1.8	Organização geral do trabalho.....	25
2	Metodologia.....	27
2.1	Métodos da pesquisa.....	27
2.1.1	Trabalho de campo I: observação participante e bloco de notas.....	27
2.1.2	Trabalho de campo II: entrevistas semi-estruturadas e rodas de conversa..	29
2.1.3	Trabalho de campo III: entrevistas semi-estruturadas e observação participante	30
2.1.4	Trabalho de campo IV: encontro comunitário	30
2.1.5	Trabalho de campo V: caracterização dos atrativos.....	31
2.2	Insumos metodológicos	31
2.2.1	Entrevista semi-estruturada	31
2.2.2	Roda de conversa	32
2.3	Rol de oportunidades de visitação em Unidades de Conservação (Rovuc).....	32
3	Referencial teórico da pesquisa	35
3.1	Pilares do Turismo de Base Comunitária	35
3.2	Turismo de Base Comunitária	36
3.3	O TBC na prática	39
3.4	O conceito de Turismo Situado (sítios situados).....	41
4	Descrição da Vila Céu do Mapiá.....	44
4.1	Organização social.....	48
4.2	Organização econômica	51
4.3	Organização cultural.....	54
5	Descrição e análise do turismo comunitário.....	56
5.1	Recursos e atrativos turísticos da Vila Céu do Mapiá	56
5.2	Destino turístico	59
5.3	Oferta turística da Vila Céu do Mapiá	60
5.3.1	Meios de hospedagem.....	61
5.3.2	Alimentação.....	61
5.3.3	Artesanato	62
5.3.4	Transporte turístico.....	62
5.3.5	Guias de turismo.....	63

5.3.6	Serviço de informação turística.....	63
6	Resultados	65
6.1	Pesquisa quantitativa para obtenção de dados primários	65
6.1.1	Período para hospedar	65
6.1.2	Perfil dos hóspedes	66
6.1.3	Tipos de acomodações	66
6.1.4	Tipos de banho.....	67
6.1.5	Formas de energia	68
6.1.6	Formas de acesso a água	69
6.1.7	Alimentação oferecida.....	69
6.1.8	Tipo de serviço alimentar.....	70
6.1.9	Formas de lavagem de roupa.....	70
6.1.10	Serviços de transportes	71
6.1.11	Outros serviços.....	72
6.2	Caracterização a partir da metodologia Rovuc.....	72
6.3	Bloco de notas	73
6.4	Resultados das entrevistas semiestruturadas.....	74
6.4.1	Turismo	75
6.4.2	Comunidade	76
6.4.3	Economia	77
6.4.4	Conservação ambiental.....	78
6.4.5	Santo Daime	78
6.5	Encontro comunitário	79
6.6	Avaliação dos resultados.....	81
7	Considerações finais	84
8	Referências bibliográficas.....	88
9	Apêndice	92
A	Roteiro entrevista semiestruturada.....	92
B	Respostas entrevistas semiestruturadas.....	93
C	Bloco de notas.....	98
D	Gestorias	101
E	Diretoria AMVCM.....	102
F	Site	102
10	Anexos.....	104
A	Questionário serviços e produtos	104
B	Registro do encontro comunitário.....	106

1 Andando pela floresta

Andando pela Floresta
Vejo tudo em minha mente
Oh! Que verde bonito
Verde claro incandescente...
(Alfredo Gregório de Melo)

1.1 Introdução

A motivação inicial para esta pesquisa foi a hipótese de que o turismo pode ser uma ferramenta eficaz para potencializar o desenvolvimento local, através da valorização dos conhecimentos tradicionais, e da conservação do patrimônio natural e cultural. Impulsionando, além disso, novas formas de economia local baseadas na cooperação.

Para Sansolo e Bursztyn (2009), a conservação ambiental, a valorização da identidade cultural e a geração de benefícios diretos para as comunidades receptoras são os componentes que sustentam a proposta de um turismo de base comunitária (TBC). Segundo esses autores, o turismo de base comunitária não representa apenas mais um segmento do mercado, e sim a possibilidade de uma nova forma para o turismo. O potencial da atividade não se restringe aos benefícios econômicos, contribuindo também para o processo de revalorização da identidade cultural e para a manutenção do modo de vida das populações tradicionais.

O turismo é visto, tradicionalmente, como um conhecimento ligado diretamente ao setor econômico, noção que desconsidera a multidisciplinaridade do setor, intrinsecamente relacionado a disciplinas como Geografia, Sociologia, História, Antropologia, Artes, Gastronomia, Economia, entre outras. Se pensado exclusivamente a partir da economia, a tendência é que fique preso num modelo hegemônico de comércio, seguindo a ótica capitalista. Isso pode ser observado pela natureza dos produtos turísticos que são amplamente divulgados, em geral, e também nos resultados que as atividades turísticas historicamente promoveram em locais tradicionais, que, após a massificação da atividade, passaram por um processo de deterioração de bens materiais e imateriais seguido do sucateamento da cultura local e do empobrecimento das relações comunitárias.

Seguindo uma tendência global de novas práticas de mercado que fortaleçam tanto os visitantes como os visitados, o turismo de base comunitária surge como uma

possibilidade ligada a práticas colaborativas e ao desenvolvimento de grupos e organizações. Na literatura específica e nos programas oficiais de fomento, o TBC é apresentado como uma proposta fortemente associada ao turismo sustentável e ao desenvolvimento local (Coriolano, 2009; Sansolo&Bursztyn, 2009; Irving, 2009).

Com a intenção de ampliar a discussão sobre o TBC pautada na bibliografia relacionada ao tema, espera-se aprofundar o olhar sobre a comunidade da Vila Céu do Mapiá-Amazonas, a partir do recorte da visitação. A Vila Céu do Mapiá vem recebendo visitantes desde a sua funda o, em 1983, o que, além de todo o intercâmbio cultural, resultou na produ o de conhecimento empírico e acad mico nas áreas de meio ambiente, economia e cultura.

Aquela comunidade endógena, que se originou no interior da Floresta Amazônica, tem a intencionalidade na ocupa o do território e a identidade específica marcada pela doutrina do Santo Daime, fundada por Raimundo Irineu Serra, homem negro, neto de escravos, nascido em 1890 no Maranhão. Raimundo teve contato com a Ayahuasca¹ a partir de 1912 no Acre. O movimento, que iniciou na década de 1930 próximo aos seringais amazônicos e assim permaneceu relativamente estável até os anos de 1970, algumas décadas depois, como Santo Daime, não se trata mais de uma única comunidade mas de uma rede dispersa de múltiplos núcleos pelo Brasil e o mundo (Labate, 2014). Pela sua peculiaridade, a Vila Céu do Mapiá segue sendo a matriz que instiga visitantes para a atividade de peregrina o religiosa.

Esses seguidores, do Brasil e de outros lugares do mundo, v o à matriz do Santo Daime visando ao intercâmbio de experiências, permanecendo durante variados períodos de estadia. A doutrina brasileira, nasceu dentro da floresta, brotou no seio do povo, uma gente muito humilde e digna, prega o amor pela natureza e consagra o mundo vegetal e todo o planeta como sendo cenário sagrado da nossa mãe terra². Durante toda a sua existência, os moradores de Vila Céu do Mapiá enfrentaram desafios no âmbito da ocupa o do território, sendo este processo acompanhado por visitantes em toda a sua trajetória.

Esses fatores, somados   força do povo da floresta na luta pela ocupa o do território e ao seguimento da manifesta o cultural-religiosa, possibilitando aprendizados, através do trabalho espiritual e material como um ponto de cura no cora o da floresta,

¹ Ayahuasca também conhecida como hoasca, daime, iag , santo daime e vegetal, é uma bebida ente gena produzida a partir da combina o da videira *Banisteriopsis Caapi* e da planta *Psychotria Viridis*. A ayahuasca é, frequentemente associada a rituais de diferentes grupos sociais e religiões, além de fazer parte da medicina tradicional dos povos da Amazônia.

² Disponível em www.santodaime.org.br. Visitado em 2019.

fazem com que a pesquisa na Vila Céu do Mapiá seja mais um passo no caminho do desenvolvimento social a partir do turismo na Amazônia.

Neste contexto, faz-se necessário aprofundar a pesquisa no modo de organização comunitária em relação à atividade turística e, conseqüentemente, no impacto local a partir de aspectos relacionados à identidade cultural como esteio da vida comunitária, de aspectos relacionados à economia local e importância da conservação ambiental em qualquer manifestação que aconteça na Floresta Nacional do Purus. A presente pesquisa acontece no contexto de preparativos para os festejos do centenário do fundador Sebastião Mota de Melo. Até o início de 2020, este seria o maior evento da história comunitária no âmbito da visitação, com a preparação de diversos eventos e atividades relacionadas às comemorações. Por consequência da pandemia do Coronavírus, os eventos não aconteceram. Desta forma, as atividades internas da Vila Céu do Mapiá inspiraram e impulsionaram a presente pesquisa através do interesse genuíno dos moradores em dialogar para a busca de melhores práticas relacionadas à visitação e ao turismo de base comunitária. Este trabalho abre a porta para um diagnóstico com a intenção de prospectar, de maneira participativa, o potencial máximo desta atividade que acontece com tamanha intensidade na comunidade. Além da identificação do que já existe no turismo local, faz-se necessário apontar possibilidades de ações e fazer o levantamento de potencialidades a partir de uma gestão comunitária, para que esta atividade possa seguir de maneira sustentável pelos próximos anos.

1.2 Objetivo geral

Identificar os caminhos para uma estratégia de gestão comunitária participativa na Vila Céu do Mapiá a partir das práticas de Turismo de Base Comunitária.

1.3 Objetivos específicos

- Descrever o processo do turismo local;
- Realizar a caracterização de práticas no turismo local;
- Analisar as potencialidades locais para o desenvolvimento do turismo de base comunitária;
- Identificar possibilidades para a construção de roteiros turísticos;
- Levantar as metas comunitárias para a gestão do turismo.

1.4 Caracterização da área de estudo

A Floresta Nacional (FN) do Purus é uma Unidade de Conservação (UC) de Uso Sustentável, criada pelo Decreto Federal No. 96.190 de 21 de junho de 1988, com uma área de 256.116 hectares de extensão e um perímetro de 376,82 km, embora o decreto de criação mencione uma área de 256.000 hectares e não cite seu perímetro. Localizada na Amazônia Ocidental, no município de Pauini, no estado do Amazonas (Figura 1), situa-se na margem esquerda do rio Inauini, iniciando a partir da foz do igarapé Solidão, no ponto de coordenadas geográficas a $8^{\circ}32'42''$ S e $67^{\circ}27'36''$ W, e estendendo-se à montante do referido rio, com os seguintes limites e confrontações: a sul – sudoeste com a margem esquerda do rio Inauini; a norte- noroeste com a Terra Indígena Inauini/Teuini e a margem direita do rio Teuini; e de nordeste a sudeste com a margem esquerda do rio Purus e terras particulares. O limite natural entre a Floresta Nacional do Purus e a Mapiá-Inauini é feito pelo rio Inauini. Pertence à Bacia Hidrográfica do Rio Purus e se estende latitudinalmente entre as coordenadas geográficas $08^{\circ} 01' 40''$ S e $08^{\circ} 34' 47''$ S e longitudinalmente entre $68^{\circ} 04' 09''$ W e $67^{\circ} 16' 23''$ W (Brasil, 2009).

O foco da pesquisa está na Vila Céu do Mapiá, pela evidente influência que a Vila Céu do Mapiá exerce na Flona Purus e o potencial que tem em ser uma referência local no âmbito da gestão participativa comunitária. Tendo um histórico de visitação com base comunitária, a Vila é um ponto relevante para a pesquisa do turismo comunitário em unidades de conservação ou áreas da Amazônia. A delimitação da pesquisa permitirá um olhar para a comunidade e sua interação com a floresta, assim como os interesses e expectativas dos visitantes em interagir com pessoas, ambiente e cultura local.

AMAZÔNIA LEGAL



MUNICÍPIO DE PAUINI - AM



FLORESTA NACIONAL DO PURUS



Figura 1 – Mapas da área de estudo (fonte: MMA, 2008)

1.4.1 Santo Daime

Do ponto de vista religioso, o Santo Daime pode ser considerado algo novo. A doutrina do Santo Daime foi fundada em 1930, em Rio Branco, Acre, por Raimundo Irineu Serra, após um longo período de iniciação com a Ayahuasca na selva fronteiriça do Brasil com o Peru, onde a bebida era utilizada em rituais mágicos religiosos por grupos indígenas desde tempos imemoriais (Fróes,2019).

Negro forte, com dois metros de altura, nascido em 15 de dezembro de 1892 no Maranhão, Raimundo foi atraído para a Amazônia com o intuito de ganhar a vida como seringueiro na grande expansão econômica da borracha. Como soldado da borracha e posteriormente membro da guarda territorial, tornou-se íntimo da floresta e foi apresentado,por povos indígenas peruanos, à sagrada bebida medicinal e visionária dos antigos pajés, conhecida como Ayahuasca ou Yagé (Fróes, 2019).

Por intermédio do Mestre Irineu, essa bebida foi batizada como Santo Daime, e com o tempo veio a tornar-se a doutrina cristã popular do Santo Daime, sendo a tradição acreana mais marcante e conhecida no mundo. Um dos seus companheiros, conta que a origem da palavra Daime vem da revelação da Rainha da Floresta, quando ela esclarece para o mestre que aquela bebida tinha muitos nomes, mas o nome verdadeiro era o próprio verbo divino Dar(Fróes, 2019).

A partir da década de 1930, quando Raimundo Irineu passou a dirigir seu centro em Rio Branco – o que fez até sua morte, em 1971–, ele foi considerado na região como líder espiritual, conselheiro e curador. Entre as pessoas que se diziam curadas por ele, estava o homem cuja família espalharia a doutrina pelo mundo inteiro: Sebastião Mota de Melo (Mortimer, 2000,p. 140).

Em 1974, três anos após o falecimento do Mestre Irineu, Sebastião Mota de Melo fundou o seu centro daimista na periferia de Rio Branco, na localidade conhecida como Colônia Cinco Mil. Pouco tempo depois foi construído um templo, que atraiu curiosos de outros bairros, regiões do Brasil e do mundo. Enquanto o Mestre era vivo, Sebastião Mota de Melo costumava conversar com elesobre a intuição de que o seu destino era o Amazonas e a buscar por um ideal de vida comunitário. Nas palavras do próprio Sebastião Mota sobre esta nova etapa:

O Mestre Irineu, certa vez, disse numa roda de gente que a doutrina só iria ganhar o mundo quando fosse irradiada do Amazonas. Não é do Acre. (...) Um dia chegou uma senhora, ela veio fazer uma proposta ao Padrinho: trocar o seu Seringal no Amazonas pela Colônia Cinco Mil. A proposta interessou imediatamente. O primeiro passo foi organizar uma comissão para o reconhecimento do local. A direção tomada foi o município de Boca do Acre.(Mortimer, 2000,p.172)

Em meados dos anos 1980, durante a expedição na floresta, o povo da Colônia Cinco Mil recebe as primeiras notícias sobre a localidade que começou a ser ocupada,

batizada de “Esperança”, nome simbólico para aquele momento. Entrando ainda mais na mata, Sebastião escolhe outro local para iniciar uma nova vila, esta batizada de “A certeza”. “O reflexo do Astro Rei na límpida água pareceu o luzir de ouro puro. É o Rio do Ouro, exclamou o Padrinho, e daí surgiu o nome de todo o seringal” (Mortimer, 2000, p.188). A partir daí, os membros da comunidade fizeram um acordo de venda de seus próprios bens para a criação de um fundo comunitário coletivo, o que permitiu o início do processo de mudança para dentro da Floresta Amazônica.

Em 1980, Sebastião Mota, considerado Padrinho Sebastião pelos seus seguidores, iniciou o assentamento no Rio do Ouro, aonde trabalhou duro por dois anos na fixação das famílias através da construção de casas, roçados e estruturação da vila. Porém, nesse período, o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que havia autorizado anteriormente a ocupação, constatou que se tratava de uma área de 108 mil hectares que já fazia parte da terra Santa Filomena, com título definitivo para um criador de gados. Sebastião Mota, que ocupava com a comunidade em torno de 40 hectares, afirmou: “Se este homem fizer questão desta terra, eu vou-me embora porque não me interessa nada de ninguém” (Mortimer, 2000, p.219). As negociações com o Incra se intensificaram, pela indicação de uma área que já tinha dono, então a solução foi indicar outra área para o grupo. A nova comunidade ficaria situada no igarapé Mapiá, afluente do Rio Purus, situada no município Pauini entre as sedes dos municípios de Boca do Acre e Pauini (Mortimer, 2000, p.231).

No início de 1983, a expedição que havia saído do Rio do Ouro já estava acomodada em um barracão na boca do igarapé Mapiá. O local não prometia facilidades, de acordo com a avaliação de mateiros da expedição, que apontaram a escassez de seringueiras, palmeiras, frutas e caça na área. Mesmo assim, o Padrinho Sebastião reafirmou seu desejo de permanecer com quem quisesse acompanhá-lo. No dia 21 de janeiro daquele ano, o local foi alcançado pela comitiva com o velho de barbas brancas guiando.



Figura 2 – Padrinho Sebastião Mota, Mestre Raimundo Irineu e Padrinho com foto do Mestre (fonte: Centro de Documentação e Memória do Santo Daime)

1.4.2 Vila Céu do Mapiá

“Graças eu dou à minha floresta. Foi donde eu vim e aonde estou. Eu não tenho pra onde ir, tenho que ficar por aqui mesmo.”

Sebastião Mota de Melo

A Vila Céu do Mapiá foi inicialmente se formando a partir da década de 1980 (nomeadamente em 1983) quando um grupo composto por 300 pessoas foi assentado pelo Incra. Partes das famílias foram alocadas em colocações, sendo que a partir da área ocupada Padrinho Sebastião e seus familiares formou-se um núcleo voltado para as atividades da doutrina, e seu entorno foi paulatinamente povoado. A difusão da doutrina e o conseqüente crescimento populacional levaram a um crescimento espontânea da área. A expansão do espaço foi se intensificando ao longo dos anos com a chegada de moradores do Brasil e do mundo, tornando necessário o estabelecimento de um mercado informal, composto por pequenos comércios (Brasil, 2008). Atualmente, passados mais de trinta anos após a fase heróica de sua implantação, a realidade da comunidade é bem diferente. As habitações construídas evidenciam a diversidade cultural das pessoas que na área. Os espaços refletem a integração da cultura amazônica com outros valores estéticos, principalmente urbanos, que se diversificam pela origem e classe social de quem os constrói. A Vila Céu do Mapiá apresenta uma estrutura formada por pessoas de origem em várias partes do Brasil e do mundo, que decidem viver ali com a intenção de seguir o modo de vida comunitário do Padrinho Sebastião, uma busca que está diretamente relacionada com o contexto religioso da doutrina do Santo Daime.

A comunidade, portanto, é formada por povos amazônicos, mas também por pessoas provenientes dos centros urbanos. Trata-se de um movimento espiritualista autóctone da Amazônia, que se baseia num conhecimento etnobotânico ancestral da floresta. O grupo tinha como vocação declarada atrair adeptos para realizar uma experiência antropoecológica peculiar: reunir um povo para viver dentro da floresta, com a floresta, em devoção à floresta (Brasil, 2008).

As relações comerciais e sociais estabelecidas internamente e/ou com mediadores externos, que estão vinculados à própria institucionalização do espaço, impõem aos

moradores a criação de organismos de participação como a associação de moradores, a cooperativa de agroextrativistas, entre outras organizações.

Tendo em vista a complexidade que se apresenta nos âmbitos da identidade cultural, das relações familiares, nos diversos processos internos e na instabilidade dos recursos materiais, este trabalho pretende colaborar sobre o entendimento de como se estrutura a comunidade da Vila Céu do Mapiá atualmente, e quais são os anseios deste grupo para o desenvolvimento local. O aprofundamento destas questões permitirá a compreensão de que caminhos a comunidade está seguindo e aonde quer chegar. Sendo a visitação uma realidade local, fator influente no dia a dia mapiense, este trabalho pode ampliar as possibilidades das atividades comunitárias relacionadas ao turismo de base comunitária.

A organização comunitária veio se desenvolvendo desde a sua formação. Alguns processos impulsionaram o crescimento da vila, como a chegada de visitantes de todas as partes do Brasil e de outros países, principalmente nos anos 1980 e 1990, assim como a criação da Cozinha Geral, da Casinha de Estrela, a criação da escola comunitária, da Associação de Moradores, do Centro Medicina da Floresta, e da própria Floresta Nacional do Purus, em 1988. Todas estas foram atividades que fomentaram o crescimento da comunidade, as trocas com os visitantes com a chegada de novos moradores.

A expansão da doutrina para fora da matriz trazia mais visitantes à Vila Céu do Mapiá, nos anos 1990, depois da criação da Floresta Nacional do Purus e do falecimento do líder comunitário Sebastião Mota de Melo, que deixou seu filho Alfredo Gregório de Melo como sucessor. Um momento pioneiro para algumas das organizações sociais existentes na comunidade, como o Instituto de Desenvolvimento Ambiental Raimundo Irineu Serra (Idaris) e a Igreja do Culto Eclético, que inicialmente era uma única organização chamada IDA-CEFLURIS. Outras iniciativas estruturantes como a Rádio Jagube, o Jardim da Natureza e Santa Casa de Cura Padrinho Manoel Corrente também iniciaram as atividades neste período. No início dos anos 2000, foi fundada a Cooperativa de Agroextrativismo, a Casa dos Jovens, e ocorreu a estadualização da escola Cruzeiro do Céu.

O Plano de Desenvolvimento Comunitário iniciou em 2003, através de uma necessidade comunitária em realizar o Plano de Manejo local, o WWF, o Instituto Nawa e o Centro dos Trabalhadores da Amazônia conduziram este trabalho na comunidade, utilizando metodologias participativas para o entendimento do processo de governança e conseqüentemente dos processos decisórios internos, tendo sido criado o Grupo de

Trabalho Interstitucional (GTI), que concentra representantes de diversos setores produtivos comunitários, impulsionando o desenvolvimento comunitário. Em 2004, a Vila Céu do Mapiá concluiu o PDC, resultando no fortalecimento da visão e missão da comunidade. No ano de 2009, foi concluído o trabalho do Plano de Manejo da Floresta Nacional do Purus, documento técnico elaborado com o ICMBio, estabelecendo diretrizes para a sua gestão, além de apresentar um extenso diagnóstico, estabelecendo o zoneamento e as áreas de manejo florestal.

Em 2013, aconteceu o Amagaia, processo de formação e planejamento integrado participativo para a sustentabilidade comunitária, como uma iniciativa no processo de formação de planejamento e o fortalecimento do desenvolvimento comunitário. Este programa, baseado no currículo de Educação para Design de Ecovilas (EDE), da organização Educação Gaia promoveu a conexão da Vila Céu do Mapiá com o movimento global de ecovilas (santodaime.org).

Em 2017, as indicações para o desenvolvimento comunitário resultantes do PDC e do AmaGaia foram revistos e atualizados em uma nova oficina participativa, gerando o Programa AmaGaia: um conjunto de ações e projetos coordenados que visa fortalecer a sustentabilidade comunitária na Vila Céu do Mapiá, através de uma abordagem integrada, com os objetivos de apoiar o crescimento pessoal e o bem viver de todos os indivíduos, fortalecer as atividades e iniciativas que servem ao bem viver coletivo e regenerar as dimensões social, econômica, ecológica e cultural. (AmaGaia, 2019). Todos os grupos e iniciativas comunitárias que já atuavam neste histórico intensificaram e concentraram mais esforços nas mobilizações precedentes aos festejos do Centenário do Padrinho Sebastião em 2020, impulsionando a necessidade da organização comunitária em aspectos internos e externos, sendo a presente pesquisa uma das ações alinhadas ao Programa AmaGaia para o trabalho interdisciplinar de desenvolvimento comunitário, a partir da visitação e do turismo de base comunitária.



Figura 3 –Centro da Vila Céu do Mapiá (Adnet Florestal, 2019)

1.5 Questão da pesquisa

Qual a forma de organização comunitária participativa da atividade turística na Vila Céu do Mapiá (Flona do Purus) que poderá possibilitar a valorização dos saberes tradicionais, potencializando a geração de renda local, mantendo as boas práticas ambientais, levando em conta os parâmetros estabelecidos pelo ICMBio para a preservação das Unidades de Conservação Ambiental caracterizadas como Floresta Nacional?

1.6 Pressupostos

Os pressupostos desta pesquisa estão alinhados aos preceitos do Ministério do Turismo, que traça os seguintes princípios comuns ao TBC: a autogestão; o associativismo e cooperativismo; a democratização de oportunidades e benefícios; a centralidade da colaboração, parceria e participação; a valorização da cultura local; e, principalmente, o protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade e/ou na oferta de bens e serviços turísticos, visando à apropriação por parte destas dos benefícios advindos do desenvolvimento da atividade turística (MTur, 2010). São pilares relacionados à comunidade, embasados nos princípios descritos acima:

(a) a comunidade local tem o uso e/ou direitos de propriedade dos recursos (tangíveis e intangíveis) utilizados para fins turísticos;

(b) a comunidade local, por meio de uma entidade (representante legal), desempenha um papel direto na tomada de decisão, direção e gestão dos recursos turísticos;

(c) o objetivo seja que a comunidade receba benefícios líquidos diretamente e/ou indiretamente de iniciativas de turismo.

Contudo, o desenvolvimento do turismo de base comunitária (ou comunitário) só poderá ocorrer se os protagonistas dos destinos forem sujeitos e não objetos do processo (Irving, 2009). Na tentativa de delinear uma conceituação para o turismo comunitário, Irving (Irving, 2009) apresenta algumas premissas que emergem como elementos centrais dessa atividade: base endógena da iniciativa e desenvolvimento local; participação e protagonismo social no planejamento, implementação e avaliação de projetos turísticos; escala limitada e impactos sociais e ambientais controlados; geração de benefícios diretos à população local; afirmação cultural e interculturalidade; compartilhamento e aprendizagem mútua entre o turista e os atores locais. A geração de benefícios diretos para as comunidades receptoras representa um componente de destaque no TBC.

1.7 Relevância da pesquisa

A questão da participação em comunidades tradicionais é um tema recorrente nas pesquisas de ciências sociais, sendo o aprofundamento nesta temática um alicerce importante para a reflexão sobre os processos que envolvem os atores sociais em suas lutas emancipatórias dentro de um programa de mestrado com esse objetivo.

Desde a fundação da Vila Céu do Mapiá, muitos cientistas, pesquisadores e entusiastas do modo de vida da floresta passaram pela comunidade buscando integrar conhecimentos científicos, muitas vezes a partir da perspectiva urbana, com o objetivo de melhorar as condições empíricas de vida na floresta. Muitos destes conhecimentos foram assimilados, mesmo que alguns fossem tanto contraditórios com os saberes tradicionais. Desta forma o compromisso de adentrar esse universo buscando uma real interação entre as novas tecnologias e o desenvolvimento social surge como um solo fértil para o momento atual da comunidade, que passa por uma transição interna e pela renovação a partir do marco histórico da construção de um novo templo e a reestruturação na organização social interna, justamente no momento marcantedo centenário do fundador Sebastião Mota de Melo.

Essa pesquisa visa valorizar os saberes tradicionais dos povos da floresta tendo a natureza como professora; utiliza as práticas de participação analisadas e sistematizadas pela ciência ocidental a fim de fortalecer os menos favorecidos e facilitar, a partir disto, que se estruturam com as tecnologias locais a fim de edificar, perante as constantes lutas de interesses, as riquezas amazônicas. A sabedoria local é repleta de simbolismo, sendo uma maneira única de lidar com a terra, com as medicinas que esta oferece através das plantas, de maneira simples e humana, possibilitando a interação entre os indivíduos que só poderão fortalecer novos caminhos de aprendizados inspirados no modo de vida natural.

Para um programa de mestrado que busca trabalhar com pesquisadores pautados nas Tecnologias para o Desenvolvimento Social, esta pesquisa pode contribuir para a percepção da comunidade acadêmica sobre a importância das tecnologias tradicionais que estruturam grupos e comunidades há milhares de anos. Essas tecnologias convivem com o objetivo de desenvolver, através de práticas simples, riquezas difíceis de mensurar devido aos ambientes e relações em que se dão, expressando, assim, uma riqueza social estruturada pela práxis.

A gestão participativa de uma comunidade com esta complexidade é um estudo profundo, e acredito que este é o desafio do campo de pesquisa. Por isso, esta pesquisa é relevante para os estudos dos povos da floresta, do Núcleo Interdisciplinar de Desenvolvimento Social, da Vila Céu do Mapiá, enfim, das Ciências Sociais.

1.8 Organização geral do trabalho

Na introdução e nos objetivos da pesquisa são descritas as características do campo em que ela é realizada, que é a Floresta Nacional do Purus, bem como suas peculiaridades como unidade de conservação, as questões relacionadas à ocupação do território pela comunidade intencional da Vila Céu do Mapiá e a religiosidade peculiar do Santo Daime na floresta. Este conteúdo é seguido das seções que apresentam a questão da pesquisa, direcionando o trabalho a partir de seus pressupostos e de sua relevância.

A metodologia da pesquisa é orientada pela perspectiva participativa, realizada através da pesquisa de campo na Vila Céu do Mapiá. Foram utilizadas ferramentas metodológicas de observação participante, bloco de notas, entrevista semi-estruturada, roda de conversa, questionário quantitativo e encontros comunitários ao longo do período de pesquisa.

A inspiração metodológica tem origem em um referencial teórico do turismo de base comunitária, a partir do pressuposto de que desta abordagem pode ser o caminho adequado para a experiência da visitação, se forem seguidos os ideais do modo de vida comunitário e as características locais, que exigem a conservação do patrimônio ambiental e cultural. Por isso, este foi o referencial teórico escolhido, pelo entendimento de que é o mais adequado à necessidade da comunidade de aprimorar a atividade turística sem perder os traços comunitários locais.

A Vila Céu do Mapiá se apresenta como um campo de interesse por estar localizada na região amazônica, por ser uma unidade de conservação e pela peculiaridade de ser a matriz de uma religião genuinamente brasileira, com características culturais que atraem visitantes de diversas origens durante todo o ano. Um pouco desta realidade é apresentada no terceiro capítulo deste trabalho, que caracteriza o modo de vida da Vila Céu do Mapiá.

A proposta no capítulo seguinte, baseado na pesquisa de campo, é a identificação do inventário do turismo local, levantando as potencialidades locais para a visitação com base na conservação ambiental e nas características comunitárias. A partir deste levantamento de dados também são apuradas informações que caracterizam os prestadores de serviço local e as características dos mesmos em relação à recepção de visitantes e à infraestrutura para a atividade turística.

Esta coleta de informações é em que se baseiamos resultados da pesquisa, que permitem vislumbrar práticas locais para a atividade do turismo a ser gerido de forma comunitária e participativa. Na relação entre a análise de resultados, a pesquisa bibliográfica e as peculiaridades locais, são apresentadas as considerações finais da pesquisa, com elementos sugestivos para a comunidade seguir o desenvolvimento das atividades relacionadas ao turismo comunitário na Floresta Amazônica.

2 Metodologia

2.1 Métodos da pesquisa

Seguindo os princípios que orientam esta pesquisa, fez-se fundamental a busca por uma metodologia que possibilitasse a interação entre o pesquisador e os interlocutores de forma mais horizontal. Assim, a prática metodológica escolhida para esta dissertação foi a participativa, seguindo métodos participativos que possibilitam a interação direta com os indivíduos e o grupo, tendo como objetivo a ampliação do olhar sobre os processos e relações entre comunidade e visitantes, possibilitando o aprofundamento deste conhecimento.

A natureza da realidade estudada nesta pesquisa (ontologia) é uma abordagem qualitativa e quantitativa, pensada a partir de um paradigma construtivista, ao interpretar a realidade social do grupo a partir do recorte da gestão participativa do turismo de base comunitária.

Quanto aos fins, a pesquisa é classificada como exploratória e aplicada, realizada em área com alto potencial sobre a temática em questão. A pesquisa busca ampliar a visão dos atores locais com finalidade prática, motivada pelo olhar do pesquisador em perceber a riqueza de elementos que possibilitam a atividade de turismo comunitário.

Quanto aos meios da pesquisa, foram usados: pesquisa bibliográfica, por meio de publicações científicas acessíveis à comunidade acadêmica; planejamento e cronograma das atividades de campo, seguido dos trabalhos de campo, utilizando métodos participativos, com o objetivo de obter dados sobre a realidade local (tendo sido feitas quatro visitas a campo, finalizando com um encontro na comunidade para validação dos resultados da pesquisa).

2.1.1 Trabalho de campo I: observação participante e bloco de notas

A primeira etapa da pesquisa de campo foi fruto de uma viagem à Vila Céu do Mapiá em outubro de 2018, como primeira visita para a elaboração desta dissertação de mestrado. Naquele momento, foi escolhida a metodologia da observação participante como caminho para uma observação etnográfica que potencializasse a interação, a coleta de dados e o diagnóstico da realidade local a partir do contato direto com o objeto da pesquisa, levando em consideração a característica exploratória da mesma.

Um dos critérios para a escolha dessa metodologia foi considerar a possibilidade de estar integrado a fatos casuais da comunidade sem a preocupação de fazer os registros sem texto, vídeo ou áudio na presença dos moradores. A observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade (Anguera, 1985,p.162).Assim, ela possibilita a observação plena e o registro feito a partir da nota de campo em momento individual do pesquisador. A condição do pesquisador esteve sempre explícita para a comunidade, permitindo que as conversas informais tivessem uma objetividade e uma qualidade em relação ao levantamento de dados qualitativos, além da atenção constante e plena inerente ao exercício da observação participante. Os observadores, sendo levados a partilhar papéis e hábitos dos grupos observados, encontram-se, assim, em condições favoráveis para observar situações, fatos e comportamentos, que dificilmente ocorreriam, ou que seriam reprimidos ou mesmo adulterados na presença de estranhos (Marshall; Rossman, 1995). Neste cenário, a nota de campo é uma ferramenta muito importante como documentação escrita, produzida pelo observador, que facilita o registro constante das experiências e percepções no campo (Bogdan; Taylor, 1998).

A primeira etapa da pesquisa de campo, realizada em outubro de 2018, foi fundamental não só para estabelecer a interação com a comunidade, mas também no campo intuitivo. Percepções subjetivas desta inserção no campo balizaram o seguimento da pesquisa e orientaram as decisões metodológicas aqui descritas. Durante este campo, houve um momento para a apresentação da proposta de pesquisa e a validação do trabalho com a presença do pesquisador, que aconteceu através de conversas com membros das gestorias, AMVCM e GTI. Este foi o momento em que se iniciou o processo de construção do elo entre as partes.

Ainda durante essa visita, muitos temas relacionados à gestão participativa e governança comunitária foram colocados em pauta, porém a definição e validação do aprofundamento na temática do turismo de base comunitária pela comunidade foi fundamental para o seguimento dos objetivos específicos apresentados neste trabalho, essa validação se deu a partir dos anseios já existentes na comunidade que vieram a convergir com a intenção da pesquisa. Seguindo desta aprovação, iniciou-se o processo de criação de vínculos e construção de um ambiente de confiança nas vivências cotidianas da comunidade e de levantamentos de dados a partir da metodologia descrita para esta fase da pesquisa. Essa etapa inicial foi a base para a busca da clareza para a comunidade

sobre qual era o papel do pesquisador, da comunidade e da pesquisa como resultado da participação entre estes atores.

O seguimento do processo acontece a partir dos anseios da comunidade na segunda etapa do trabalho de campo, que ocorreu na segunda quinzena de maio de 2019. Nesta ocasião, pôde-se aprofundar o debate sobre as expectativas que envolvem a questão e a percepção de que o trabalho depende do envolvimento dos interessados, seguindo os preceitos freirianos de que “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados, pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 1982, p.93).

2.1.2 Trabalho de campo II: entrevistas semi-estruturadas e rodas de conversa

Nessa segunda etapa metodológica, foi utilizada metodologia participativa em espaço comunitário, com todos os interessados, a fim de alinhar a visão sobre o direcionamento da questão relacionada à temática da visitação. Neste espaço comunitário que já estava em pauta a partir da demanda do Plano Diretor (PD) da Associação de Moradores para a governança local, foi elaborado um questionário sobre as ofertas turísticas (anexo A) com os produtos que a comunidade oferece aos visitantes no âmbito da hospedagem, lazer, transporte, serviços e alimentação. Esses questionários foram elaborados pelos moradores da comunidade e posteriormente aplicados pelos mesmos, no processo do Plano Diretor local, sendo o critério das perguntas elaborados a partir da comunidade. Eu, como um dos facilitadores do processo inicial do PD e pesquisador, aproveitei a sinergia das duas ações e a partir da análise de dados destes questionários, pude gerar dados que serão apresentados no capítulo correspondente. Neste momento da pesquisa, foi iniciada a elaboração de um diagnóstico sobre o atual cenário do turismo local. Os materiais utilizados para o registro do encontro foram caneta marcadora, folhas (*flip chart*) e uma boa dose de confiança para que os participantes pudessem se sentir à vontade para a construção do processo participativo.

A partir daí, chegou-se ao alinhamento e entendimento do grupo de que a ação que desejavam trabalhar naquele momento era o levantamento do cenário local para o turismo receptivo. Ao fim desse encontro, foi validado o questionário que seria aplicado em toda a comunidade na etapa seguinte, pelos atores locais, a fim de fortalecer a construção dos processos de governança internos, que já estavam acontecendo antes da pesquisa. Os agentes locais que aplicaram os questionários foram fundamentais para o alcance dos dados da presente pesquisa. A fim de levantar mais dados quantitativos neste

campo, foi feita uma análise documental junto aos arquivos da Associação de Moradores, sendo levantadas informações referentes ao histórico da Vila Céu do Mapiá, em documentos como o SNUC, o PDC, atas de encontros comunitários e documentos da Flona Purus.

2.1.3 Trabalho de campo III: entrevistas semi-estruturadas e observação participante

A etapa metodológica seguinte foi a identificação dos principais pontos que envolvem o cenário de visitação local apresentado pela comunidade e como esta realidade se manifesta no imaginário comunitário. Nessa etapa metodológica, foram feitas entrevistas semi-estruturadas, aplicadas junto aos membros da comunidade a fim de consolidar o levantamento de dados relacionados à característica da visitação na comunidade, ao impacto econômico da atividade, conservação ambiental, aspectos comunitários relacionados à religiosidade e às possíveis demandas práticas para o sucesso da ação comunitária em relação à visitação.

As entrevistas semi-estruturadas são caracterizadas por questões abertas que são, preferencialmente, previstas pelo entrevistador na forma de um roteiro que é levado à situação da entrevista. Espera-se que estas questões sejam livremente respondidas pelo entrevistado (Flick, 2009). Os atores comunitários foram escolhidos a partir dos critérios de diversidade de gênero, idade, setor em que trabalha, grau de instrução e disponibilidade, a fim de se ter uma amostra diversificada e representativa no resultado.

A busca por validar os conhecimentos levantados exigiu um cuidado específico na sistematização de informações empíricas coletadas, pois foram abordados aspectos fundamentais para o aprofundamento na questão prática da comunidade. Então, o papel do pesquisador, como facilitador do processo, que consegue perceber a interação entre o conteúdo e a prática a partir do canal do sentir, é fundamental para a construção de uma relação pautada na empatia, possibilitando outro valor à pesquisa (Flick, 2009).

2.1.4 Trabalho de campo IV: encontro comunitário

A continuidade do processo depois da realização das entrevistas semi-estruturadas se deu num encontro para realizar a devolutiva das entrevistas e, a partir disso, encaminhar ações práticas no âmbito dos objetivos e dos obstáculos identificados, identificar quem são os agentes e quais as ações a serem tomadas para melhorar o cenário do desenvolvimento local e o trabalho pela comunidade em relação ao turismo. Este é um

momento em que alguma hipótese sobre uma nova perspectiva do grupo e do pesquisador pode ser levantada. Foram considerados alguns dos aspectos fundamentais deste trabalho como o caráter participativo, o impulso democrático e a contribuição para a mudança social.

Após essas etapas iniciais de levantamento de dados, definiu-se coletivamente quais as ações prioritárias para atender ao objetivo da comunidade, organizando as atividades pautadas nos critérios definidos pela mesma.

Nesta etapa, a atividade de grupo, teve como objetivo a estruturação de ações que os participantes definiram como prioritárias para avançar de maneira prática em relação a um plano de ação coletivo. Algumas possibilidades de ajustes entre os participantes foram feitas para a elaboração do plano de ação para o desenvolvimento da atividade do turismo comunitário. Este encontro foi realizado na Santa Casa, sendo um dia intenso de trabalho feito pelo grupo para o encaminhamento prático e validação do plano de ação comunitário (anexo B). Esta atividade foi realizada a partir do impulso comunitário de organizar os festejos para o centenário do Padrinho Sebastião no ano de 2020.

2.1.5 Trabalho de campo V: caracterização dos atrativos

A partir da definição de ações pela comunidade, foi gerado um plano de ações mensuráveis e alcançáveis visando à continuidade do trabalho a fim de elaborar diretrizes para as melhores práticas na gestão do turismo comunitário. Utilizando os atrativos definidos pela comunidade, foi apresentado como resultado da pesquisa uma avaliação de cada atrativo baseado na metodologia Rovuc, utilizada pelo ICMBio, que pauta a elaboração de um documento que permita a caracterização dos mesmos. Esta etapa foi feita após a coleta de todos os dados previamente definidos e apresentada para a comunidade como um caminho de desenvolvimento da atividade de turismo comunitário.

2.2 Insumos metodológicos

2.2.1 Entrevista semi-estruturada

A entrevista é um processo de interação social no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central (Haguette, 1995). Para Minayo (1994), a entrevista privilegia a obtenção de resultados através da fala individual, a qual revela condições

estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos, e transmite, a partir de um porta-voz, representações de determinado grupo.

Estas peculiaridades que a entrevista semi-estruturada permite alcançar foram determinantes para a escolha desta ferramenta metodológica a fim de aproximar a perspectiva local e a conexão mais íntima com os atores locais para coletar dados de relevância para a pesquisa e para o seguimento da atividade turística na comunidade.

2.2.2 Roda de conversa

De acordo com Mélo(2007), as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro. Destarte, ao mesmo tempo em que as pessoas contam suas histórias, buscam compreendê-las por meio do exercício de pensar compartilhado, o que possibilita a significação dos acontecimentos.

Segundo Afonso e Abade (2008), as “Rodas de Conversa” constituem uma metodologia participativa que pode ser utilizada em diversos contextos, tais como escolas, unidades de saúde, associações comunitárias e outros, constituindo um trabalho de reflexão onde o conteúdo é estruturado a partir das questões do grupo e conforme o grupo consiga processá-lo. Para que isso ocorra, as rodas devem ser desenvolvidas em um contexto onde as pessoas possam se expressar, buscando superar seus próprios medos e entraves. Para auxiliá-las nesse processo de quebra dos entraves, bem como para facilitar a comunicação e a interação, pode-se fazer uso de técnicas de dinamização de grupo, utilizando recursos lúdicos ou não. Apesar de os coordenadores poderem escolher uma técnica visando a um objetivo, é o grupo quem “dá a palavra final”, ou seja, é ele quem vivencia e direciona a técnica para seus objetivos. Conforme ressaltam esses autores, as rodas de conversa se diferenciam de outras atividades grupais, como a terapia de grupo, pois, para o desenvolvimento das rodas, os sujeitos podem se expressar no grupo, mas não é necessário que sejam revelados seus segredos ou ultrapassados os limites de sua intimidade.

2.3 Rol de oportunidades de visitação em Unidades de Conservação (Rovuc)

Alguns pontos legais são fundamentais quando aprofundamos o olhar sobre a visitação em Unidades de Conservação, dentre as diversas responsabilidades na gestão de uma UC, duas se destacam de acordo com a Lei No. 11.516/2017 do ICMBio:

1. Conservar a biodiversidade, os recursos naturais e socioculturais, que prestam importantes serviços ambientais e representam os principais atrativos para a visitação nas unidades de conservação;

2. Promover e executar programas recreacionais, de uso público e de ecoturismo nas unidades de conservação, considerando as expectativas e as necessidades dos visitantes e provendo as ações do plano de manejo que maximizem a variedade de experiências de qualidade a serem oferecidas para o público.

Segundo documento do ICMBio,

o uso público é considerado uma importante ferramenta de conservação da natureza e aliado estratégico da proteção das UCs. A presença do visitante, assim como de pesquisadores e voluntários do uso público, auxilia no monitoramento das atividades e auxilia para inibir as práticas ilícitas que podem ocorrer na UC.(Crema e Faria, 2018)

A partir deste contexto, faz-se necessário olhar para ferramentas que possibilitem identificar e maximizar o potencial que o turismo pode gerar nas unidades de conservação trazendo benefícios econômicos e sociais.

O Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação, Rovuc, desenvolvido a partir de métodos consagrados de planejamento de áreas protegidas norte-americanas, se propõe a olhar para as unidades de conservação nas diversas categorias de manejo de forma a identificar e aproveitar as vocações de visitação de cada área, promover a oportunidade de negócios e consolidar o turismo como ferramenta de conservação e promoção do desenvolvimento socioeconômico (Crema & Faria, 2018).

A utilização do Rovuc como base metodológica para identificar a aptidão e características dos atrativos turísticos da Vila Céu do Mapiá, como área da Floresta Nacional do Purus, possibilita o uso público de acordo com as aptidões e vocações na visitação local. A partir da caracterização do Rovuc, a caracterização dos atrativos locais será apresentada nesta pesquisa.

O Rovuc é uma evolução da metodologia ROS (*Recreation Opportunity Spectrum*– Espectro de Oportunidades Recreativas), que foi criada pelo Serviço Florestal Americano, quando identificou que os visitantes buscavam algo a mais nas suas atividades de visitação, como aspectos pessoais, sociais, econômicos, culturais e ambientais, afim de melhorar a saúde, proporcionar harmonia familiar, aumentar a produtividade no trabalho, contribuir com a economia local, ampliar a consciência ambiental e colaborar com a conservação da natureza(Driver, 1990).

Com o passar do tempo, o ROS foi se espalhando por outros países e, quando chegou na América Latina, houve uma adaptação para a realidade local, sendo a metodologia batizada como Rango de Oportunidades para Visitantes de Áreas Protegidas-Rovap. Este documento incorporou sugestões de diversos técnicos da área de ecoturismo, tendo o enfoque na integração da experiência do visitante com a proteção de recursos naturais.

A partir da experiência da utilização do ROS/Rovapno planejamento da visitaçãõ de áreas protegidas, foram sugeridas mudanças aqui no Brasil para que a metodologia atendesse as especificidades do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Snuc). Essa nova adaptação aconteceu no âmbito do Programa Parceria para a Conservação da Biodiversidade da Amazônia.

A partir desta nova adaptação, surgiu o Rovuc, que pode ser utilizado como uma matriz para o planejamento da visitaçãõ em UC, mas também em outras áreas de proteçãõ brasileira como terras indígenas e outras áreas de interesse.

Segundo a metodologia do Rovuc,para se planejar uma oportunidade de visitaçãõ torna-se necessário entender a interaçãõ entre 4 quatroelementos (Driver; Brown, 1978):

1. Experiências;
2. Atividade;
3. Ambiente: são os atributos biofísicos, sociocultural e de manejo;
4. Benefícios: pessoais, sociais, econômicos, culturais e ambientais.

As oportunidades de visitaçãõ são formadas por estes quatro elementos, uma vez que os visitantes buscam realizar “atividades” em “ambientes” que lhe permitem obter as “experiências” desejadas, produzindo “benefícios” pessoais, sociais, econômicos, culturais e ambientais. Dessa forma, as motivações de um visitante não são as atividades em si mesmas, mas a combinaçãõ destes fatores (ICMBio,2018).

3 Referencial teórico da pesquisa

Neste capítulo, será realizada a revisão bibliográfica tendo como eixo central o turismo de base comunitária, os conceitos que tangem esta atividade e a fundamentação teórica para a análise do caso da Vila Céu do Mapiá. A seção estará dividida a partir dos pilares do turismo de base comunitária, que norteiam a argumentação direcionando a pesquisa para estas linhas temáticas estruturando a teoria. Em seguida, apresenta-se os fundamentos do TBC a partir de seus pilares conceituais, seguido da polarização a partir do olhar positivo e negativo que sustentam a atividade do turismo, tendo como desfecho o aprofundamento do conceito de turismo situado (sítios situados) que baliza não só o TBC, mas outros trabalhos relacionados à comunidade e à identidade comunitária.

3.1 Pilares do Turismo de Base Comunitária

Embora não haja uma definição amplamente aceita do Turismo de Base Comunitária (TBC), a literatura específica considera como elemento comum a interpretação da comunidade como sujeito de seu próprio avanço, participando da concepção, desenvolvimento e gestão do turismo (Sansolo; Bursztyn, 2009; Irving, 2009).

Algumas definições, no entanto, vão além, defendendo que o turismo comunitário deve se comprometer a dividir os benefícios advindos do turismo entre os membros da comunidade (Maldonado, 2009). Há ainda aqueles que associam o TBC às práticas da economia solidária, que tem como princípios a autogestão, a democracia, a participação, a cooperação e a distribuição igualitária (Singer, 2010; SAMPAIO et al., 2011).

A proposta de uma gestão comunitária participativa para o desenvolvimento por meio do turismo, para Benevides (1997), enseja a equalização de cinco objetivos: conservação ambiental; identidade cultural; geração de ocupações produtivas e de renda; desenvolvimento participativo; e qualidade de vida. Dessa forma, fica evidente que a busca pelo desenvolvimento por meio do turismo comunitário impõe reflexões acerca dessas questões. Sendo estes os pilares que norteiam o TBC no campo conceitual:

I – PERSPECTIVA SOCIOAMBIENTAL

Questão ambiental.
Consumo crítica.

Revalorização Cultural.
É um turismo que contribui para a manutenção da propriedade e dos recursos naturais locais.
Engajamento dos turistas em ações sociais e ambientais.
A população local tem papel fundamental: é protagonista no desenvolvimento que deseja.
Pode-se tornar uma forma de resistência frente a mega projetos turísticos e especulação imobiliária.

II – PERSPECTIVA INSTITUCIONAL

Políticas públicas.
Redes Sociais.
Compromisso com os sítios simbólicos e o desenvolvimento situado.
Movimentos sociais e o protagonismo social.
Hospitalidade comunitária.
É considerado uma forma de diversificar a economia local, e não substitui as atividades tradicionais locais.

III – PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Experiência de primeira mão.
Autenticidade.
Encontros interculturais.
Benefícios econômicos na perspectiva solidária (não é segmento de mercado).
O Turismo de Base Comunitária (TBC) é formado por serviços autogestionados (cooperativas e associações).
Responsabilidade social na prática do turismo.
É um turismo que contribui para melhorar distribuição dos benefícios e igualdade de oportunidades.

3.2 Turismo de Base Comunitária

De acordo com o documento de Princípios e Diretrizes para o Turismo de Base Comunitária em unidades de conservação lançado pelo ICMBio (Brasil, 2018), os principais objetivos são: apoiar na gestão para a implementação de diretrizes e acordos compatíveis com a conservação da biodiversidade; manter o compromisso com a preservação da cultura e da história das comunidades locais; e garantir o protagonismo comunitário no desenvolvimento da atividade do turismo, contribuindo para o alcance dos objetivos do Snucpara a integração com as demais áreas protegidas e a inserção no contexto do desenvolvimento local.

O protagonismo das populações locais no desenvolvimento do turismo, o fortalecimento da organização cultural ea distribuição equitativa dos benefícios socioeconômicos associados ao turismo são alguns pressupostos do Turismo de Base Comunitária (TBC). As iniciativas de turismo de base comunitária têm se expandido e consolidado por meio da formação de redes, do estabelecimento de arranjos institucionais e do apoio de políticas públicas em todo o mundo e, também, no Brasil (Bursztyn; Sansolo, 2010).

Em pesquisa que buscou compreender o cenário do TBC no Brasil, Bursztyn e Sansolo (2010) analisaram as características e especificidades de algumas iniciativas. Entre os aspectos analisados, os autores apontam que 54% dos projetos apoiados são realizados no interior ou no entorno de unidades de conservação, o que revela a necessidade de se compreender melhor como as iniciativas de turismo de base comunitária se desenvolvem nessas áreas, bem como que tipo de arranjos institucionais são estabelecidos para tal.

Essas iniciativas são comumente defendidas pelos órgãos gestores e, também, pela iniciativa privada, como oportunidades para a geração de emprego e renda para as comunidades locais. Contudo, é necessário qualificar a inserção de mão de obra local em termos da melhoria de qualidade de vida e da possibilidade de fortalecimento de iniciativas protagonizadas pelas comunidades locais ou mesmo em associação a empreendedores externos, desde que “situados” ao contexto socioeconômico local (Zaoual, 2008).

O turismo de base comunitária tem sido considerado, no âmbito das políticas públicas, como uma estratégia para a redução da pobreza e para promover impactos sociais e ambientais positivos, com diferentes experiências em diversos países (Bartholo, Sansolo, Burzstyn, 2009). O TBC pode ser interpretado a partir de diferentes abordagens: a concepção de turismo responsável e código de ética; o protagonismo e a participação social das comunidades receptoras; o sentido de pertencimento; a identidade e o

intercâmbio cultural; a abordagem empresarial; e, também, a interpretação do turismo de base comunitária como alternativa de organização social do turismo, em contraponto ao turismo caracterizado como “convencional”.

É nesse sentido que ganha força o que Zaoual (2008) desenvolve como a “Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento”, entendendo o sítio como local onde ocorrem trocas simbólicas diversas (de crenças, de conhecimentos, de comportamentos e de práticas sociais) que irão determinar o processo de desenvolvimento econômico. Segundo Zaoual (2008), na perspectiva do turismo de base comunitária, visitantes e visitados estão mais disponíveis para dialogar e compartilhar os aspectos culturais e estabelecer interlocuções com o sítio simbólico de pertencimento.

A razão epistemológica fundamental é a crença no automatismo das leis do mercado e a concepção cega de que todas as sociedades humanas, pequenas ou grandes, funcionam sobre o mesmo modelo de desenvolvimento e de evolução. A ciência, ainda dominante, mas em declínio intelectual irremediável, tem horror ao único e às variáveis incalculáveis, como os valores e as culturas dos atores presentes comumente ignorados. Ora, a experiência demonstra o contrário: a força da diversidade. Assim, as mudanças sociais tomam ramificações inesperadas para os *experts* do modelo único, em razão da reação dos sítios múltiplos (Zaoual, 2006).

Nessa perspectiva de planejamento do turismo, em geral, os anfitriões decidem os serviços que serão oferecidos e são os responsáveis pelo processo de organização e operação, são portanto autores do projeto, desde sua concepção até a implementação. Conforme ressalta Bursztyn: “a participação social das populações locais em todas as etapas do processo de desenvolvimento turístico se configura como essencial para o sucesso dessas iniciativas”(Bursztyn, 2009, p. 112). Conforme destaca o autor, o nível de protagonismo social indica a capacidade do projeto de turismo de base comunitária atingir seus objetivos e influenciar em processos de decisão sobre o planejamento e o desenvolvimento local.

Algumas experiências observadas nas unidades de conservação de uso sustentável indicam que, para os casos em que o turismo ocorre dentro das Florestas Nacionais (Flonas), é fundamental que a atividade esteja integrada aos instrumentos de promoção dos produtos da sociobiodiversidade, observando todos os elos da cadeia produtiva, tais como: a assistência técnica para as boas práticas de manejo das espécies do extrativismo; a capacitação para a organização social e produtiva; o fomento para aquisição de equipamentos e infraestrutura para o beneficiamento do material coletado; as políticas de apoio à comercialização; e a busca por mercados diferenciados para os produtos com

valor agregado pelas comunidades extrativistas (Brasil, 2009). A atividade turística está prevista no instrumento de gestão do território existente, sendo o plano de manejo da Flona Purus este documento.

Dessa forma, é possível que o turismo seja planejado pelas próprias comunidades tradicionais, em parceria com o poder público e sem prejuízo para a principal vocação econômica do território, que deve ser a atividade tradicional. A ideia defendida aqui é que o fator de atração dos turistas seja, além dos atrativos naturais, a organização comunitária em torno da gestão do território e do uso e beneficiamento das espécies da biodiversidade, numa relação que valorize tanto a manutenção dos biomas, a exemplo da floresta, quanto as práticas e saberes tradicionais associados à reprodução das comunidades humanas naquele ambiente específico.

Para esta proposta, vale lembrar ainda, conforme alerta Rezende (2016), que é imprescindível que o planejamento seja desenvolvido sob a ótica das comunidades anfitriãs, abordando, para além da promoção da atividade turística, a valorização da hospitalidade comunitária, priorizando os processos de interação social, de trocas baseadas na lógica da dádiva e de afirmação de valores que reafirmam a identidade cultural e o sentimento de pertencimento da população ao lugar.

3.3 O TBC na prática

Definir o conceito de “comunidade” é definir os princípios, valores, normas e instituições que caracterizam o modo de organização e convivência de um grupo humano. O principal objetivo da organização comunitária é a garantia do bem-estar e da sobrevivência dos indivíduos, famílias e organizações que compõem este grupo de maneira a preservar a identidade cultural. As comunidades tradicionais residentes nas Unidades de Conservação estão encontrando no Turismo de Base Comunitária (TBC) uma alternativa de renda, uma oportunidade de valorizar a própria cultura e uma forma de integrar os jovens ao modo de vida local. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, junto às comunidades, vem, desde 2011, ampliando seu entendimento sobre o assunto (Crema; Faria, 2017). No âmbito institucional, a comunidade rege-se por normas sociais, econômicas e políticas que regulam os processos de tomada de decisão, alocação de recursos, aplicação de justiça e repressão de delitos conforme os acordos com o Snuc e os acordos comunitários feitos a partir dele.

O patrimônio comunitário é formado por um conjunto de valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefatos, lugares e

representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis existentes em um povo. Seu modo de vida e organização social, sua identidade cultural e suas relações com a natureza expressam através desses elementos. Com apoio nessas premissas, o turismo abre vastas perspectivas para a valorização do acervo do patrimônio comunitário(Maldonado, 2009).

Diversas experiências e pesquisas vêm apresentando resultados positivos em relação à consciências dos atores locais sobre os bens patrimoniais como a natureza, os saberes tradicionais e culturais, além de novas formas de gestão do território.

As estruturas de participação, decisão e controle que repousam sobre as instituições de diversas comunidades que aderiram ao turismo de base comunitária nutrem-se dos princípios da equidade, reciprocidade e confiança. Estes princípios constituem a base do capital social, que designa o conjunto de valores, conhecimentos coletivos (ancestrais), técnicas de produção e formas de conduta e de organização suscetíveis à geração de comportamentos de cooperação entre seus membros e de eficiência no trabalho, com a finalidade de preservar a coesão social e garantir suficientes meios de vida para assegurar a sobrevivência do grupo como tal(Maldonado, 2009).

A partir da singularidade da Vila Céu do Mapiá fica claro o motivo pelo qual turistas do Brasil e do mundo buscam a interação com a cultura local, rica em simbolismos manifestados através do modo de vida da floresta, dos rituais do Santo Daime, da utilização das medicinas da floresta, do feitio do sacramento, artesanato, manejo florestal, construções e da boa vibração do povo da floresta. O fator humano e cultural da experiência é o que cativa o turista e precede a simples motivação de imersão na natureza.

A declaração de San José elaborada por povos indígenas e rurais da América Latina sobre o Turismo Rural Comunitário traz elementos fundamentais para a conceituação do TBC a partir de práticas das comunidades tradicionais.

Nossa concepção de desenvolvimento do turismo é sustentado nos valores de solidariedade, cooperação, respeito pela vida, conservação e aproveitamento sustentável dos ecossistemas e da diversidade biológica que estes englobam. Conseqüentemente, nós somos contra qualquer desenvolvimento do turismo em nossos territórios que prejudique nossos povos, sua cultura e o meio ambiente.(Declaração de San José)

O turismo não deve competir nem suplantar as atividades tradicionais que têm garantido a sobrevivência de tais povos. É concebido como um complemento ao progresso econômico e ocupacional para potencializar e dinamizar as atividades tradicionais que as comunidades controlam com sabedoria e maestria (Maldonado, 2009).

Nós esperamos que nossas comunidades possam prosperar e viver com dignidade, melhorando as condições de vida e de trabalho de seus membros. O turismo pode contribuir na concretização desta aspiração na medida em que

fizemos dele uma atividade socialmente solidária, ambientalmente responsável, culturalmente enriquecedora e economicamente viável. Com esta finalidade, exigimos uma distribuição justa dos benefícios que gera o turismo entre todos os atores que participam de seu desenvolvimento. (Declaração de San José)

A difusão do turismo cria oportunidades para as comunidades, mas também exerce pressões, que podem trazer dificuldades para os pequenos empreendimentos que funcionam de forma isolada. Na área do turismo comunitário, são evidentes as graves restrições que as comunidades enfrentam na relação com o mercado, ao permanecerem excluídos das instituições governamentais e discriminados no acesso a recursos de produção, mercados, serviços empresariais e demais incentivos oferecidos a estratos empresariais. Em particular, a dificuldade de acesso a educação, formação profissional, serviços básicos de saúde e infraestrutura de transporte é notória. Tudo isto conduz a uma grande instabilidade e fraca competitividade dos negócios comunitários.

Consideramos que ao empreender qualquer atividade econômica, e o turismo em particular, deve-se adotar uma política de planejamento e gestão sustentável dos recursos naturais. Queremos ser cautelosos quando da construção de novas infraestruturas ou ampliação das já existentes. Declinamos vender ou ceder em concessão nossas terras a indivíduos que não sejam de nossas comunidades. Desaprovamos toda decisão que viole este princípio. (Declaração de San José)

O turismo pode ser uma atividade invasora e depredadora, gerando frequentemente graves efeitos negativos. As pesquisas nesta área alertam sobre os possíveis riscos que conduzem a efeitos como a criação de conflitos internos, a aceleração de uma aculturação dos jovens, o enfraquecimento da coesão social, além de impactos ambientais. Isto ocorre quando a atividade turística não é devidamente debatida e planejada suficientemente na comunidade, quando a sua gestão é deficiente e quando subestima o comportamento dos visitantes e das exigências das operadoras de turismo. As comunidades mais dinâmicas têm procurado abordar as exigências do mercado e suas próprias restrições de duas maneiras: diferenciando o seu produto e educando os seus profissionais (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009).

3.4 O conceito de Turismo Situado (sítios situados)

Em um de seus trabalhos sobre a teoria dos sítios, Hassan Zaoual faz referência ao texto de Martin Heidegger *Unterwegs zur Sprache*. Aqui duas sentenças de base da proposição heideggeriana merecem destaque. São elas:

... O sítio reúne em si o mais elevado e o mais externo. O que é assim reunido penetra e perpassa todo o resto. Como lugar de recolhimento o sítio guarda e mantém em si o recolhido, mas não como num encapsulamento fechado, e sim de modo a animar e transparecer o recolhido, para deixá-lo em seu modo próprio de ser.

... O coração da proximidade não é a distância, mas sim encaminhamento do face a face. (Heidegger *apud* Zaoual, 2008)

A partir destas frases podemos navegar sobre o que Hassan Zaoual define como os sítios simbólicos e conseqüentemente, como utilizar este conceito para o embasamento teórico e crítico da atividade turística no âmbito comunitário. O entendimento do autor é de que o conceito de sítio se dá a partir da proximidade, que está ligada à vizinhança, mas ele entende que vizinhança não necessariamente é somente definida a partir do espaço físico, mas também a partir da proximidade. Nas palavras de Zaoual: "... a proximidade é antes de tudo um sentido e este não pode ser calculado"(Zaoual,2006, p.61). Ou seja, para a compreensão de um sítio simbólico de pertencimento, as noções de uma métrica de distância não têm sentido para a construção desse conceito. O lugar da proximidade é o encontro face a face, um acontecimento que habita dimensões meta-espaço-temporais. Talvez embaralhando mais a cabeça do leitor e do próprio pesquisador, a ideia de Heidegger sobre o encontro face a face é a seguinte: "... costumamos considerar o encontro face a face exclusivamente como relacionamento entre seres humanos.(...) O encontro face a face surge, no entanto, de bem mais longe. Surge daquela amplitude em que terra e céu, Deus e homens se atingem"(Bartholo,2009,p.46). Zaoual, comentando Heidegger, afirma que é nessa perspectiva que o sítio encontra toda sua plenitude e que a proximidade vigora como aproximação e cumplicidade bem além da distância.

No caso dos serviços de visitação, os padrões relacionais de acolhida e hospitalidade são elementos-chave para práticas situadas do turismo de base comunitária. Como podemos observar em diversos locais relacionados ao TBC, um elemento comum presente nas iniciativas é o comprometimento ativo dos atores locais, situacionalmente afetados e em redes informacionais transnacionais. A mobilização das comunidades possibilitam a resistência e o questionamento dos rumos do desenvolvimento turístico nesse território. A luta pela posse da terra, a luta pelo direito ao uso sustentável dos recursos naturais ou mesmo a luta pelo direito à simples existência formam a base de uma coesão que fortalece o sentido de comunidade(Bartholo, 2009,p.46).

Na Vila Céu do Mapiá, o turismo não é uma atividade caracterizada com a identidade local, mesmo sendo realizada desde a sua criação, a atividade se apresenta muito mais como uma expressão da realidade externa impressa através do fortalecimento do modelo econômico capitalista nas profundezas da Floresta Amazônica do que uma atividade de desenvolvimento local. Uma das características fundamentais do TBC e que difere do turismo convencional é a nítida preponderância dos padrões relacionais interpessoais nos serviços turísticos ali implementados. A dialogicidade situada foi facilitadora da abertura de fortes canais de interlocução com o patrimônio relacional do sítio simbólico de pertencimento. A prática das iniciativas turísticas de base comunitária

exigem então uma permanente interlocução e uma pactuação negociada de compromissos.

No exercício contínuo de definir o conceito de sítios situados, Zaoual diz que o sítio não é apenas uma caixa-preta “... que contém mitos fundadores, valores, revelações, revoluções, sofrimentos e experiências do grupo humano em questão” (Zaoual,2008,p.68). O sítio também inclui em si uma “caixa conceitual”, que abrange conhecimentos comuns empíricos e/ou teóricos, e ainda uma “caixa de ferramentas”, contendo seus modos de organização, seus modelos de comportamento e de ação, seu saber-fazer, suas diversidade de olhares técnicas etc. E nenhum interlocutor genuíno deve considerar isoladamente as caixas simbólica, conceitual e de ferramentas, pois “... o todo está ligado pelo sentido implícito do sítio”, “... o senso comum que o sítio dá a seu mundo percorre o conjunto dessas ‘caixas’, nenhuma delas estando isolada do restante”(Zaoual,2008,p.68).

Esta perspectiva tem profundas implicações para práticas turísticas situadas de base comunitária. Os sítios são comunidades de sentido. A ida de um viajante a um sítio é também uma possibilidade de compartilhar a experiência de sentido que ali se dá, pois os sítios como comunidades de sentido

impregnam o conjunto das dimensões dos territórios da vida: com relação ao tempo, à natureza, ao espaço, ao habitat, à arquitetura, ao vestuário, às técnicas, ao saber-fazer, ao dinheiro, ao empreendedorismo etc. Antes de se materializar nos feitos e gestos dos atores ou em qualquer outra materialidade visível a olho nu, os sítios são entidades imateriais fornecedoras de balizamentos para os indivíduos e organizações sociais. (Bartholo, 2009,p.51)

Esse olhar convida tanto os visitantes como os moradores locais a se colocar numa posição dialógica, ou seja, a estarem abertos para o encontro genuíno com o outro. Esse contato se dá a partir desta conduta que permite a interface do diálogo genuíno até o sentimento de empatia, sem pré-julgamentos.

4 Descrição da Vila Céu do Mapiá

A Floresta Nacional do Purus foi criada em 1988, durante o governo de José Sarney, no Programa Nossa Natureza do Governo Federal. A criação deste programa e consequentemente, da Floresta Nacional do Purus foi motivado por dois fatores contextuais daquele momento. O primeiro foi a crise da dívida externa da América Latina, que ocorreu nos anos 1980, conhecida como a “década perdida”. Houve uma intensa negociação do Banco Mundial com países credores, e os países em desenvolvimento como o Brasil acumularam dívidas que se tornaram impagáveis (Brasil,2009). O segundo fator foi a publicação do relatório Bruntlandt pela Comissão das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Cnumad), criada em 1982, em comemoração aos dez anos da Conferência de Estocolmo. Esta havia chamado a atenção das autoridades mundiais, pela primeira vez, para a crise que o planeta enfrentava, sendo um dos marcos para a criação da consciência ambientalista mundial. Durante cinco anos o Cnumad viajou por vários países elaborando um relatório em que acurava a real situação ambiental do planeta e as premissas para garantir sustentabilidade para o desenvolvimento global. Um dos pontos do relatório foi a preservação da Amazônia.

Durante reunião no final dos anos 1980 com a cúpula do G-7, foi apresentado o relatório do Cnumad, que apontava a Amazônia como um dos pontos para a conservação ambiental. Assim, o Brasil foi pressionado a atender as pressões dos credores internacionais por aumento de áreas protegidas na Amazônia. Em dois anos o Programa Nossa Natureza criou 16 Florestas Nacionais na Amazônia e milhares de hectares de área protegida em troca de amortização da dívida internacional. No entanto, não foi possível tomar certos cuidados na criação das unidades de conservação (Brasil,2009).

Os dados utilizados pelo Inbra estavam desatualizados e a dificuldade do levantamento em áreas remotas da floresta trouxe algumas peculiaridades na demarcação de áreas como a sobreposição das áreas preservadas com algumas comunidades tradicionais que viviam na região.

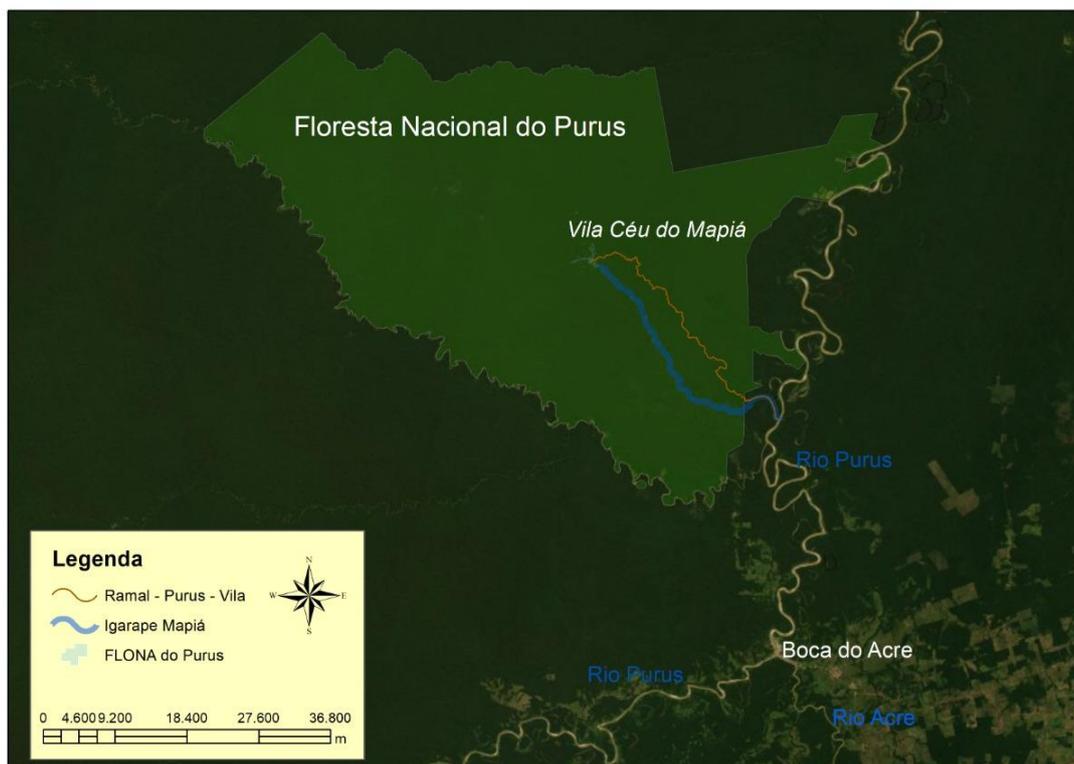


Figura 4 – Mapa Flona Purus (fonte:Adnet Florestal, 2019)

Antes da Lei No.9.985/00, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Snuc), não existia nenhum instrumento jurídico que tratasse a gestão e o uso das áreas protegidas de forma unificada. O artigo 2 do Snuc caracteriza as unidades de conservação como:

o manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral. (Brasil, 2000)

E caracteriza o uso sustentável como “exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável” (Brasil, 2000).

Sendo esta a definição legal para unidade de conservação, inspirados nos princípios para a conservação da natureza e na realização do uso sustentável dos recursos naturais, compreende-se as diretrizes legais que balizam a atividade da unidade de conservação e conseqüentemente na presente pesquisa. A partir destes princípios, o Snuc tem alguns objetivos que se relacionam diretamente com a visitação em unidades de conservação, que estão no quarto artigo da lei. Seguem alguns dos incisos que impulsionam a atividade:

- promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais;
- promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento;
- valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica;
- favorecer as condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico;
- proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente.

As unidades de conservação que fazem parte do Snuc estão divididas em dois grupos com características específicas: as Unidades de Proteção Integral, que têm como objetivo a preservação da natureza, sendo admitido somente o uso indireto dos seus recursos. ou em casos específicos previsto por lei; e as Unidades de Uso Sustentável, que têm a característica de compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável dos seus recursos.

Unidades de Proteção Integral	Unidades de Uso Sustentável
Estação Ecológica	Área de Proteção Ambiental
Reserva Biológica	Área de Relevante Interesse Ecológico
Parque Nacional	Floresta Nacional
Monumento Natural	Reserva Extrativista
Refúgio de Vida Silvestre	Reserva de Fauna
	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
	Reserva Particular do Patrimônio Natural

Tabela 1 – Categorias de UCs definadas pelo SNUC (fonte: MMA,2000)

Todos estes perfis de unidades de conservação estão descritos no Snuc, porém serão aprofundadas aqui as características da Floresta Nacional pela sua pertinência para o desenvolvimento deste trabalho. A Floresta Nacional é uma área com cobertura florestal de espécies predominantemente nativas e tem como objetivo básico o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para a exploração sustentável das florestas nativas (Snuc, Artigo 17, 2000). Sobre esta especificidade da Flona, estão descritos alguns incisos no artigo dezessete que fomentam o segmento da presente pesquisa:

- a permanência de populações tradicionais é admitida quando já habitam quando da criação da Flona e que esteja em conformidade com o Plano de Manejo da mesma;
- a visitação é permitida condicionada às normas locais;
- a pesquisa é permitida e incentivada sujeitando à prévia autorização do órgão responsável pela administração da unidade.

O artigo 27 do Snuc determina que as unidades de conservação devam dispor de um plano de manejo, que é, segundo o documento:

o documento técnico mediante o qual com fundamento nos objetivos gerais de uma Unidade de Conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da Unidade. (Snuc, 2000)

O documento ainda estabelece que, na elaboração, atualização e implementação do Plano de Manejo das Florestas Nacionais, quando couber, será assegurada a ampla participação da população residente, visando à construção a partir de processos participativos, promovendo a conscientização sobre importância e benefícios da Unidade de Conservação (UC).

Para que as unidades de conservação alcancem os objetivos de sua criação, são definidas zonas de manejo, normas e estratégias para a implantação e conservação dos instrumentos de planejamento dessas áreas protegidas, como o plano de manejo, plano de uso público, plano de proteção e etc. No que tange o uso público, todas as UC possuem vocação e aptidões para determinada combinação de experiências de visitação, que variam de acordo com a categoria de manejo e suas características cênicas, naturais, culturais e sociais (ICMBio, 2018).

A demarcação de uma Unidade de Conservação tem papel fundamental para a definição do território das comunidades locais, assim como para o Snuc, com um conjunto de unidades que o integram, fortalecendo a conservação ambiental e o desenvolvimento do município onde se situa.



Figura5: Comunidade intencional Vila Céu do Mapiá na Flona Purus, município de Pauini
(fonte: Adnet Florestal, 2019)

4.1 Organização social

A construção do poder popular depende de uma transformação radical do estado que articule a ampliação e o aprofundamento das instituições da democracia representativa e das liberdades democráticas, conquistadas das lutas, com a construção de formas de democracia direta na base e também de formas de autogestão (Nascimento, 2004).

A necessidade de se associar é inerente ao ser humano. Nas áreas rurais, a organização social institucionalizada surge das necessidades e interesses voltados para as relações de mercado e da busca pela efetivação dos direitos fundamentais. Essa entidade representativa assume a identidade de um grupo específico, e o reconhecimento para que se relacione com mediadores externos está condicionada a instrumentos normativos que lhe são exigidos. Esta organização atende a demandas exógenas ao modo de vida rural. Seus instrumentos, como atas, reuniões, estatuto, entre outros, não são prática cotidiana do trabalhador ribeirinho, extrativista, agricultor e diarista, cujo vínculo imediato se dá com a terra. No caso da Floresta Nacional, como na maioria das comunidades amazônicas, os moradores associam-se considerando a distribuição espacial, vínculos religiosos e laços de parentesco (Brasil, 2009).

Os moradores da Vila Céu do Mapiá dispõem de um conjunto de organizações sociais que desenvolvem ações diferenciadas que convergem para a melhoria da qualidade de vida. Serão apresentadas a seguir as principais organizações comunitárias:

- Associação dos Moradores da Vila Céu do Mapiá – AMVCM;
- Cooperativa Agroextrativista do Mapiá e Médio Purus – Cooperar;
- Instituto de Desenvolvimento Ambiental Raimundo Irineu Serra – Idaris;
- Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – Iceflue;
- Grupo de Trabalho Interdisciplinar – GTI.

A maior parte de envolvidos nestas organizações são os moradores da Vila Céu do Mapiá, devido à proximidade espacial, facilidade financeira, grau de escolaridade e envolvimento com atividades religiosas. São exceções Iceflue Cooperar, que têm participantes de fora da vila, porém com identificação e ligação estreita com o trabalho na comunidade.

Associação de Moradores da Vila Céu do Mapiá – AMVCM

A Associação de Moradores da Vila Céu do Mapiá (AMVCM) foi fundada em 1987, disposta de administração com estrutura organizacional definida por setores responsáveis. É composta por membros da doutrina com/ou sem formação acadêmica, que planejam ações para gestão da área da vila.

O processo de gestão comunitária da Vila Céu do Mapiá se dá oficialmente pela Associação de Moradores da Vila Céu do Mapiá, que é uma associação formal, tendo um estatuto com cargos de diretoria tradicionais (apêndice E). Ainda existem quinze grupos de trabalho que foram definidos de forma comunitária, chamados de gestorias (apêndice D) (www.santodaiame.org em 2019).

Cooperativa Agro-Extrativista do Médio Purus e Igarapé Mapiá – Cooperar

A Cooperar (Cooperativa Agro-Extrativista do Mapiá e Médio Purus) foi criada em 1999 para viabilizar projetos de desenvolvimento previstos no PDA (Projetos Demonstrativos “A”), financiados pelo Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7), desenvolvidos pelo Ministério do Meio Ambiente. Esses projetos proporcionaram a aquisição de equipamentos para a produção de óleos vegetais e implantação de viveiros envolvendo a AMVCM e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) do município de Pauini (AM). Atualmente, a Cooperar é responsável pelo manejo madeireiro da Flona Purus, pelo programa de soberania alimentar entre outras atividades no âmbito do agroestrativismo (www.santodiame.org em 2019).

Instituto de Desenvolvimento Ambiental Raimundo Irineu Serra – Idaris

O Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (Cefluris) foi criado originalmente como um centro espírita da Doutrina do Santo Daime no início da década de 1970, em Rio Branco (AC). No início da década de 1980, no entanto, o grupo representado pelo Cefluris estabeleceu-se no meio da floresta, fundando a Vila Céu do Mapiá. Até meados da década de 1990, essa comunidade florestal tornou-se sede de um movimento religioso de envergadura internacional. Nos anos iniciais de todo esse processo, o Cefluris era a única entidade com personalidade jurídica disponível para representar socialmente aquela população isolada do interior da floresta.

Assim, o Centro foi se tornando, progressivamente, responsável pelo atendimento da maior parte das necessidades sociais internas vitais da Vila Céu do Mapiá. Com isso, o antigo centro espírita passou a acumular um conjunto de funções extremamente complexas, de ordem religiosa, cultural, social e até econômica, difíceis de serem administradas por uma só entidade civil. Ainda mais difícil neste caso, em que a instituição dispunha apenas de um estatuto característico de centro espírita. Desse modo, em 1998, para fazer frente aos aspectos de ordem social da missão que foi assumindo espontaneamente ao longo dos anos, o Cefluris, originalmente organizado como centro espírita, passou por profunda reestruturação, transformando-se numa ONG: o Instituto de Desenvolvimento Ambiental Raimundo Irineu Serra (Idaris). Esta organização é responsável pelas articulações relacionadas ao âmbito econômico, social, ambiental e cultural na Vila Céu do Mapiá³ (www.santodaime.org em 2019).

Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – Patrono Sebastião Mota de Melo – Iceflu

A Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – Patrono Sebastião Mota de Melo (Iceflu) é a entidade religiosa que foi criada com a reforma institucional por que passou o Cefluris em 1998, quando este deixou de ser centro espírita, para se transformar em ONG (o Idaris). A Iceflu estrutura institucionalmente o movimento religioso do Santo Daime sediado na Vila Céu do Mapiá. Esta igreja congrega adeptos da doutrina do Santo Daime em todo o Brasil e em diversos países do mundo e está sediada na Floresta Nacional. A Iceflu é a instituição que representa mais profundamente a identidade do

³ Disponível em www.santodaime.org. Visitado em 2020.

movimento cultural característico da população da Vila Céu do Mapiá e microbacia hidrográfica do igarapé Mapiá (www.santodaime.org em 2019).

Grupo de Trabalho Interdisciplinar – GTI

O Grupo de Trabalho Interdisciplinar (GTI) foi criado com o intuito de integrar e unificar as diversas organizações atuantes na Vila Céu do Mapiá, sendo uma instância aberta e com poder de decisão pela representatividade comunitária. Este grupo foi criado a partir das oficinas do Plano de Desenvolvimento Comunitário em 2004. Os encontros deste grupo acontecem regularmente e são deliberadas ações em todos os níveis comunitários.

4.2 Organização econômica

Para Coraggio (2000), o empreendimento solidário não objetiva acumular capital, mas melhorar a qualidade de vida de seus membros. A economia é baseada no trabalho para satisfazer as necessidades e desejo legítimo de todos. O que se pretende é a reprodução ampliada da vida e não do capital. A unidade doméstica é a célula da economia solidária e popular, podendo ser formada por vínculo de sangue, ou apenas por pessoas da comunidade, vizinhos ou amigos que se unem e articulam estratégias a fim de reproduzir a vida. O trabalho na Vila Céu do Mapiá manifesta na vida prática traços deste conceito.

A base econômica da população residente na Floresta Nacional do Purus é composta pelas atividades extrativistas, agrícola e pecuária, e caracterizada por uma pequena produção destinada ao sustento familiar e pelo comércio do excedente. A visitação é uma importante atividade econômica, porém, não há uma definição de como realizá-la em conformidade com outras atividades. Na caracterização da população, identificam-se as diferentes formas de uso dos recursos naturais. Nessa apropriação, destacam-se como variáveis determinantes a organização social e a facilidade de acesso e experiências anteriores no trato com estes recursos.

Analisadas a partir do conceito da economia popular de José Luis Coraggio, são marcantes algumas características da economia na Vila Céu do Mapiá que fortalecerão as possibilidades relacionadas ao Turismo de Base Comunitária como atividade de geração de renda local. É muito importante advertir que a unidade de análise econômica não deve

ser nem a do indivíduo que trabalha por conta própria, tampouco a da microempresa(Coraggio, 2000).

A unidade doméstica que tem como foco a reprodução da vida é a principal forma de trabalho na Vila Céu do Mapiá, desde os empreendimentos maiores até as relações de trabalho menos visíveis. A característica da comunidade é familiar, pois os laços comunitários se dão entre os irmãos, parentes e amigos. Estas unidades domésticas são as células da economia popular na Vila Céu do Mapiá, sendo o esforço de cada célula o que estrutura o organismo. Nas palavras caboclas do Padrinho Sebastião: “... se você vê que o camarada que tá ali não esconde o que comer, dá de comer a quem chega, aí é que cada dia tem mais...” (Melo,1998,p.71).

Este fundo de trabalho representa o conjunto de capacidades dos membros de cada unidade doméstica. E se tratando de uma comunidade que estruturou toda uma maneira de viver dentro da floresta, existem habilidades de sobra. Os moradores não têm especialidades, têm capacidades múltiplas. São capazes de construir suaprópria casa, preparar o roçado, fazer farinha, pescar e caçar de maneira produtiva. Nos anos 1980, o velho Sebastião Mota de Melo já dizia: “Mas olha as fábricas, eu acho que o pessoal já não bate mais ferro não. Tudo é por meio de máquinas, né? O povo das salinas, do roçado, também trabalha duro. Tudo mundo se vira diretamente” (Melo,1998,p.77). Esses moradores trocam diversos trabalhos entre si com o objetivo de fortalecer as unidades domésticas, e estas trocas acontecem com dinheiro, que mantém o ciclo de fortalecimento das unidades domésticas dentro da economia local.

Além dos fundos de trabalho, as unidades domésticas contam também com meios de produção e reprodução (Coraggio,2000). Alguns instrumentos são fundamentais para a realização do trabalho dentro do contexto amazônico, como: motosserra, roçadeira, motor, energia solar. Essas coisas são necessárias para realizar as demandas locais e possibilitar o emprego da força de trabalho a partir das habilidades do trabalhador mapiense. O seu próprio lugar de moradia não é apenas um lugar de reprodução, mas é também um lugar de produção (Coraggio,2009) possibilitando, além da reprodução local, a produção para a sustentação comunitária. “O que nos falta é o povo tomar uma de que tudo são um só, e que tudo tem que se mover para viver” (Melo,1998, p.88).

A lista de produtos e serviços produzidos pela comunidade é extensa. Sua organização abre a possibilidade de fortalecer a atividade geradora de renda comunitária, o turismo comunitário. Desde o serviço de canoa para a chegada na vila, hospedagem nas casas das famílias, alimentação local e outros, atrativos são formas de potencializar a economia popular e fortalecer a rede de trabalhadores locais. “É!! Agora está cheio

desses motores d'água. Estão é aviciando a gente nisso e daqui a pouco ninguém bota mais lata na cabeça”(Melo,1998,p.92). O líder espiritual já percebia como a modernização da comunidade poderia criar novas dinâmicas no trabalho local.

As transferências monetárias e não monetárias estão acontecendo intensamente na comunidade, porém a forma como o dinheiro funciona difere dos ideais comunitários de Sebastião Mota e seus primeiros seguidores, que tinham o trabalho comum para a vivência na floresta e o recurso financeiro para estrutura material primária da comunidade. Dentro da perspectiva não monetária ainda existem as práticas comunitárias como os mutirões e o cuidado no lar (com crianças e idosos), quando os moradores se unem para a realização de trabalhos em prol de um bem comum ou de uma pessoa que tenha necessidade.

Dentro da pauta de ações da associação está a criação de uma moeda local, que durante a elaboração da pesquisa foi colocada em circulação e a cada dia se aprimoram as práticas de uma economia popular e solidária. Um dos anciãos da comunidade, Francisco Corrente, dizia que “caboclo não sabe mexer com dinheiro”⁴, então ele fortalecia a relação de trocas não monetárias, mesmo que fosse com um produto adquirido com dinheiro fora da comunidade.

A capacidade das unidades domésticas em melhorar as suas condições de vida e acumular recursos depende de vários fatores, não apenas da composição e da qualidade de suas capacidades objetivas, mas também da avaliação que a sociedade faça destas capacidades (Coraggio, 2009). A valorização local do fundo de trabalho acontece através dos visitantes, que muitas vezes têm uma referência de valor urbano, podendo valorizar o trabalho na terra, mas a ótica de valores da cidade não leva em consideração alguns aspectos relacionados à vida na floresta. O fortalecimento da identidade do trabalho local e o fortalecimento de uma rede de serviços são ações que já estão acontecendo, porém a coesão destas ações com o fortalecimento econômico local ainda pode gerar mais resultados para a comunidade.

As unidades domésticas usam também parte das suas capacidades e energia para realizar atividades que são por si necessárias à vida, ainda que não produzam valores de uso ou mercadorias descartáveis (Coraggio, 2009).A reprodução da vida acontece na VilaCéu do Mapiá de maneira exponencial, pois mesmo com as dificuldades da vida na floresta, muitos moradores dizem que não trocariam aquele local por nenhum outro no

⁴ Companheiro de Francisco Corrente na Fazenda São Sebastião.

mundo e realizam diversos trabalhos que fortalecem a base comunitária, muitas vezes sendo pouco visíveis, mas importantes para a reprodução da vida comunitária.

4.3 Organização cultural

Agricultura

De acordo com o relatório de atividade do grupo de produção agrícola para o Plano de Desenvolvimento Comunitário, no início da ocupação da Vila Céu do Mapiá, o uso da terra era coletivo (PDC, 2004). O plantio realizava-se numa área comum e os alimentos eram produzidos numa cozinha coletiva. O crescimento populacional da vila, entre outros fatores, fez com que esse modelo de uso comunal da terra e dos bens de produção se enfraquecesse. Este relatório definiu alguns fatores que foram determinantes para inviabilizar esse sistema coletivo:

Conflitos gerados em torno da divisão do trabalho nos roçados comunitários e na produção;
Limites produtivos devido à fraca fertilidade do solo na comunidade e à gradativa exaustão da terra;
Entrada de novas pessoas na comunidade vindas de outras regiões e de outros países, que trouxeram junto novos padrões de consumo e o aumento do fluxo de dinheiro em espécie.

Este último ponto provocou mudanças no regime de trabalho. Como alternativa para suprir as demandas da produção para o consumo da comunidade, foram adquiridas duas áreas: uma fazenda localizada ao longo do igarapé Mapiá e uma área de praia na beira do rio Purus.

A criação dos animais de pequeno e médio porte é feita para o consumo dos derivados e eventualmente para o consumo da carne, sendo que a comercialização desses animais ocorre com pouca frequência. Atualmente acontece um grande movimento comunitário em torno do programa de soberania alimentar implantado pela Cooperar, fortalecendo e impulsionando através de mutirões e atividades grupais a sustentação da produção de agricultura de base.

Extrativismo

Nos primeiros anos de ocupação da vila, existia uma produção coletiva de agricultura de subsistência atividade associada ao extrativismo da seringa e da castanha para consumo e geração de renda para a comunidade. Após vinte anos de permanência no local e com o crescimento populacional, os moradores não utilizam as mesmas fontes de renda.

A atividade de coleta, utilização e comercialização de sementes da floresta é geradora de renda para muitas famílias. Algumas das sementes são: mulungu, andiroba, carimboque, paxiúba, patoá, açaí, tucumã, jarina, jatobá, lágrima de nossa senhora. São sementes destinadas para a confecção de artesanato, recurso que, associados à madeira e ao cipó, adquirem diversas formas, como pulseiras, brincos, colares, bolsas, caixas, cestos, broches, entre outros (MMA, 2009).

Quanto à extração de madeira, algumas das famílias fazem extração de madeiras para construção de casas e canoas. Em relação a essa prática, os moradores citaram a retirada de madeiras como: itaúba, canelão, guariúba, coiuba, gitó, marupá, abiorana, supucaia, maçaranduba, cedro, copiúba, corrinboque e angelim. Atualmente a extração de madeira acontece de maneira organizada através do plano de manejo comunitário, conquista comunitária que permite a extração para comercialização e utilização na própria comunidade. Conforme os dados levantados, a extração de óleos vegetais também é feita por famílias locais, tendo como as principais plantas de extração da copaíba, andiroba, pupunha e patauí (MMA, 2009).

Quanto à necessidade em desenvolver outras atividades para geração de renda, a comunidade já vem desenvolvendo algumas das seguintes atividades: Agrofloresta; roçado; horta; oficina escola de carpintaria, artesanato e costura; criação de animais; turismo ecológico; marcenaria; reaproveitamento de Madeira; serraria; e entalhamento de madeira.

Lazer e Visitação

A Floresta Nacional do Purus oferece uma diversidade de alternativas econômicas, entre elas a exploração do turismo e outras associadas à visitação religiosa. Moradores identificam espaços de beleza cênica como potencial para atividades de lazer. A Vila Céu do Mapiá dispõe de incipiente infraestrutura física e logística que garante condições, ainda que rústicas, para a permanência dos visitantes, oferecendo serviços de pousadas, telefonia, acesso à internet, lanchonete, entre outros. A visitação movimentou o comércio local (artesanato, serviços prestados, entre outros), além de

absorver parte da produção agrícola dos moradores do entorno, constituindo importante fonte de renda para os produtores locais. A vila é o ponto de atração para adeptos e simpatizantes da doutrina espírita do Santo Daime, com um fluxo constante de visitas. Esse processo intensifica-se na época dos festivais e datas comemorativas(MMA, 2009).

Atualmente, a atividade turística na Floresta Nacional dispõe de controle feito a partir do registro da entrada dos visitantes, com acompanhamento sobre quanto tempo e que atividades o visitante está desempenhando na comunidade, o que seria difícil de acompanhar pela vastidão da comunidade e as inúmeras atividades a serem desempenhadas. Existem alguns espaços identificados pela comunidade como potenciais para a prática do turismo e do ecoturismo que serão apresentados no próximo capítulo.

Outro ponto importante é a resolução do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (Sisnad), através do grupo multidisciplinar de trabalho sobre a ayahuasca, que regula a prática do turismo relacionada ao uso religioso da bebida. De acordo com um dos compromissos, as entidades devem evitar o oferecimento de pacotes turísticos associados aos efeitos da ayahuasca, ressaltando os intercâmbios legítimos dos membros das entidades religiosas com suas comunidades de referências(Conad,2006).

5 Descrição e análise do turismo comunitário

5.1 Recursos e atrativos turísticos da Vila Céu do Mapiá

Os recursos e atrativos são elementos presentes no local que possuem potencial turístico e muitas vezes já são utilizados pelos visitantes e os moradores, mesmo que ainda não disponham de infraestrutura necessária. Os apresentados aqui foram validados pela comunidade local ou indicados como possível local de interesse para a atividade. Um atrativo turístico é composto de “locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los. Os atrativos podem ser naturais, culturais, atividades econômicas, eventos programados” (Brasil, MTUR, 2007, p. 27). Para Valls, “o atrativo é o elemento que desencadeia o processo turístico” (Valls,2006,p.27). Ainda para o autor, o destino turístico é composto por “produtos turísticos, os quais, por sua vez, se estruturam a partir dos recursos ou atrativos existentes no local” (Valls,2006,p.27).

O levantamento dos atrativos foi feito primeiramente pela comunidade da Vila Céu do Mapiá em oficina realizada em 2008 pelo Ministério do Meio Ambiente com o foco no ecoturismo local. Esta expressiva oficina do Ministério do Meio Ambiente sobre Ecoturismo foi fundamental para o alinhamento comunitário sobre a atividade de

visitação e o próprio turismo de base comunitária. A presente pesquisa confirmou dados levantados pela equipe que conduziu o programa deixando registrado os resultados de 2008, foram acrescentando novos atrativos ao levantamento e validado a inteligência coletiva sobre os potenciais da Vila Céu do Mapiá.

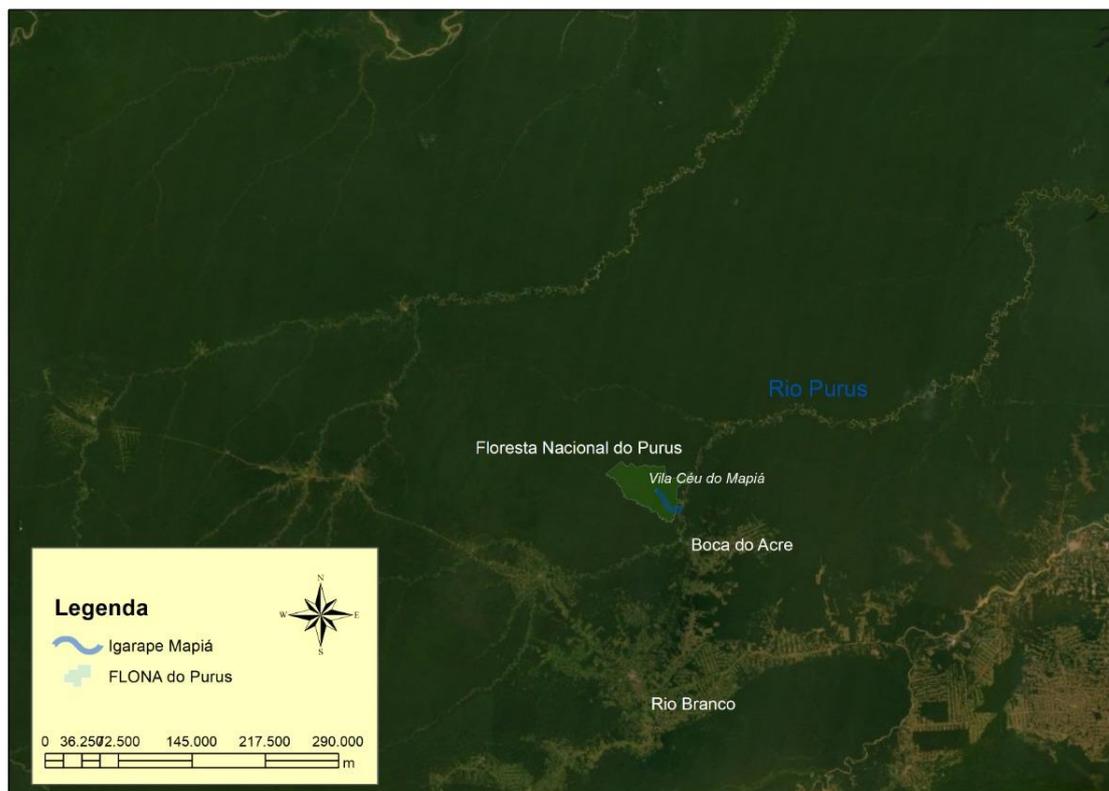


Figura 6 – O atrativo Vila Céu do Mapiá (fonte: Adnet Florestal, 2019)

Os recursos e atrativos naturais e históricos que circundam a vastidão da Vila Céu do Mapiá podem atender aos visitantes em diversos momentos desde a chegada até a saída do destino turístico. Assim que o visitante sai da Boca do Acre (AM), numa voadeira ele viaja por três horas no Rio Purus, último grande afluente da margem direita do Rio Solimões, que nasce nas Colinas do arco Fitzcarralt no Peru, passando pelo Acre e Amazonas, em contato com a fauna e flora amazônica, algumas vezes acompanhado por famílias de botos rosa na viagem até a entrada do Igarapé Mapiá. Entrando neste igarapé o visitante pode perceber a floresta mais de perto no sinuoso leito desde sua entrada, onde fica a tradicional parada na Fazenda São Sebastião, estratégica pela sua localização geográfica e ponto receptivo de visitantes. Dependendo da época a Estrada da Fazenda para o Mapiá pode ser um trajeto de chegada à vila por terra, o que permite o contato com a flora e fauna silvestre.

A chegada na Vila Céu do Mapiá é um atrativo por si. Depois da saga adentrando a floresta, a vila se apresenta ao visitante com trilhas que o levam até a casa em que se

hospedará e o peculiar modo de vida mapiense acontecendo a todo vapor. O ambiente convida aos passeios pelas praias que se formam no igarapé, às campinas de açaí e castanhal nas épocas de colheita e às trilhas ecológicas que levam de um lugar a outro da vila. Os diversos barreiros e igarapés são possibilidades de visita que compõem a riqueza destes locais.

Algumas trilhas são mais visitadas, como o Jardim da Natureza, Bom Futuro e Paraíso, porém os moradores locais conhecem muitas trilhas diferentes e algumas que ainda não foram batizadas. Algumas destas trilhas levam para o roçado comunitário, agroflorestas, casa de farinha e o centro de medicina da floresta, que são locais onde o visitante pode perceber o trabalho do ser humano com a floresta. Uma infinidade de atrativos pode se desdobrar a partir dessa interação.

Os moradores tradicionais contam as histórias caboclas e acontecimentos históricos da vila, fomentando a mitologia particular da Vila Céu do Mapiá. Também os conhecimentos relacionados às doenças, aos partos naturais e à espiritualidade tornam a interação um atrativo. A culinária tradicional, o preparo das bebidas feitas a partir das palmeiras, conhecidas como vinho de açaí, patoá, buriti e outras e as medicinas tradicionais permitem ao visitante uma infinidade de experiências nos terreiros dos moradores da floresta.

No âmbito dos recursos e atrativos com certeza a temática religiosa é a mais vasta e central tendo em vista: o calendário de rituais na Igreja Matriz; alguns pontos relacionados ao templo como a Estrelinha onde se realizam trabalhos de cura desde a época do Padrinho Sebastião; terreiros na mata onde podem ser feitos os rituais e as giras; a Santa Casa, onde existe um consolidado trabalho de cura material e espiritual e os feitos que é o momento em que é preparado o sacramento do Santo Daime desde a colheita até o envasamento da bebida, processo que dura até sete dias de trabalho contínuo (podendo se estender a mais dias).

Existem ainda outros locais de interesse como: a Casa de Ofício onde o visitante pode conhecer e adquirir objetos específicos da doutrina e do artesanato local; a Escola Cruzeiro do Céu é ponto de interesse pelo trabalho pedagógico específico com as crianças da floresta; o Centro Cultural Lua Branca que agrega atividades como capoeira e carimbó e a Casa de Música. Todos estes locais estão no entorno das casas dos anciãos e anciãs da doutrina, a visita a madrinhas e padrinhos é uma oportunidade de estar mais próximo da história viva da doutrina do Santo Daime.

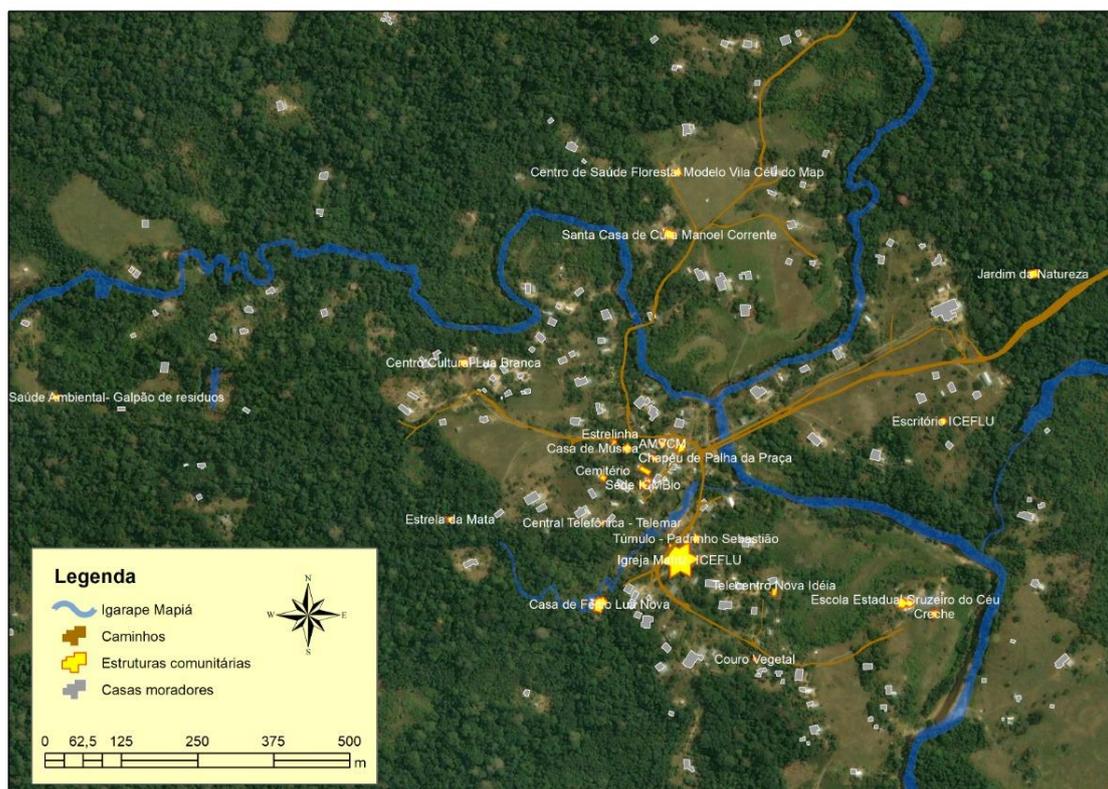


Figura 7 – Atrativos na Vila Céu do Mapiá (fonte: Adnet Florestal,2019)

5.2 Destino turístico

Há uma série de aspectos que devem ser levados em conta para definir o destino turístico. Em uma perspectiva muito restrita vem se identificando o destino como uma localidade. Para além disto, o destino turístico pode associar-se a qualquer unidade territorial que tenha vocação de planejamento e possa dispor de capacidade administrativa para desenvolvê-lo (Valls,2006). Estas unidades turísticas que podem ser regiões, grupos de municípios ou localidades são caracterizadas por aspectos que as unificam como a história, geografia, antropologia, sociologia, costumes, tradições ou qualquer outro motivo de integração.

A segunda característica segundo Valls é que o destino deve adquirir centralidade, isto é, deve se tratar de um local que os visitantes tomem como objetivo da visita, levando em conta que se deslocar de seu local de origem é um elemento fundamental da experiência turística. Outra peculiaridade do destino é que a partir dos atrativos e recursos disponíveis e valorizados, o destino deve apresentar uma oferta estruturada a serviço de determinadas satisfações do cliente (Valls,2006).

Jafari condiciona três grandes aspectos à existência do destino turístico, são eles: grandes unidades geográficas agrupadas ou áreas que disponham de atrações e serviços;

populações que aumentem durante a temporada turística; e economia dependente em alta percentagem das transações que os turistas realizam(Jafari,2000).

A Vila Céu do Mapiá é um destino turístico único, que abarca uma grande oportunidade de visitação devido ao fato de que seu público alvo, seguidores e simpatizantes da doutrina do Santo Daime, está espalhado por todo o globo terrestre. A busca deste visitante é pela experiência de viver o modo de vida da floresta, e isto acontece sempre, pois a vida acontece de maneira intensa neste destino turístico.

5.3 Oferta turística da Vila Céu do Mapiá

A oferta turística define-se por um conjunto de fatores patrimoniais, equipamentos, bens e serviços que estimulam e satisfazem as necessidades de deslocamento de turistas, bem como as de permanência, e são exigidos por estas necessidades. A oferta turística é composta pelo patrimônio turístico, conjunto de bens materiais e imateriais, e pelos recursos turísticos, que são os serviços que, por intermédio humano, compõem a atividade turística. Segundo a Embratur, equipamentos e serviços turísticos são: “conjunto de edificações, instalações e serviços indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística. Compreendem os meios de hospedagem, serviços de alimentação, de entretenimento, de agenciamento, de informação e outros serviços” (Embratur, 1984, p.8).

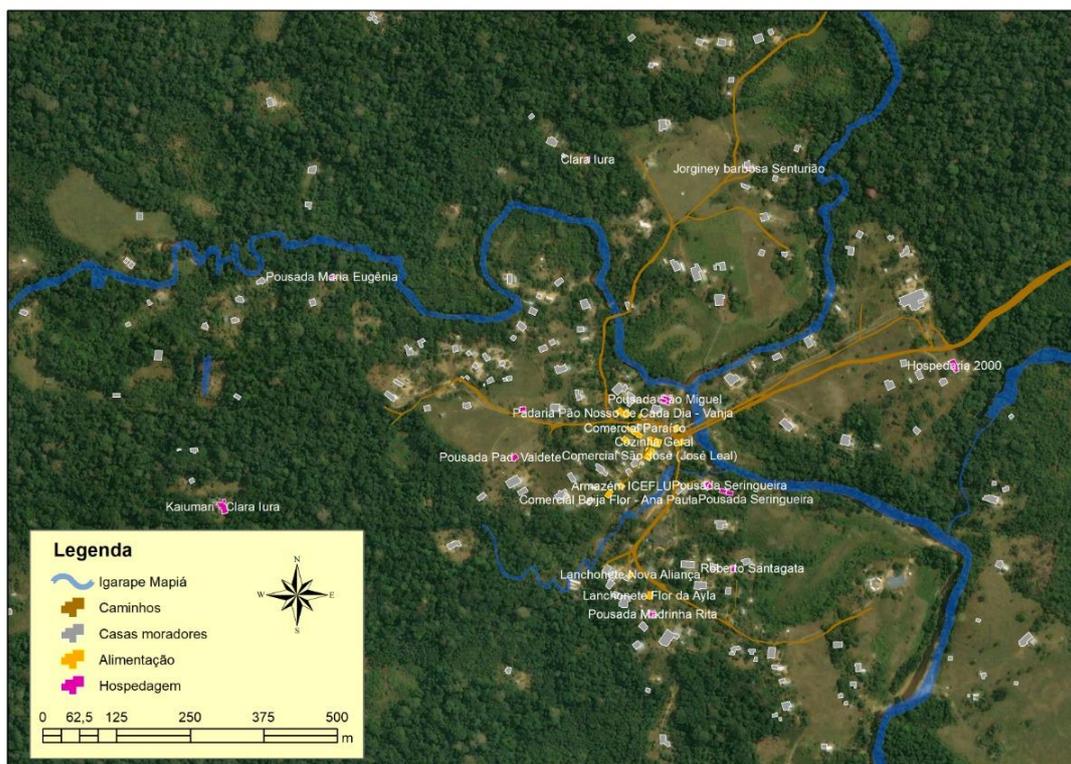


Figura 8 – Ofertas turísticas na Vila Céu do Mapiá (fonte: Adnet Florestal, 2019)

5.3.1 Meios de hospedagem

O termo meio de hospedagem refere-se ao conjunto de organizações destinadas a prover acomodação em condições de higiene, segurança e satisfação às pessoas que buscam por esses serviços, seja por períodos curtos ou até longas temporadas, desenvolvendo o comércio de recepção e meios de hospedagem aos turistas e visitantes em geral (Ribeiro, 2011). Na atualidade os meios de hospedagem são variados e atendem a diversos tipos de clientes. Estão listados abaixo os meios de hospedagem da Vila Céu do Mapiá:

Pousada São Miguel
Pousada do Seu Roberto Corrente
Pousada 2000 (Maria Amélia)
Pousada Jardim da Floresta (Maria Eugenia)
Seringueira (Moisés)
Airbnb Astral (Josie e Tiê)
Casas de Família

5.3.2 Alimentação

A relação entre o turismo e a gastronomia muitas vezes é restringida ao viés nutricional, focando a necessidade de estabelecimentos de alimentos e bebidas que atendam excursionistas e turistas durante a sua estadia. Todavia, a relação entre turismo e gastronomia é bem mais ampla e complexa. Abandonando a perspectiva da mera necessidade fisiológica, é necessário pensar a alimentação como uma manifestação cultural e também uma forma de expressão humana (Gimenes, 2009). Na Vila Céu do Mapiá existe um grande potencial de apresentar a culinária local através dos empreendimentos que preparam alimentos para locais e visitantes durante todo o ano. São estes os locais que servem alimentos na Vila:

Cozinha Geral
Pizzaria Aliança
Lanchonete Aila
Pizzaria Tiu
Padaria Aurora
Pão nosso de cada dia
Sabor do Beija Flor

5.3.3 Artesanato

A produção artesanal é uma atividade bastante difundida na Vila Céu do Mapiá, de acordo com relatos dos moradores. Além dos vários artesãos atuando na Vila, há também alguns espaços de exposições de produtos artesanais. São eles: Jardim da Natureza, Casa de Ofício Tereza Gregório e loja de artesanatos.

Os produtos feitos na localidade são bastante diversificados, seja em tipo, material utilizado ou qualidade. De maneira geral, entretanto, acredita-se na necessidade de um maior aprimoramento da produção artesanal local para a comercialização externa, até mesmo para identificar quais produtos têm potencial para serem oferecidos aos visitantes (MTur, 2008).

5.3.4 Transporte turístico

O conceito de transporte turístico está relacionado aos meios de transporte utilizados para acessar a localidade, no caso da Vila Céu do Mapiá, seu entorno e os serviços e atrativos disponibilizados pelo local. No caso da Vila, foram identificados dois meios de transporte turísticos principais: o transporte terrestre e o transporte fluvial.

O transporte fluvial é realizado desde a cidade de Boca do Acre (AM) até a Fazenda São Sebastião ou até a Vila Céu do Mapiá, dependendo da época do ano. O primeiro trecho do trajeto (até a Fazenda) pode ser feito em barco com motor rápido ou rabeta, em qualquer época do ano, enquanto o segundo trecho (desde a Fazenda até a Vila) deve ser feito por motor de rabeta durante a época de seca e o início da época de chuvas. Nas épocas de seca, em períodos quando não é possível transitar pelo percurso da Fazenda à Vila, o serviço do transportador fluvial é complementado pelo transportador terrestre.

O trabalho dos barqueiros está vinculado à gestão de transportes que ainda não possuía organização definida deste processo no momento da pesquisa, devido à dificuldade de unir todos os barqueiros. Cada barqueiro atua isoladamente, conquistando seus clientes conforme têm possibilidade.

O transporte terrestre, como mencionado anteriormente, funciona como complemento para o trecho entre a Fazenda e a Vila durante a época de seca. Entretanto, o visitante também pode optar por esse meio de transporte na época seca do ano. Como a

estrada de acesso é relativamente nova, a organização dos profissionais que prestam esse tipo de serviço ainda não está estruturada.

5.3.5 Guias de turismo

Atualmente diversas pessoas atuam como guias de turismo na localidade, sempre que se apresenta uma oportunidade para isso, ou seja, sempre que há visitantes interessados em um passeio guiado. De acordo com os participantes, é difícil fazer uma avaliação conjunta do trabalho realizado pelos guias de turismo atualmente, pelo fato de que esta atuação ainda não está organizada. Cada guia atua de maneira individual, com suas especificidades; não existe um padrão de preços ou na forma de atuação. O indivíduo interessado em guiar pessoas, atualmente, é responsável por encontrar seus “clientes”, fazer seu próprio preço e criar seu “produto”.

5.3.6 Serviço de informação turística

Foi identificado que a comunidade da Vila Céu do Mapiá possui um serviço de informações turísticas informal. A Associação de Moradores da Vila Céu do Mapiá (AMVCM) fornece as informações necessárias aos visitantes que atualmente chegam ao local, mas não há um setor específico para fornecimento de informações turísticas. A AMVCM dispõe de uma ficha de cadastro dos visitantes; entretanto, não existe uma garantia de que o visitante que entrará realmente preenchê-la.

A Associação cobra ao visitante uma taxa semanal para permanência na Vila. O valor varia de acordo com a realidade do visitante e é revertido para ações feitas em prol de toda a comunidade, realizadas pela entidade. O grupo julgou o valor como justo, indicando que apenas contribuem os visitantes que têm condições financeiras para tal. Muitas pessoas contribuem com trabalho ao invés de dinheiro, geralmente aquelas que pretendem passar um período mais longo na comunidade.

Além do serviço prestado pela AMVCM, também há muitas pessoas, na Vila, que realizam serviço informal de informações ao turista, especialmente pessoas que estão à frente dos trabalhos realizados na Igreja. Entretanto, esse trabalho não é profissional e indivíduos isolados o fazem porque estão dispostos a tal.

Existem algumas limitações nas iniciativas de fornecer informações aos visitantes relacionadas aos idiomas. Grande parte da população local não tem domínio de um segundo idioma, e aquelas pessoas que o têm não necessariamente fazem esse tipo de

trabalho. Assim, tem-se, em geral, uma dificuldade de comunicação entre visitantes estrangeiros e moradores locais.

O consenso, com relação ao serviço de informação turística disponível na comunidade atualmente, é que este é informal e um pouco desorganizado. Além disso, não funciona de maneira contínua. Ou seja, é necessário ter uma ação corretiva, de melhoria do serviço (MTur, 2008).

Alguns membros da comunidade acreditam na importância de ter um tradutor (principalmente de inglês) para repassar informações aos visitantes estrangeiros, que são vários. Seria também adequado ter um material com informações escritas, possivelmente no formato de um site, sobre os serviços, atrativos e eventos disponíveis na comunidade em cada período, indicando horários de funcionamento, restrições de visita, recomendações especiais, explicações sobre o local e também preços praticados.

Também julgam ser importante a confecção de um panfleto com informações relativas à educação ambiental para distribuição aos visitantes quando chegam à vila. Com esse material seria possível instituir boas práticas a fim de garantir a qualidade ambiental da localidade.

A partir do levantamento de informações da pesquisa, o mapa é um bom elemento complementar às informações escritas. Atualmente, os visitantes que chegam à Vila e dispõem de um folder com informação visual para conseguirem se encontrar no local. As indicações são feitas neste material em português e inglês, mas também pelo “boca a boca”, conforme o visitante caminha pela Vila. A existência de um mapa facilitar a locomoção dos visitantes como também o planejamento das suas atividades com base na distância entre os vários atrativos disponíveis. Como já referido, um site sobre a visita também seria positivo para que o visitante tivesse previamente informações sobre a sua estada na Vila.

6 Resultados

6.1 Pesquisa quantitativa para obtenção de dados primários

Os dados quantitativos da pesquisa estão no âmbito da atual realidade dos serviços de recepção na Vila Céu do Mapiá coletados durante o processo do Plano Diretor Comunitário, atividade que já estava em curso antes da presente pesquisa. Como apresentado na metodologia, o questionário elaborado de maneira participativa e aplicado pela própria comunidade traz a uma amostragem de 133 famílias da Vila Céu do Mapiá apresentando um panorama da atual realidade nos setores da visitação na vila.

As dados apontaram para a uma caracterização da atividade receptiva e outros serviços locais para o atendimento dos visitantes. Levando em conta a realidade local, estas experiências no âmbito da recepção tiriam características peculiares de acordo com o morador que estaria prestando o serviço.

Neste perfil de famílias, algumas oferecem hospedagem, outras famílias além da hospedagem também dispõem de cozinha para o visitante, as famílias dispõem de lavanderia e as que não possuem oferecem serviço de lavagem de roupa. As hospedagens trazem as características familiares do povo local: um pouco mais da metade das famílias oferece hospedagem com cozinha, lavanderia e lavagem de roupa; e a outra parte não disponibiliza esse atendimento para o visitante. Porém, a maioria das famílias oferece alimentação para o visitante, demonstrando uma peculiaridade local: cozinhar para mais pessoas não é um problema para o povo da floresta, mas disponibilizar estrutura física para o visitante pode ser uma dificuldade na atividade receptiva. Um pouco desta característica da visitação podem ser observados nos dados coletados pela comunidade.

6.1.1 Período para hospedar

O período de hospedagem não interfere muito a vida dos 71 mapienses que responderam o questionário. Grande parte dos moradores afirmaram disponibilizar as casas como meio de hospedagem em qualquer período do ano; as outras parcelas tiveram poucas respostas, supõe-se que esses moradores podem ter disponibilizado a casa nos períodos específicos de acordo com algumas variações em relação à agenda prévia com outras pessoas ou grupos ou mesmo estar fora do Mapiá nos outros períodos.



Gráfico 1 – Período para hospedar (fonte:AMVCM,2019)

6.1.2 Perfil dos hóspedes

A forma cabocla de receber os visitantes é característica comunitária desde a formação da Vila Céu do Mapiá. Este levantamento de dados mostra que o perfil dos hóspedes da doutrina do Santo Daime é um público conhecido pelos moradores. A maior parte dos entrevistados, tem preferência em receber pessoas conhecidas, amigos ou parentes, o que demonstra um direcionamento no receptivo para este tipo de perfil de hóspedes.

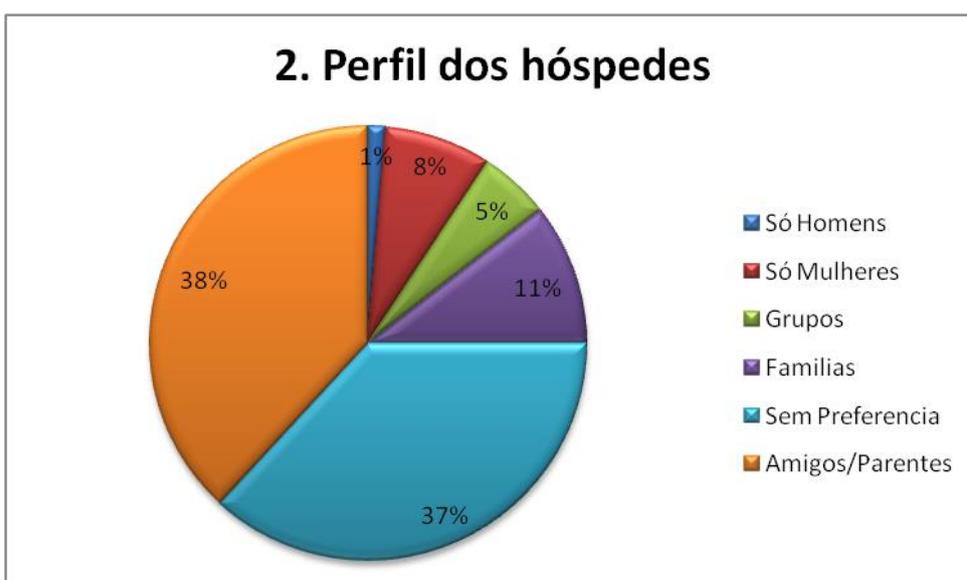


Gráfico 2 – Perfil dos hóspedes (fonte:AMVCM, 2019)

6.1.3 Tipos de acomodações

Estes dados trazem mais elementos da hospedagem, tendo grande parte das famílias disponibilizado espaços para redes, seguido de cama de solteiro e casal. Mesmo mantendo a característica tradicional da rede, encontram-se leitos, colchonetes e também espaços para barraca a fim de acomodar o visitante durante a estada na floresta. A característica rústica florestal das acomodações é parte da experiência do indivíduo que busca visitar esta comunidade no coração da Floresta Amazônica. Estes dados demonstram que existe um número maior de possibilidades de acomodações, pois se refere ao número de acomodações nas casas das 71 pessoas que colocam este serviço para o público externo, e cada família pode acomodar mais de uma pessoa.

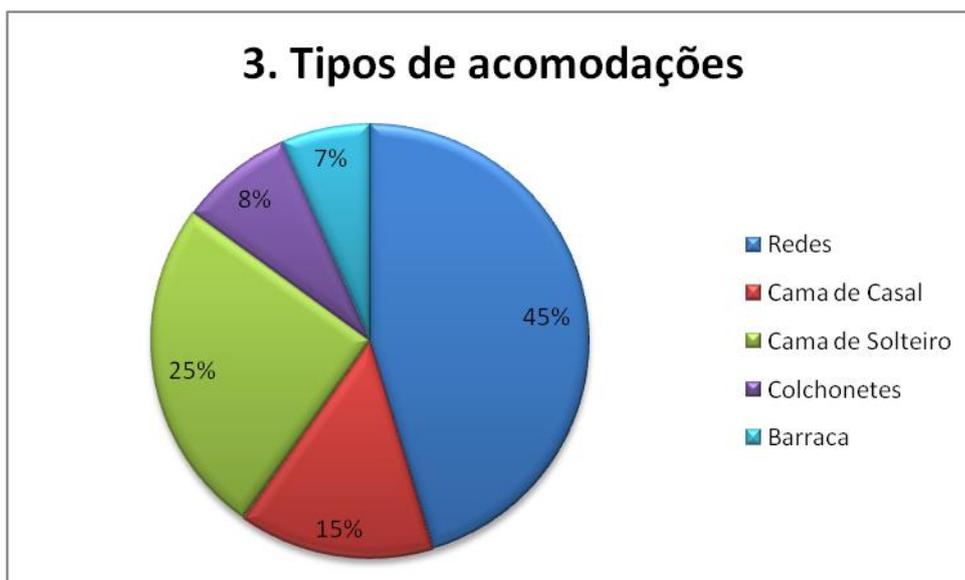


Gráfico 3 – Tipos de acomodações (fonte:AMVCM, 2019)

6.1.4 Tipos de banho

A vida do povo mapiense flui em torno do igarapé de onde provêm a água para a vida na floresta. A água do chuveiro e da caixa d'água são puxadas do igarapé e, quando a família não possui motor, tanto o banho quanto as outras atividades da casa são realizadas manualmente na beira do igarapé. A ocupação do espaço acontece de acordo com o curso da água, então a maioria das casas estão próximas do igarapé, possibilitando um banho para amenizar o calor da Floresta Amazônica. Neste tópico, pode ser observada a realidade das famílias que oferecem hospedagem e que possuem mais de uma possibilidade para banho.



Gráfico 4 – Tipos de banho (fonte: AMVCM,2019)

6.1.5 Formas de energia

Nem todas as famílias possuem energia na vila, mas cada vez mais famílias buscam melhorar a qualidade de vida através do uso da energia. Entre os tipos de energia disponibilizados na vila, existem diversos níveis na qualidade e eficiência dos sistemas. Devido à dificuldade do acesso para a chegada de peças e equipamentos e às características climáticas, os números levantados neste tópico podem ser bem diversificados de acordo com a situação do equipamento solar ou a motor.

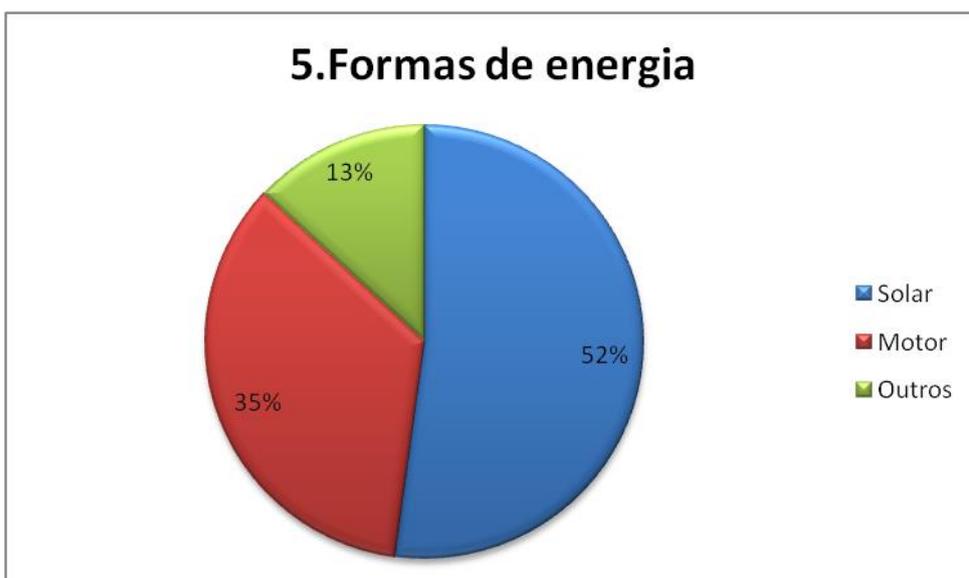


Gráfico 5 – Formas de energia (fonte: AMVCM,2019)

6.1.6 Formas de acesso a água

Este tópico demonstra que uma maioria das famílias possui água encanada, enquanto outras duas partes utilizam água do igarapé ou cacimba para o abastecimento familiar. A água para o visitante está disponível, o que pode acontecer em alguns destes modelos de captação é a falta de estrutura técnica suficiente para uma excelente coleta de água.



Gráfico 6- Formas de acesso à água (fonte:AMVCM,2019)

6.1.7 Alimentação oferecida

Este item demonstra a diversidade de oferta de alimentos oferecidos, demonstrando a característica familiar nos serviços de alimentação. Existem desde pequenas lanchonetes oferecendo lanches em horários específicos, até pessoas que produzem quitutes e entregam nas casas, além dos agricultores e famílias que vendem os excedentes das produções gerando um mercado de alimentos bem diversificado.



Gráfico 7 – Alimentação oferecida (fonte:AMVCM, 2019)

6.1.8 Tipo de serviço alimentar

Os serviços de alimentação se tornam uma possibilidade quando aumenta o número de visitantes na Vila. No questionário, 75 pessoas afirmaram a possibilidade de servir alimentos por encomenda, por entrega a domicílio e ainda com estrutura para servir. Já tem um grupo que atende esta demanda dos visitantes, sendo uma possibilidade de trabalho que pode oscilar de acordo com a temporada e o número de visitantes na vila.

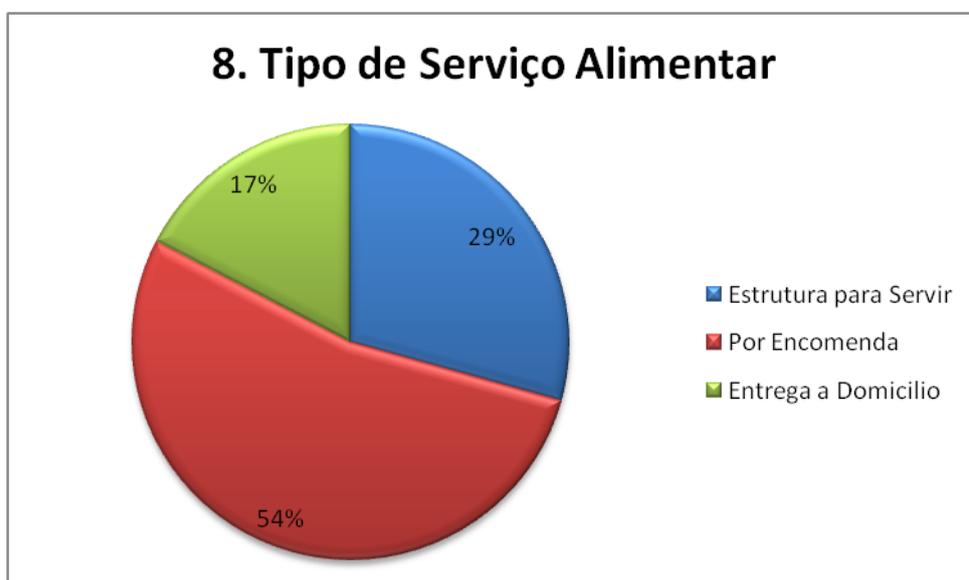


Gráfico 8 – Tipo de serviço alimentar (fonte:AMVCM,2019)

6.1.9 Formas de lavagem de roupa

Com algumas das características da hospedagem e a forma de utilização do igarapé como fonte de água para as famílias, mencionadas acima, a lavagem de roupa se

torna um serviço específico e peculiar da Vila, que pode atrair os visitantes na busca pelo conforto e fortalecer as lavadeiras locais. Esta demanda aumenta devido à vestimenta utilizada no ritual, que é a farda, e deve estar impecável para a utilização nesses dias. Por isso, é oferecido o serviço de lavagem, incluindo a busca e a entrega da farda devidamente passada.

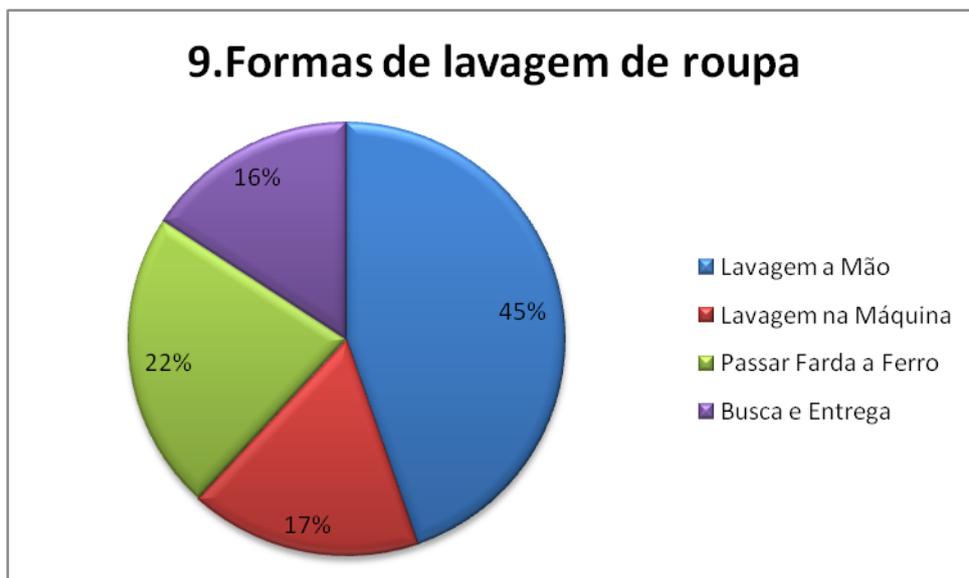


Gráfico 9 – Formas de lavagem de roupa (fonte:AMVCM,2019)

6.1.10 Serviços de transportes

O principal serviço de transporte, que caracteriza o modo de vida local e a chegada da maioria dos visitantes e moradores na vila, é o fluvial. O principal acesso da Vila Céu do Mapiá com o mundo externo é o porto na cidade de Boca do Acre(AM). O transporte fluvial é o expoente dos meios de transporte na comunidade. Atualmente, com a chegada das motos, iniciam-se os primeiros serviços de mototáxi. Poucos são os serviços de carro devido à dificuldade de manutenção na estrada.

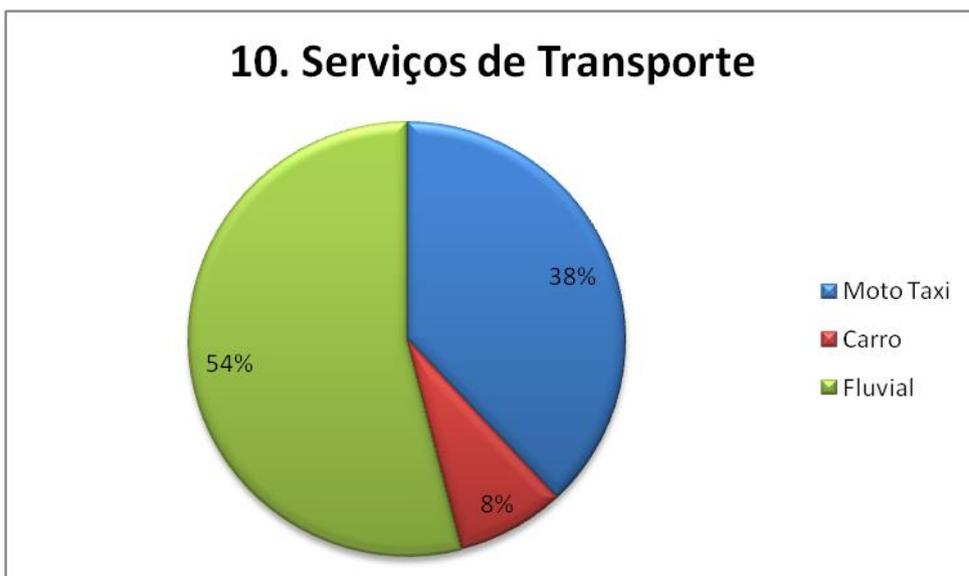


Gráfico 10 – Serviços de transporte (fonte:AMVCM,2019)

6.1.11 Outros serviços

Dada a diversidade comunitária, são oferecidos diversos serviços, tanto para os moradores quanto para os visitantes. Estes dados trazem os mais diversos serviços oferecidos na comunidade e também outra informação relevante para a pesquisa: o serviço que mais aparece é o de guia turístico, demonstrando a aptidão local para a visitação e a identificação dos moradores com a prestação deste serviço.



Gráfico 11 – Outros serviços (fonte: AMVCM,2019)

6.2 Caracterização a partir da metodologia Rovuc

De acordo com o Rovuc, as classes de experiências são caracterizadas com os graus de intervenção e dos atributos que são apresentados na Vila Céu do Mapiá, esta se caracteriza da forma que será apresentada a seguir.

Natural, que é a visitação de médio grau de intervenção; com experiência de visitação que ainda permite algum nível de isolamento, aventura e independência nos ambientes naturais, ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de segurança e conforto. Essa classe de experiência ocorre em ambientes com médio grau de intervenção, isso significa que o ambiente ainda possui alta naturalidade, no entanto, já se pode detectar algum nível de alteração ambiental ou evidências de atividades humanas.

Segundo já foi explicitado no capítulo sobre a metodologia da pesquisa, para o planejamento do Rovuc como uma oportunidade de visitação torna-se necessário entender a interação entre os 4 elementos abaixo:

Experiências: a Vila Céu do Mapiá oferece experiências relacionadas ao modo de vida na floresta, à cultura daimista e à integração com os membros da comunidade;
Atividade: as atividades locais estão relacionadas à doutrina Santo Daime, a trilhas e passeios pela floresta e à participação em núcleos produtivos e mutirões comunitários;
Ambiente: é o mais natural possível, possui grande diversidade e riqueza natural e é relevante para a própria Floresta Amazônica em toda a sua extensão;
Benefícios: o convívio com o povo da floresta é uma experiência única, a riqueza dos saberes locais são infinitas e o contato com a natureza e a cura fortalecem os vínculos entre os que passam por ali e os moradores.

Os dados qualitativos foram levantados nas pesquisas de campo nos anos de 2018 e 2019, sendo resultado da utilização das ferramentas metodológicas descritas em capítulo anterior e com a participação comunitária durante todo o processo, desde a escolha dos instrumentos de coleta até os resultados.

6.3 Bloco de notas

O registro do bloco de notas está integralmente anexado ao fim deste trabalho (apêndice C). Nesta sessão, será feita uma compilação dos pontos mais relevantes para os resultados qualitativos.

Na conversa inicial sobre o Turismo de Base Comunitária na Vila Céu do Mapiá, foram levantados alguns dados em conversas informais ou outros encontros temáticos acompanhados durante o período de campo. Alguns dos pontos relevantes colocados

pelos membros da comunidade foram: a organização das hospedagens; o levantamento dos atores com condições de hospedar e os que ainda têm necessidades específicas para iniciar um modelo um pouco mais estruturado e rentável; os serviços de alimentação disponíveis e como estes poderiam se complementar; o levantamento dos serviços oferecidos na vila de maneira minuciosa; a necessidade de um formulário para o visitante que entra e sai da comunidade vinculado ao registro na associação; e a criação do crédito e moeda social. Estas foram algumas das demandas levantadas no presente momento todas estão iniciadas ou em em algum grau de desenvolvimento prático.

Outros pontos levantados foram relativos ao levantamento da infraestrutura geral das residências em busca de elaborar um registro com todas as hospedagens, estruturar o grupo de agentes receptivos internos com formação e experiências para compartilhar com o visitante, definir característica de cada experiência na vila, disponibilizar informações *online* sobre os serviços oferecidos, criar novas vivências na floresta, além de estruturar alguns projetos que estão iniciados e precisam de um desfecho para serem oferecidos como atrativos turísticos. Estas ações ainda estão em aberto e já podem ficar como um esboço inicial de um plano de ação comunitário para a estruturação da atividade de turismo comunitário.

As citações a seguir referem-se a conversas com as irmãs Corrente, família companheira de Sebastião Mota de Melo:

“Na época do Padrinho não faltava para ninguém, muitos já sabem como era o modelo do Padrinho. Tinha para tudo mundo, não faltava para ninguém e todo mundo ganhava.” (Dalvina Corrente)

“Na época do Padrinho não faltava nada para ninguém, tinha mutirão todo dia, de segunda a sábado.” (Francisca Corrente)

As duas irmãs, filhas do Padrinho Manoel Corrente, trazem o mesmo conteúdo nas suas falas sobre a prosperidade e a abundância em que a comunidade vivia mesmo nos períodos mais difíceis. O desafio comunitário de desenvolver a mesma prosperidade que o fundador Sebastião Mota proporcionou pode ser alavancado pela atividade turística comunitária que agrega desde os aspectos tradicionais até as relações com o mundo atual.

6.4 Resultados das entrevistas semiestruturadas

As entrevistas semiestruturadas foram feitas com o roteiro separado por tópicos, onde estão agrupados as falas dos moradores. Todo o conteúdo das entrevistas está anexado ao final do trabalho (apêndice B). Nesta seção foram agrupados conforme sua

sinergia com o tema e a objetividade em que foram apresentados os conteúdos, tendo as propostas temáticas como direcionador. Todas as entrevistas tiveram autorização através da gravação em documento de áudio. Os nomes dos entrevistados que concederam as entrevistas serão preservados com o intuito de manter a privacidade das informações e a neutralidade dos pontos de vistas de cada morador que gentilmente concedeu a entrevista.

6.4.1 Turismo

Quando foi abordado o tema do turismo, eu, como pesquisador, ainda tinha dúvidas sobre a utilização dos termos visitação ou turismo, porém os moradores da comunidade se mostraram bem familiarizados com o termo técnico para a visitação. Os resultados destas entrevistas foram balizadores para o diagnóstico do turismo de base comunitária local. Algumas das falas que mais se repetem estão relacionadas à gestão do turismo, aparentemente simples, porém com um grau de complexidade para se colocar em prática:

“precisamos de uma organização para receber”, “falta organização para os visitantes acompanharem”; e “a comunidade precisa preparar o pessoal para saber receber o visitante”. (Entrevista concedida ao autor)

Dentro da etapa de diagnóstico do turismo de base comunitária, este é um ponto importante para o entendimento dos atores locais, que desejamos saber como percorrer este caminho com objetividade rumo ao ponto desejado. Foram mencionadas ideias aparentemente simples como:

“seria muito legal ter um folheto de recebimento com as coisas básicas que o turista deve saber, como em qualquer país.” (...) “acredito que no centro da Vila falta informação fundamental do que o visitante está fazendo aqui, algum símbolo que lembre ao local e ao visitante que estamos numa comunidade intencional” (...) “É muito importante organizar a visitação, pois é uma boa maneira de geração de renda, já acontece naturalmente, mas acontece de maneira independente, organizar as pessoas que recebem em parceria com a associação, fortalecer este vínculo, conscientizar os locais”. (Entrevista concedida ao autor)

A partir da organização do turismo, surgem possibilidades que mesmo de maneira intuitiva são apresentados nas entrevistas como outros aspectos importantes, reforçando que:

“a visitação é fundamental, tem dois tipos de visitante, o que sempre vem e o que nunca veio. O que nunca veio precisa de uma orientação maior e apoio, nós evitamos de divulgar muito sobre como chegar aqui no Mapiá”. (...) “O turismo é uma das possibilidades econômicas, tem tudo a ver com a nossa história.”; “Vocação comunitária em receber, isto é uma característica da comunidade, e isto pode ser uma oportunidade de crescimento e melhoria para a comunidade”. “Nosso maior desafio na visitação é conseguir transmitir o propósito do Padrinho Sebastião”. “As pessoas vêm receber atendimento espiritual e trazem recursos para os moradores da comunidade”. (Entrevista concedida ao autor)

Os relatos a seguir apresentam a característica natural da comunidade em receber os visitantes através da atividade de peregrinação espiritual, que vem acontecendo desde

a formação da comunidade. Algumas das necessidades para o aprofundamento da organização de turismo se manifesta neste relato:

precisamos de parceiros e capacitação, formação de guias, preparar a comunidade, valorizar os produtos, Vila Tour, Bom futuro, observação da natureza, pesca, Santo Daime, placas, trilhas, passeios na floresta, Jardim da Natureza, Paraíso, precisa organizar artesanato, capoeira, feitiço, cozinha geral, palestra dos anciões, casa das madrinhas, falta planejamento e organização coletiva para a visita. (Entrevista concedida ao autor)

Com isso, é possível perceber a dimensão da visita e do turismo para a vida comunitária da Vila Céu do Mapiá, como um caminho para a prosperidade econômica, mas também para o fortalecimento da identidade comunitária através da exposição da forma de vida e da conservação do floresta.

“A visita é bom pois conhecemos muitos amigos de fora, saber receber e agradar, seja quem for, pobre ou rico, somos iguais, eu gostaria de mostrar a floresta e o dia a dia na mata e no roçado, na criação, e melhor ainda mostrar a doutrina com vigor.” (Entrevista concedida ao autor)

6.4.2 Comunidade

O turismo de base comunitária pressupõe a experiência do indivíduo a partir da integração íntima com a comunidade. Cada local com a sua peculiaridade convida determinado perfil de visitante, na Vila Céu do Mapiá não é diferente. A comunidade é a memória do Padrinho e a história de seus companheiros e companheiras, que inspira o modo local de ser e viver. Isso fica claro nos relatos que seguem:

A nossa expectativa é de ser uma comunidade autosustentável, gerando renda para as famílias, e trabalho. Conviver com outras pessoas e estar juntos está no ideal comunitário do Padrinho”. “Queremos que a comunidade tenha uma boa alimentação a partir do nosso suor, a fim de melhorar a nossa alimentação, mostrar para todos a nossa farinha, cana de açúcar, a associação precisa aprimorar os processos comunitários, quando a comunidade estiver funcionando o visitante vai se engajar nos trabalhos.”

“A madrinha Rita está viva, nós temos que aproveitar a energia destas pessoas, ela acompanhou o Padrinho e tem a energia da fonte, o grupo inicial do padrinho. (Entrevista concedida ao autor)

No relato a seguir, alguns moradores trazem reflexões sobre o modo de vida comunitário:

O primeiro benefício da visita é o benefício da troca cultural, através de uma nova visão de mundo e valorização da doutrina pelos visitantes, muitas vezes a pessoa de fora valoriza mais o Mapiá do que as pessoas de dentro, vivemos num lugar que pode ser um paraíso (...)Tinha muita comida, os visitantes vieram para morar (...)Com a chegada das pessoas a comunidade foi se transformando, tem pessoas que falam que o Mapiá é ruim, mas eu estou muito feliz aqui e gosto de morar no meio do mato, quanto mais tenho trabalho mais posso dividir com as minhas amigas. (Entrevista concedida ao autor)

Temos que dar o exemplo e evitar as nossas críticas negativas na comunidade, muitos visitantes vêm e têm a intenção de morar aqui algum dia, o sistema de mutirões organizado é importante para a visita, podem ter diversas formas de potencializar as capacidades dos visitantes, trilha na mata (caminhar na mata em silêncio), igarapé, atividades culturais. (...)A partir do respeito e da busca pela doutrina, tem muita gente na comunidade, a primeira recomendação é o

visitante passar na associação de moradores, pois estamos numa Floresta Nacional, e precisa de autorização para estar aqui. (Entrevista concedida ao autor)

A organização da atividade é fundamental, esta organização deve partir da associação, a organização da visita vai unir a comunidade, pois os canoieiros vão estar organizados, os mateiros e caçadores vão valorizar os seus saberes, cada vez menos estes saberes tradicionais são valorizados, cada vez menos tem jovens que conhecem a mata e que geram recurso a partir desta atividade. (Entrevista concedida ao autor)

A percepção dos valores deixados pelo fundador e a maneira como a comunidade se organiza atualmente são elementos marcantes para o visitante que busca experiências de aprendizado e autoconhecimento. A peculiaridade do modo de vida comunitário é um atrativo turístico por si.

6.4.3 Economia

Neste tema das entrevistas, os moradores trouxeram alguns elementos de como a economia popular se manifesta na comunidade. Mesmo com as dificuldades, foram levantados pontos fortes com potencial de geração de renda.

“A visita é o que gera renda, com mais gente temos mais trabalho, os visitantes podem apoiar as casas trazendo elementos que colaboram com a estadia”. “Os visitantes trouxeram dinheiro e mudaram a realidade, o ecoturista está em busca de um turismo diferenciado, os visitantes querem as coisas daqui”. (Entrevista concedida ao autor)

A visita traz recursos, mas também traz elementos externos, que em alguns casos se distancia do modelo comunitário idealizado pelo fundador Sebastião Mota.

“Evitar o que vem de fora, pois é transgênico. Se souber trabalhar com o dinheiro, ele pode ser bom, mas precisamos estar em união e se ligar no que é bom. O dinheiro pode ser negativo também, o dinheiro não movimenta o que é importante”. “Os festivais são os momentos turísticos (de peregrinação religiosas) quando a Vila está preparada para a visita”.

“Os ideais comunitários se perderão com o impacto do consumismo, o que inicialmente poderia ser chamado de comunismo primitivo, tudo igual e o mínimo essencial, os mais velhos dizem que passaram até fome, mas foi o momento mais feliz da vida deles”. “Diferente da fundação da comunidade, hoje tudo gira em torno de recursos financeiros, e a visita influencia neste processo de capitalização”. “Em termos econômicos, a visita é a principal fonte de renda. A visita é uma das fontes de renda de diversas pessoas”. (Entrevista concedida ao autor)

Há a percepção de que os ideais comunitários foram ficando distantes a partir do momento que mais elementos externos chegavam, porém a visita vem acontecendo desde a fundação da comunidade em 1983, quando a Vila recebeu a primeira expedição de pesquisadores e visitantes. A questão financeira comunitária se mistura com o tema da visita e do calendário daimista.

Nota-se que a entrada de visitantes é um ponto impulsionador para o desenvolvimento local. No tocante à economia, a falta de alinhamento sobre a utilização dos recursos advindos de visitantes externos e sobre como empregá-los de maneira

solidária, com o objetivo de melhorar o coletivo, é um grande desafio de trabalho no campo individual e coletivo simultaneamente.

6.4.4 Conservação ambiental

Os moradores da Vila Céu do Mapiá são usuários da Floresta Nacional do Purus, uma unidade de conservação federal. A consciência em relação à floresta é profunda e está enraizada na formação cultural deste povo. Os pontos levantados sobre este tema estão diretamente ligados a aspectos básicos de vivência na natureza, que por vezes ainda não foram colocados em prática. As falas a seguir referem-se ao tema:

“O importante é cuidar do lixo, do roçado comunitário, vamos comer saudável e ter fartura na mesa”; “Cada pessoa que vier deve levar o seu lixo embora, cada um se responsabiliza pelo seu, o lixo vem de fora deve voltar para fora”.(Entrevista concedida ao autor)

Na questão da conservação ambiental, a temática da visita também é abordada em aspectos positivos e negativos.

Oecoturismo fará que o visitante se alimente com os produtos locais, produção de alimento nos roçados das trilhas. (...)

O impacto do visitante é através do lixo, da ampliação do consumo, alimentos que não são da floresta, deveria haver um tipo de preparação para o visitante sobre o lixo, o nosso morador não explica muito sobre o lixo, até pouco atrás não havia lixo, então os moradores jogavam em qualquer lugar, esta preparação deve ser das famílias que recebem mesmo os visitantes tendo preparação sobre a questão de lixo, se não encontram o ambiente estimulando boas práticas, dificilmente os visitantes vão entrar aqui e cortar uma árvore. (Entrevista concedida ao autor)

O ambiente convida para uma maneira de agir e ser, e assim são os moradores da Vila Céu do Mapiá, integrados à Floresta Amazônica, trazendo consciência para esta maneira de atuar perante ao ambiente e deixando claro para os visitantes o papel de uma Floresta Nacional. Como a atuação dos moradores pode ser considerada um ato político, melhorar a interação com a floresta e potencializá-la a partir da visita é um desafio comunitário.

6.4.5 Santo Daime

Sem dúvida o Santo Daime é um mistério que leva curiosos de todo o mundo à Vila. Os princípios claros e o papel social de integração a partir da harmonia, do amor, da verdade e da justiça fortalecem a vida comunitária e instigam cada vez mais visitantes a conhecer a matriz do Santo Daime. Seguem algumas falas de moradores sobre a vida religiosa.

No começo do Mapiá, as famílias que vieram tinham o ideal comunitário de depender o mínimo possível do externo e se ajudar, depois vieram os filhos; que não necessariamente tinham este ideal. (...)O modelo comunitário do Padrinho; ele acordava cedo e estava ligado em alguma frente de trabalho,

todos iam atrás e nesta época ninguém falava em dinheiro.(...) O ecoturismo está ligado a ideologia do padrinho, respeita a cultura e distribuição de renda, escola envolvida na doutrina, sonho do padrinho é o novo sistema. (Entrevista concedida ao autor)

Os irmãos vem esperando o como fazer este novo sistema, parece que depois que eu tomei daime caiu uma ficha para como eu poderia ser diferente na minha vida, errando agente aprende, o visitante quer aprofundar o conhecimento espiritual.Vim morar por motivo religioso, dedicação a vida espiritual, quero estar com as madrinhas, amo a floresta.” “Vamos precisar conhecer nossa história, nossos ancestrais e o saber local.(Entrevista concedida ao autor)

6.5 Encontro comunitário

O encontro comunitário foi a etapa final da pesquisa da coleta de dados qualitativos, porém, na perspectiva comunitária, foi mais uma etapa para a continuidade do trabalho de fortalecimento do turismo de base comunitária e governança participativa para a construção de uma estrutura de receptivo alinhada com a identidade da Vila Céu do Mapiá.Neste dia de trabalho, com a presença de diversas lideranças comunitárias, foram discutidos diversos pontos relacionados à visitação durante o ano de 2020, centenário do fundador Sebastião Mota. Aqui serão apresentados o levantamento daquiloque o grupo ali representado entendia como importante para a visitação comunitária e a divisão de setores para que estes pudessem elaborar e executar as ações a fim de avançar rumo ao objetivo comunitário. O relato completo do encontro está anexado ao final do trabalho (anexo B).

a) Respostas à pergunta: O que o Mapiá precisa para os festejos do Centenário?

Foco na doutrina: ensaios, fardas, maracás, oração e presença nos hinários;
Oferecer alimentação saudável e passeios ecológicos;
Recepção em Boca do Acre – segurança;
Acessibilidade nos caminhos (pessoas especiais);
Respeito com as mulheres;
Identificar o que causa a desigualdade social para atender;
Encontro com veteranos para resolver a questão da feira;
Atendimentos de emergência na Saúde (Organizar);
Equipe para gerenciar os setores;
Segurança para os moradores e visitantes – escritório em Boca, guarita na Fazenda e cadastramento de quem entra;

Aumentar fiscalização no salão e na vila;
Cada um fazer a sua parte;
Aproveitar gestorias como organização;
Formar hoje o grupo gestor do centenário;
AMVCM, fortalecida em união e participação, ser espaço para os grupos se organizarem;
Estudo dos hinários;
Agir e fazer acontecer de modo sustentável;
Fortalecimento da união do trabalho comunitário e da doutrina;
Boa educação na recepção e convivência e engajamento;
Dar conta dos objetivos (com lista de tarefas para serem realizadas produtivamente);
Coordenação e organização entre os setores;
Aplicação prática dos valores da doutrina;
Transporte fluvial e terrestre;
Olhar para a comunicação interna;
Comunicação e participação comunitária no feito;
Recursos físicos para melhoria das hospedagens;
Fechar os comércios nas horas de trabalhos espirituais;
Ter um “plano B” para os festejos do Pad. Alfredo, caso a igreja não esteja pronta;
Acolhimento e simpatia nos atendimentos;
Curso básico de línguas.

b) Divisão de grupos por setores:

1. Recepção;
2. Hospedagem;
3. Alimentação;
4. Transporte;
5. Segurança;
6. Doutrina;
7. Saúde;
8. Eventos.

Neste encontro foram percebidos elementos precisos no diagnóstico, a partir da identificação dos pontos fortes e fracos na Vila Céu do Mapiá como destino turístico. A elaboração de um plano de ação para o fortalecimento da visitação foi iniciado durante este encontro, porém um olhar sistêmico sobre o turismo comunitário poderá agregar valor para o campo das ideias que já vivem no povo da comunidade.

6.6 Avaliação dos resultados

Qual a forma de organização comunitária participativa da atividade turística na Vila Céu do Mapiá (Flona do Purus) que poderá possibilitar a valorização dos saberes tradicionais, potencializando a geração de renda local, mantendo as boas práticas ambientais, levando em conta os parâmetros estabelecidos pelo ICMBio para a preservação das Unidades de Conservação Ambiental caracterizadas como Floresta Nacional? Esta foi a questão que motivou a presente pesquisa. A partir dela foi possível entender e perceber mais sobre a realidade do TBC na comunidade da Vila Céu do Mapiá.

Depois da coleta de dados, percebe-se o potencial de que a comunidade da Vila Céu do Mapiá tem para o desenvolvimento da atividade turística. As possibilidades para o desenvolvimento de atividades são vastas, e, a partir do que já vem sendo feito, podem ser criados novos atrativos que contemplem o modo de vida local e a conservação ambiental, que são precedidos por questões legais e também pela identidade comunitária em relação à ocupação do espaço em seus princípios ecológicos.

Em todas as etapas metodológicas ficou expresso o interesse dos moradores em buscar maneiras de potencializar os aspectos relacionados ao modo de vida na Floresta Amazônica como possibilidade de atrativo. A conservação ambiental está no discurso dos moradores, que compartilham a noção de que esse aspecto – estar próximo à natureza – atrai os visitantes, e não só os aspectos relacionados à peregrinação religiosa. Eles validam a atividade turística como uma atividade recomendada e incentivada pelo órgão de conservação da biodiversidade federal e o propósito de vida comunitário. Existem pontos relacionados à conservação ambiental que ainda precisam ser trabalhados, porém, as melhorias estão no âmbito da governança comunitária. A atuação continuada na comunidade pode aprimorar práticas relacionadas ao lixo, saneamento básico e ocupação do território. O principal objetivo dessas práticas é o beneficiamento da qualidade de vida do morador mapiense e conseqüentemente, a oferta de experiências mais expressivas aos visitantes.

O aspecto da valorização do saber local é um ponto relevante para o desenvolvimento da atividade turística. Os anciãos têm a vivência e a cultura tradicional nas práticas diárias e comunitárias, mas, com o acelerado desenvolvimento global, os mais jovens vivenciam a falta de identificação com o ideal comunitário original, o que de alguma forma provoca um distanciamento de algo que é esperado pelos visitantes, a cultura tradicional manifestada na vida de diferentes gerações. Este ponto foi levantado em diversos momentos da pesquisa, como um chamado para a atenção ao desenvolvimento das atividades com a juventude como caminho para potencializar a economia local, que está diretamente relacionada ao turismo de base comunitária, e para o fortalecimento das futuras gerações.

Dentre os dados levantados, outro aspecto marcante é a peculiaridade comunitária no âmbito do receptivo local em relação ao modo de hospedagem, alimentação e serviços prestados, por ser uma comunidade da floresta. Com todo o histórico da peregrinação religiosa e visitação na comunidade, ainda fica marcado o modo de vida da floresta como um aspecto da experiência para o visitante que dorme em redes, toma banho e lava roupas no igarapé esai em busca de se alimentar da comida local feita pelas cozinheiras com o tempero característico.

A visão comunitária com os pontos fortes e fracos sobre aspectos que estão pulsando no dia a dia apresenta sinergia em diversos pontos, com uma atenção aos pontos de vista inerentes a cada setor, ou seja, cada ator social percebe mais os pontos que estão impactando diretamente a sua atividade e seu modo de vida, porém, no aspecto geral, o diagnóstico comunitário traz elementos primordiais para o desenvolvimento social, com enfoque na gestão participativa comunitária.

A teoria dos sítios simbólicos postula que o sítio é uma cosmovisão, um espaço de crenças partilhadas que define o real, em um dado momento, bem como as concepções e as práticas de seus atores (Zaoual, 2008), neste caso identificados pela característica comum da peregrinação religiosa daimista. A Floresta Amazônica – patrimônio cultural e ambiental imaterial, com sua pluralidade expressa e validada a partir do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – é a matriz desta doutrina e abriga este povo que detém os saberes dos companheiros e seguidores do Padrinho Sebastião. A busca pelo fortalecimento da economia do trabalho num sistema em que a lógica dominante fosse a reprodução ampliada da vida e não a reprodução do capital (Coraggio, 2012) poderia ser visto como um ideal utópico. O fundador da Vila Céu do Mapiá, no entanto, tentou fortalecer, através das práticas comunitárias, um novo sistema: um novo mundo em que valesse a economia solidária e um novo tempo em que a floresta ensina e provê as

necessidades materiais e imateriais da comunidade. Nessa experiência observa-se, portanto, a materialização de um sítio simbólico.

Em busca da continuidade do levantamento feito nesta pesquisa e devido ao genuíno interesse em fortalecer as atividades que já estão ocorrendo na Vila Céu do Mapiá, proponho o desenvolvimento de um site em que se possa visualizar as atividades que já estão ocorrendo. Este site funcionará como uma plataforma inicial em que possam ser visualizadas as informações referentes à visitação e peregrinação religiosa na comunidade. A elaboração deste material como esboço para um futuro trabalho foi autorizada pelos atores sociais, entendendo que este resultado poderá apoiar o desenvolvimento contínuo da atividade, estimulando os atores locais a compreender uma forma de trabalhar criando um espaço para a continuidade do processo deste setor produtivo tão relevante para a comunidade.

A sugestão de um site como meio de comunicação exige o olhar para uma estratégia mais ampla tanto no âmbito interno como no externo da comunidade sobre qual a forma de comunicação que a organização comunitária quer utilizar. A recomendação pela elaboração de um site toca justamente neste ponto aonde o grupo gestor da atividade precisará trabalhar cuidadosamente nos arranjos produtivos locais através de alinhamento entre os setores, como por exemplo o grupo dos barqueiros, as famílias e hospedarias que oferecem diversos serviços, alinhamento entre os que servem alimentos para um trabalho na perspectiva solidária como um dos pressupostos do turismo de base comunitária. Afinal todos os visitantes necessitam do transporte fluvial, de hospedagem e da alimentação (e outros serviços) para ter uma excelente estada na vila e este canal de comunicação seria um impulsionador para a gestão comunitária da atividade de visitação que necessitaria ter o alinhamento de como fazer a interação com os visitantes para que não seja divulgado em excesso, preservando a peculiaridade de um local selvagem de visitação na floresta. As entrevistas semi estruturadas evidenciam a necessidade deste ponto de equilíbrio comunitário de cuidado da organização interna e atenção com a expansão da visitação para o público externo. Estas são algumas sugestões para o início do trabalho de utilização desta plataforma de comunicação digital que é o site da visitação e peregrinação religiosa na Vila Céu do Mapiá.

7 Considerações finais

Alguns aspectos relativos à Vila Céu do Mapiá extrapolam esta pesquisa e com certeza outras tantas que ainda virão. Um dos eixos temáticos aprofundados neste trabalho é a gestão comunitária do turismo, como atividade intrínseca à comunidade, pois desenvolvida de maneira intuitiva desde a chegada dos primeiros visitantes, em 1983. De lá para cá, o fluxo se mantém, rico em diversidade, possibilitando interações com moradores no território e visitantes. É uma característica comunitária o acolhimento de cada morador, um aspecto encantador e difícil de mensurar, porém, a maneira com que esta nobre característica se manifesta é pouco sistematizada, em muitos casos impossibilitando a avaliação das experiências e, conseqüentemente, a melhoria da peculiar forma cabocla de receber os visitantes.

A partir desta história comunitária, surgem muitos atrativos e serviços como possibilidades de fortalecer algo que já existe, e também impulsionar a geração de renda de maneira a melhorar a forma de articulação comunitária no espaço. Esta organização do potencial turístico é necessária, pois a vila tem a incrível característica de poder disponibilizar um variado e genuíno espectro de atividades como atrativos para os visitantes, desde um pito com prosa antes do mutirão, até fazer uma refeição com uma companheira do Padrinho Sebastião, finalizando o dia numa trilha, caiaque no pôr do sol ou simplesmente a oração na varanda de uma anciã. O desafio de propor uma gestão do turismo que atenda às necessidades comunitárias é um processo contínuo de transformação social que tem força para impulsionar a comunidade a novos patamares, tudo isso a partir do que já acontece naturalmente, de maneira harmonica, e é o mais precioso da comunidade.

A definição da Vila Céu do Mapiá como um destino turístico amazônico é um passo importante para a valorização do trabalho dos agentes locais. Além da peregrinação religiosa como um impulsionador da visitação, outros aspectos relacionados ao turismo de base comunitária podem ser fortalecidos, com aprofundamento prático que contemple os aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais deste centro de irradiação da cultura daimista amazônica.

O levantamento de dados que foi iniciado nesta pesquisa dará subsídio para a continuidade do trabalho. Espera-se que outras pesquisas possam se aprofundar em cada potencial turístico oferecido pelos moradores da Vila Céu do Mapiá e também na interação entre estes em busca de negócios comunitários. Nesta etapa do trabalho foram identificados produtos já existentes e com potencial, porém, o lapidar de cada um destes é

um trabalho para a própria comunidade contando com o apoio da comunidade científica e de parceiros. Cada produto existente na Vila tem a sua característica, com seus potenciais e desafios, o funcionamento destes independe destas melhorias. Porém, cada ponto trabalhado em sua estruturação representa uma melhoria significativa na eficiência para os que oferecem e também para os que vivenciam a experiência, criando uma dinâmica contínua de troca de saberes.

Tanto o olhar para o destino turístico como para os produtos pode ser ancorado por políticas públicas e comunitárias de fortalecimento da atividade turística através de melhorias que possibilitem uma boa experiência ao visitante. São pontos que estão ao alcance da gestão comunitária, como a sinalização, a concentração de informações pelo centro de informações e a organização entre os empreendedores, atividades que já estão acontecendo em algum nível atualmente. O fluxo deste trabalho acontece desde a saída do visitante do aeroporto de Rio Branco, passando pela estadia na Vila Céu do Mapiá até o retorno para Rio Branco. Este cuidado com o visitante cria uma atmosfera interna de recepção, valorizando o trabalho dos moradores, realizando atividades no âmbito do trabalho individual e comunitário.

A construção desta perspectiva passa pelo indivíduo mas também pelo grupo. No âmbito individual, a capacitação em áreas técnicas relacionadas ao turismo e a valorização da cultura local, através da prática e conservação ambiental como modo de vida integrado à realidade, em busca de atender à necessidade local, poderá trazer coerência na estruturação da atividade. O desenvolvimento da gestão comunitária, por sua vez, deve ser um trabalho alinhado à construção coletiva para o desenvolvimento do turismo comunitário, possibilitando a retroalimentação da atividade com todas as práticas comunitárias que são a motriz para a vida na floresta.

A partir destas características, alinhadas a uma perspectiva de desenvolvimento comunitário, alguns aspectos são pilares para o aprimoramento local do turismo na Vila Céu do Mapiá. Com certeza, a peregrinação religiosa da doutrina do Santo Daime é o que identifica a atividade do turismo local. A importância do alinhamento da missão comunitária em relação à visitação é fundamental para proporcionar clareza nos futuros projetos e um compartilhamento de onde os interessados na atividade querem chegar, qual o grau de empenho e como potencializar o ideal comunitário que extrapola a visitação.

O sucesso da gestão comunitária do destino dependerá da capacidade dos diferentes agentes em desempenhar os seus respectivos papéis através da criação de acordos que permitam a tomada de decisão do grupo para o desenvolvimento da atividade

de visitação ao longo do tempo. A pouca colaboração e a competitividade poderão comprometer o processo entre a população local e os visitantes, enfraquecendo os processos comunitários. A importância no trabalho pautado nos pilares do turismo de base comunitária garantem uma atividade rumo à prosperidade, tanto para os que ofertam o serviço como para os que recebem. Todo o resultado do turismo está pautado nas relações humanas, tanto internas como externas. São essas relações que poderão dar qualidade ao turismo da Vila Céu do Mapiá. O valor que os visitantes buscam durante esta peregrinação só pode ser encontrando naquele ambiente, o que o torna um local único.

O destino turístico configura a estrutura em forma de rede a fim de alcançar a melhor qualidade de vida para os seus moradores. Uma das funções do destino é garantir a qualidade de vida da população local, o desenvolvimento econômico e a satisfação dos visitantes. Como fazer isto de acordo com as peculiaridades do modo de vida local é o desafio da gestão comunitária do turismo, que a partir de esforços comunitários terá condições para fazer nascer a atividade turística de maneira natural.

O crescimento da atividade do turismo poderá permitir a organização do território aumentando o fluxo de visitação que, de maneira harmonizada, poderá fortalecer a atividade econômica local. Possibilitando também a geração de renda para os envolvidos, rentabilidade econômica para as organizações locais, de modo que seus investimentos sejam prósperos, impulsionando a melhoria social para a comunidade, que se traduzirá em melhor infraestrutura para os moradores, atrativos excelentes e postos de trabalho adequados com a própria conservação ambiental, valorizando a Floresta Amazônica como patrimônio do mundo.

Pela potencialidade e força que esta comunidade apresenta na sua formação estrutural, a visitação está além de produtos e um destino turístico, se apresentando muito mais como uma possibilidade de construção de um local referência no turismo de base comunitária amazônico do que somente mais um destino turístico. Este potencial está relacionado a cultura daimista, aos conhecimentos da floresta mas também a possibilidade de negócios comunitários, engajamento entre os setores e o fortalecimento de novas dinâmicas sociais e econômicas pautadas no TBC. O espírito comunitário do fundador pode se manifestar em qualquer setor produtivo a partir do estabelecimento de acordos para o trabalho de maneira sustentável e solidária. Muito já vem sendo feito, vivenciado e celebrado neste sentido, desde a fundação da comunidade, o próximo passo no âmbito da visitação pode ser impulsionador para o desenvolvimento de aspectos intrínsecos da comunidade, que surgem como uma manifestação endógena muito além de

uma necessidade do mercado. É neste ponto que o TBC está no cerne desde processo comunitário fortalecendo o que já está sendo feito durante todos esses anos, a partir do princípio de que as atividades primárias são fortalecidas com este processo de visitação, não deixando o turismo de base comunitária se tornar a atividade primordial da comunidade e sim um meio para fortalecer o que já existe de melhor na Vila Céu do Mapiá.

A devolutiva da pesquisa que inicialmente seria feita presencialmente com o encaminhamento dos próximos passos não foi possível pela pandemia do Coronavírus, tendo que ser feita   distância. Primeiramente o envio da presente dissertação por email para os responsáveis dos setores comunitários, seguido do envio de um exemplar impresso para ser arquivado na associação de moradores.

Mesmo que a distância e com as limitações em que o ano de 2020 nos traz, estou disposto a apoiar o processo de construção da gestão comunitária das atividades relacionadas à visitação e ao turismo de base comunitária, sendo o aprofundamento na utilização do site a partir da prática interna de tomada de decisão e gestão desta importante ferramenta de comunicação.

Neste caminho de fortalecimento da identidade dos serviços e atrativos locais existe uma necessidade de aprofundamento técnico em aspectos relacionados a gestão, empreendedorismo e receptivo, esse trabalho é fundamental para a garantia do êxito das informações do site e ações genuínas que a comunidade estará realizando.

Com a conclusão desta dissertação a pesquisa sobre a visitação na Vila Céu do Mapiá com certeza não termina, sendo o aprofundamento de alguns pontos abordados na presente pesquisa subsídio para o início da estruturação de um plano de uso público, como sugerido pelo SNUC.

8 Referências bibliográficas

Afonso, M. L., & Abade, F. L. (2008). Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM, 456-463

Anguera, Maria Tereza. Metodologia de La observación em las ciencias humanas. Madrid: Cátedra, 1985.

Assis, G. e Labate, B. Dos Igarapés da Amazônia para o outro lado do Atlântico: A expansão e internacionalização do Santo Daime no contexto religioso global. Rio de Janeiro, 2014.

Bartholo, R., Sansolo, D.; Bursztyn, I. Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

Benevides, I.P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). Turismo Desenvolvimento Local. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. pp. 23-41.

Bogdan T.S. & Taylor, B. (1998.) Introduction to qualitative research. New York: Wiley.

Bornhorst, T.; Ritchie, J. R. B.; Sheehan, L. Determinants of tourism success for DMOs & destinations: An empirical examination of stakeholders' perspectives. *Tourism Management*, 31, 2010. 572-589.

Brasil. Snuc – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; Ministério do Meio Ambiente – Governo Federal, 2000.

Brasil. Floresta Nacional do Purus- Plano de Manejo. ICMBio, 2009.

Brasil. Política Nacional de Desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais. Governo Federal, 2007.

Brasil. Política Nacional de Desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais. Governo Federal, 2007. Brasil. Floresta Nacional do Purus- Plano de Manejo. ICMBio, 2009.

Bursztyn, I. Desatando um nó na rede: Sobre um projeto de facilitação do comércio direto do turismo de base comunitária na Amazônia. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, 2012.

Bursztyn, I.; Sansolo, D. Cenário para o desenvolvimento do turismo de base comunitária no Brasil. Anais do IV Congresso Latino Americano de Investigacion turistica. CD-ROM, Montevideo, Uruguai, 2010.

Bursztyn, i. Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. In: Bartholo, r.; Sansolo, D. g.; Bursztyn, i. (org.). Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: letra e imagem, 2009. p. 142-161

Cassiolato, J. e Matos, M. e Lastres,H.(Org.).Arranjos Produtivos Locais: uma alternativa para o desenvolvimento- criatividade e cultura, vol.1. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

Castro, S. Desenvolvimento do APL de Turismo de Pirenópolis in Cassiolato, J. e Matos, M. e Lastres, H. (Org.). Arranjos Produtivos Locais: uma alternativa para o desenvolvimento- criatividade e cultura, vol.1. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

Coraggio, J. L. ¿Qué es lo económico y que es otra política? In: LIANZA, S.; HENRIQUES, F. C. (Orgs.) *A economia solidária na América Latina: realidades nacionais e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Pró Reitoria de Extensão UFRJ, 2012. p. 21-46

Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo- Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 7- Roteirização Turística/ Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

Crema, Allan e Faria, Paulo. Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação- ROVUC. Brasília, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade- ICMBio, 2018.

Delegação Regional da América Central e Panamá: Declaração de São José. San José, 1994. Disponível em <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/>

Drive, B. L..1990. Focusing reserch on the benrfits of Leisure. Journal of Leisure Reserch, 22, 93-98

Driver, B. L. and P. J. Brown. 1978. The opportunity spectrum concept and behavioral information in outdoor recreation resource supply inventories: a rationale. Pp. 24-31 in G. H. Lund (tech. coord.), *Integrated inventories of renewable natural resources: proceedings of the workshop*. USDA Forest Service General Technical Report RM-55. Fort Collins, CO: Rocky Mountain Forest and Range Experiment Station.

Flick, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa; tradução. Joice Elias Costa. - 3. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982

Froés, Vera. Santo Daime – Cultura Amazônica- História de Juramidam. 3 ed. Editora Yagé, 2019

Gimenes, Maria Henriquera Sperandio Garcia Gimenes. O uso turístico das comidas tradicionais: algumas reflexões a partir do Barreado, prato típico do litoral paraense 2009.

Haguette, T.M.F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

Heidegger, M. *Unterwegs zur Sprache*, Verlag Günther Neske, Pfullingen, 1959, referido por Hassan Zaoual a partir da tradução francesa *Acheminement vers la Parole*, Gallimard/Tel, Paris, 1976.

Holliday, Oscar Jara. *Para Sistematizar Experiências*. Tradução: Maria Viviana Resende. 2 ed. Brasília: MMA, 2006. 128p.

Irving, M. a. reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária – inovar é possível? In: Bartholo, R.; Sansolo, D. g.; Bursztyn, I. (org.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: letra e imagem, 2009. p. 108-119

- Jafari, Jafar. Introduction. In: Jafari, Jafar. *Encyclopedia of tourism*. Londres: Routledge, 2000.
- Maldonado, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; BursZTYN, I. (org.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: letra e imagem, 2009. p. 25-44.
- Marshall, C., & Rossman, G. B. (1995). *Designing qualitative research* (2nd ed., 78-79). Thousand Oaks: CA. Sage Publications
- Mello, R. P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. *Psicologia e Sociedade*, v.19, n.3, p. 26-32, 2007
- Minayo, M.C.de S.O desafio do conhecimento; pesquisa qualitativa em saúde. 3. Ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.
- Ministério do Turismo (MTur). *Secretária Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo*. Governo Federal, 2010.
- Nascimento, Cláudio. *Cartilha de Autogestão -Patzi, Félix. Sistema Comunal, una propuesta alternativa al sistema liberal*. La Paz: CEA, 2004.
- Sansolo, D. Turismo e sustentabilidade na Amazônia: Um novo conteúdo territorial e a experiência no Município de Silves, Amazonas. *Turismo Y Patrimonio Cultural*, 1, 39-50, 2003.
- Sampaio, c. a. et al. perspectiva do turismo comunitário, solidário e sustentável. In: Sampaio, c. a. c.; Henriquez, c.; Mansur, c. (org.). *Turismo comunitário, solidário e sustentável: da crítica às ideias e das ideias à prática*. Blumenau: edifurb, 2011. p. 23-30.
- Ribeiro, Karla Cristina Campos. *Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas*, 2011.
- Singer, P. *Introdução à Economia Solidária*. São paulo: Fundação per seu abramo, 2010.
- Souza, M. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In Saquet e Sposio (orgs) *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 57-72,2009.
- Rezende, Ricardo: *Por uma geografia da hospitalidade: o lugar, a racionalidade e a hospitalidade em comunidades que recebem visitantes*, Tese Doutorado. Brasília, 2016
- Thiollent, Michel Jean Marrie. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Editora Cortez, 1986
- Valls, Josep-Fransesc. *Gestão Inegral de destinos turísticos sustentáveis*. Tradução: Cristiano Vasques e Liana Wang, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006
- Zaoual, H. Do turismo de massa ao turismo situado: Quais as transições? *Caderno Virtual de Turismo*, v. 8, n. 2, 2008.
- Zaoual, H. *Management situé et développement local*. Coleção Horizon Pluriel, Rabat, Marrocos, 2006, 213p.

Zibechi, Raúl. *Dispersar El Poder*. Buenos Aires: Tinta Limon Ediciones, 2006.

9 Apêndice

A – Roteiro entrevista semiestruturada

Nome:

Data de nascimento:

Autorização:

1) O que você entende como o turismo/visitação na Vila Céu do Mapiá?

-Como foi o início desta atividade?

-Quais são as atividades que você considera turismo na Vila?

2) Como o turismo pode fortalecer os laços comunitários?

-Qual a relação do modo de vida comunitário do Mapiá com o turismo?

- Como você percebe a atividade do turismo nas relações comunitárias?

3) Como o turismo pode potencializar as atividades econômicas na vila?

-Quais as atividades de turismo que podem gerar renda?

4) Qual a relação do turismo no Céu do Mapiá com a conservação ambiental?

-Quais as atividades que podem gerar ou geram conservação ambiental?

5) Quais as possibilidades da irmandade do Santo Daime em fortalecer a atividade do turismo/visitação na vila?

-O que você acha que gostariam de encontrar no Mapiá?

-Como receber estes visitantes?

-O que a comunidade necessita para receber estes visitantes?

-Qual seria a sua sugestão de roteiro para um visitante que vem pela primeira vez?

B – Respostas entrevistas semiestruturadas

1 – Ecoturismo sem dinheiro, contato natural com a comunidade, trilha, caiaque, tirolesa, precisamos de parceiros e capacitação, formação de guias, preparar a comunidade, valorizar os produtos, Vila Tour, Bom futuro, observação da natureza, pesca, daime, placas, trilhas, passeios na floresta, jardim da natureza, paraíso, bom futuro, precisa organizar, artesanato, capoeira, feitiço, cozinha geral, palestra dos anciões, casa das madrinhas, falta planejamento, organização coletiva para a visitação.

2 – Prefere o Mapiá sem ninguém mas a visitação é legal, quando melhor recebermos as pessoas por aqui mais elas vão voltar, se não forem bem tratadas não vão voltar, os visitantes querem ver a comunidade tomando daime, sem roubo e alinhados com a Madrinha, precisamos de uma organização para receber. Para que você está aqui no Mapiá? (pergunta para o visitante)

3 – O visitante acompanhar o nosso trabalho, falta organização para os visitantes acompanharem, a Associação deveria apoiar nesta organização.

4 – A visitação é bom pois conhecemos muitos amigos de fora, saber receber e agradar, seja quem for pobre ou rico, somos iguais, eu gostaria de mostrar a floresta e o dia a dia na mata e no roçado, na criação, e melhor ainda mostrar a doutrina com vigor.

5 – Vocação comunitária em receber, isto é uma característica da comunidade, e isto pode ser uma oportunidade de crescimento e melhoria para a comunidades. Aproveitar o trajeto de chegada na floresta (de carro no verão e bote no inverno) para aprofundar na mata, conhecer as instituições locais, Igreja, ter materiais da doutrina e da cultura do Mapiá, acredito que no centro da Vila falta informação fundamental do que o visitante está fazendo aqui, algum simbolo que lembre ao local e ao visitante que estamos numa comunidade intencional, fio condutor da origem da comunidade (extremamente particular).

6 – Os visitantes vem para fazer a peregrinação espiritual, também tem grupos que vem aprender sobre florais da amazônia e medicina da floresta, não existe turista que vem pela natureza lugar, a grande maioria vem pela religião, a comunidade precisa preparar o pessoal para saber receber o visitante, a cultura local não tem esta preparação, o caboclo é meio desconfiado, preparar uns guias mirins para receber os visitantes, vamos descobrindo tudo na pancada, os visitantes gostariam de ser recebidos com boa educação e sorrisos,

7 – O turismo vem caindo muito no Céu do Mapiá, um dos motivos é que tem muita igreja no mundo todo e tem comitivas que viajam pelo mundo, chegar até aqui é caro. A expansão da doutrina fez a visitação diminuir no Céu do Mapiá. Teve um tempo que o governo promoveu um curso de ecoturismo, nesta época ainda tinha um espírito comunitário, o Padrinho e outros líderes espirituais já haviam percebido que a organização das atividades turísticas estariam na mão das mulheres, sendo elas a ponte das informações com o visitante, uma das ideias iniciais era fazer no formato airbnb, pessoas que tem prazer em hospedar, alimentação organica (Josie e Pedro)-

Bairro Ecológico Novo Horizonte (Miramar, Seu Paulinho, Arlete), Paraíso, canoagem, mateiros, Bom Futuro, Caminhos Abertos projeto do grupo da América do Norte.

8 – O turismo é uma das possibilidades econômicas, trilha Paraíso, banhar no igarapé, tomar banho de argila, tem tudo a ver com a nossa história.

9 – Veio visitar e se interessou de morar na Vila Céu do Mapiá, tive a sorte de chegar numa casa que recebi muitos conselhos de como funciona a vila e a comunidade, seria muito legal ter um folheto de recebimento com as coisas básicas que o turista deve saber, como em qualquer país.

10 – Nosso maior desafio na visita é conseguir transmitir o propósito do Padrinho Sebastião.

11 – A visita é fundamental, tem dois tipos de visitante o que sempre vem e o que nunca veio. O que nunca veio precisa de uma orientação maior e apoio, nós evitamos de divulgar muito sobre como chegar aqui no Mapiá, pretendemos que a pessoa faça uma pré-inscrição antes de chegar na vila, tenha um receptivo desde Rio Branco e orientar melhor a visita aqui na Vila Céu do Mapiá.

12 – As pessoas vem receber atendimento espiritual e trazem recursos para os moradores da comunidade.

13 – É muito importante organizar a visita, pois é uma boa maneira de geração de renda, já acontece naturalmente, mas acontece de maneira independente, organizar as pessoas que recebem em parceria com a associação, fortalecer este vínculo, conscientizar os locais.

Comunidade

1 – Tinha muita comida, os visitantes vieram para morar, os ecoturistas podem melhorar a vida dos mapienses e visitantes daimistas, produção de alimentos (muito gasto na boca do acre).

2 – Com a chegada das pessoas a comunidade foi se transformando, tem pessoas que falam que o Mapiá é ruim, mas eu estou muito feliz aqui e gosto de morar no meio do mato, quanto mais tenho trabalho mais posso dividir com as minhas amigas, se pesquisarmos nas casas podemos perceber quais as necessidades.

3 – Queremos que a comunidade tenha uma boa alimentação a partir do nosso suor, a fim de melhorar a nossa alimentação, mostrar para todos a nossa farinha, cana de açúcar, a Associação precisa aprimorar os processos comunitários, quando a comunidade estiver funcionando o visitante vai se engajar nos trabalhos.

4 – A partir do respeito e da busca pela Doutrina, tem muita gente na comunidade e poucos estão se ligando na doutrina, eu espero uma melhora, o dia a dia melhorou, mas a união não, muitas pessoas estão ligados na bagaceira do mundo.

5 – O primeiro benefício da visita é o benefício da troca cultural, através de uma nova visão de mundo e valorização da doutrina pelos visitantes, muitas vezes a pessoa de fora valoriza mais o Mapiá do que as pessoas de dentro, vivemos num lugar que pode ser um paraíso, existe três gerações: um grupo pré Mapiá (modo de vida do Padrinho), grupo Mapiá (que vinha em busca de

isolamento, mas nos anos 90 inicia-se o processo de globalização, em 98 aceita-se a entrada da televisão na Vila, que recebe uma formação da televisão), em 2013 teve um pesquisador que estudou os impactos da globalização nas comunidades tradicionais, atualmente não se encontra um violeiro com menos de 30 anos, que é uma expressão local. Agora estamos na terceira geração, que até a segunda ainda havia o compartilhamento com as famílias, agora os jovens utilizam o celular e os pais são analfabetos e nem sabem o que aquilo representa. Modelo da família; a 25 anos se a família queria prosperar deveria ter mais filhos para aumentar a mão de obra, hoje em dia se o indivíduo tem 10 filhos; os pais vão ter que comprar 10 celulares.

6 – Tem pessoas das comunidades dos entornos que estão querendo visitar a comunidade pelo novo templo, a comunidade sempre foi muito ajudada, porém o que veio fácil não teve muito cuidado dos moradores, o Mapiá é um lugar único, uma grande universidade da vida.

7 – Hoje em dia não é mais comunidade, não existia vínculo empregatício, tudo era dedicado a comunidade, a partir do ano 2000 mudou um pouco, a escola se tornou municipal, no início eram 30 famílias, hoje em dia nem sei quantas famílias somos.

8 – Soma a nossa expectativa de ser uma comunidade auto sustentável, gerando renda para as famílias, e trabalho. Conviver com outras pessoas e estar juntos está no ideal comunitário do Padrinho.

9 – A madrinha Rita está viva, nós temos que aproveitar a energia destas pessoas, ela acompanhou o Padrinho e tem a energia da fonte, o grupo inicial do padrinho, imagino que possa ter uma pequena escola da doutrina (casa de música) para agregar visitantes e locais.

10 – Temos que dar o exemplo e evitar as nossas críticas negativas na comunidade, muitos visitantes vem e tem a intenção de morar aqui algum dia, o sistema de mutirões organizado é importante para a visitação, podem ter diversas formas de potencializar as capacidades dos visitantes, trilha na mata (caminhar na mata em silêncio), igarapé, atividades culturais.

11 – A primeira recomendação é o visitante passar na Associação de Moradores, pois estamos numa Floresta Nacional, e precisa de autorização para estar aqui.

12 – A organização da atividade é fundamental, esta organização deve partir da associação.

13 – A organização da visitação vai unir a comunidade, pois os canoeiros vão estar organizados, os mateiros e caçadores vão valorizar os seus saberes, cada vez menos estes saberes tradicionais são valorizados, cada vez menos tem jovens que conhecem a mata e que geram recurso a partir desta atividade.

Economia

1 – Os visitantes trouxeram dinheiro e mudaram a realidade, o ecoturista está em busca de um turismo diferenciado, os visitantes querem as coisas daqui.

- 2 – Está tendo bastante trabalho no Mapiá, a visitação é o que gera renda, com mais gente temos mais trabalho, os visitantes podem apoiar as casas trazendo elementos que colaboram com a estadia.
- 3- Evitar o que vem de fora, pois é transgênico, quem não trabalha no mutirão deveria pagar algo para a associação, pois alguns fazem e outros não. Se souber trabalhar com o dinheiro, ele pode ser bom, mas precisamos estar em união e se ligar no que é bom. O dinheiro pode ser negativo também, o dinheiro não movimenta o que é importante.
- 5- O visitante também traz melhorias econômicas para as famílias, fazendo um quarto ou um banheiro para a próxima vez que ele vier, os festivais são os momentos turísticos (de peregrinação religiosas) aonde a Vila está preparada para a visitação. Os ideais comunitários se perderão com o impacto do consumismo, o que inicialmente poderia ser chamado de comunismo primitivo, tudo igual e o mínimo essencial, os mais velhos dizem que passaram até fome mas foi o momento mais feliz da vida deles. Existe um processo de urbanização e desenvolvimento que a partir da ótica capitalista vem como um pacote fechado. A partir do momento da construção da nova igreja este processo se acelerou. A questão da cerca não existia por aqui, e agora já iniciam as cercas.
- 6- Diferente da fundação da comunidade, hoje tudo gira em torno de recursos financeiros, e a visitação influencia neste processo de capitalização.
- 7- O comércio aumentou, as pessoas pararam de plantar, e a necessidade pelo dinheiro aumentou, em torno do 2000, foram muitos anos de sofrimento para firmar a comunidade.
- 8- É uma das possibilidades, gerando emprego e renda, vamos precisar de ajuda para receber.
- 11- Em termos econômicos a visitação é a principal fonte de renda.
- 12- A visitação é uma das fontes de renda de diversas pessoas.

Conservação Ambiental

- 1- Muito alimento externo, o ecoturismo fará que o visitante se alimente com os produtos locais, produção de alimento nos roçados das trilhas.
- 2- Cada pessoa que vier deve levar o seu lixo embora, cada um se responsabiliza pelo seu, o lixo vem de fora deve voltar para fora.
- 3- O importante é cuidar do lixo, do roçado comunitário, vamos comer saudável e ter fartura na mesa.
- 5- O impacto do visitante é através do lixo, da ampliação do consumo, alimentos que não são da floresta, deveria haver um tipo de preparação para o visitante sobre o lixo, o nosso morador não explica muito sobre o lixo, até pouco atrás não havia lixo, então os moradores jogavam em qualquer lugar, esta preparação deve ser das famílias que recebem, mesmo os visitantes tendo preparação sobre a questão de lixo, se não encontram o ambiente estimulando boas práticas, dificilmente os visitantes não vão entrar aqui e cortar uma árvore.

6- A conservação ambiental é fundamental, é uma meta da organização para mantermos a comunidade, existem algumas possibilidades de visitação na natureza, porém tem poucas pessoas interessadas.

7- Muitas pessoas da comunidade não tem noção da sustentabilidade, poluição sonora, é hora do Mapiá agir localmente, para a visitação é necessário que os visitantes levem seu lixo embora.

8-Vamos conhecer mais sobre as árvores e plantas.

9- Informações sobre o lixo e visitação em espaços específicos (Jardim da Natureza, CMF...).

12- O cadastramento de todos os canoeiros, tendo carteira de habilitação para transporte de passageiros e carga.

Santo Daime

1- Sonho comunitário do Padrinho Sebastião (qual é o sonho?), o ecoturismo está ligado a ideologia do padrinho, respeita a cultura e distribuição de renda, escola envolvida na doutrina, sonho do padrinho é o novo sistema.

2- Quando o Padrinho chegou nós já morávamos no igarapé, estamos aqui para seguir a doutrina, respeitar os mais velhos e os acordos da comunidade.

3- O modelo comunitário do Padrinho; ele acordava cedo e estava ligado em alguma frente de trabalho, todos iam atrás e nesta época ninguém falava em dinheiro.

4- Eu estou esperando uma união, e que todos estejam nos trabalhos, concentrando a mente em Deus, falar pouco e ouvir muito (hino Mestre), os visitantes esperam encontrar a comunidade na sintonia do Padrinho Sebastião.

5- Nos períodos dos festivais não tem atividades rotineiras no Mapiá, mas pode ser interessante para o visitante vir em outras épocas, que tem outras atividades rotineiras e também tem trabalhos, a comunidade é um laboratório para a pesquisa, pois reproduz de maneira reduzida diversos fenômenos sociais.

6- Várias atividades na comunidade funcionam a partir do apoio.

7- No começo do Mapiá, as famílias que vieram tinham o ideal comunitário de depender o mínimo possível do externo e se ajudar, depois vieram os filhos; que não necessariamente tinham este ideal, estes não iam mais para a igreja, nós deixamos de ter as orações de domingo e os ensaios, este era um momento comunitário.

8-Vamos precisar conhecer nossa história, nossos ancestrais e o saber local.

9- Vem morar por motivo religioso, dedicação a vida espiritual, quero estar com as madrinhas, ama a floresta, alguns pontos devem ser explicitados sobre a comunidade: mutirão, venda do daime não é permitida, uso da santa maria.

10- Os irmãos fardados da igreja vem esperando o como fazer este novo sistema, parece que depois que eu tomei daime caiu uma ficha para como eu poderia ser diferente na minha vida, errando agente aprende, o visitante quer aprofundar o conhecimento espiritual.

- 12- Todos os visitantes vem atrás da Igreja, tomar daime e fazer parte da comunidade daimista.
- 13- Um presidente de uma igreja deve conhecer o Mapiá, o conhecimento espiritual, o conhecimento sobre as diversas formas de fazer o sacramento do Santo Daime, o conhecimento espiritual o Daime dá em qualquer lugar,mas a vivência com os companheiros do padrinho que traz algo diferenciado.

C – Bloco de notas

Campo: Vila Céu do Mapiá (AM)

Data: Outubro de 2018

Metodologia: Observação Participante

Saída do Rio de Janeiro com destino a Rio Branco no dia 7 de outubro, data do aniversário de Sebastião Mota de Melo, fundador da Vila Céu do Mapiá. Chegada em terras amazônicas à meia-noite, seguimos de carro por mais três horas até Boca do Acre(AM).

Nesta viagem de campo estavam os professores da UFV e responsáveis pelo programa AmaGaia; Felipe e Cacá Simas.

Na cidade de Boca de Acre embarcamos na voadeira por mais 57 km no Rio Purus em direção ao Igarapé Mapiá com destino à comunidade. Mesmo com o ronco do motor durante o trajeto pude entender melhor o Programa de Desenvolvimento Social AmaGaia e fazer perguntas que pudessem enriquecer a perspectiva do trabalho afim do interesse em apoiar esta pesquisa.

No histórico do desenvolvimento comunitário local, o primeiro momento que vem à cabeça dos atores locais, talvez por ser mais recente ou pelo trabalho a partir de uma metodologia sistematizada, foi o Plano de Desenvolvimento Comunitário (PDC) elaborado pelo Instituto Nawa e o CTA- Acre com o apoio do WWF. Este trabalho gerou resultados nas práticas comunitárias que ressoam até os dias atuais.

Dez anos depois do PDC surge o Programa AmaGaia com o propósito de validar o que já havia sido trabalhado e seguir na busca por ações práticas que pudessem gerar o desenvolvimento a partir dos princípios da sustentabilidade. Durante este ano de 2013 houve oficinas com o foco no aprofundamento do Plano de Desenvolvimento Comunitário construído a partir da participação dos atores sociais.

Durante os anos seguintes houve seguimento de ações trabalhadas, mas sem um acompanhamento sistematizado da universidade por questões financeiras. A comunidade seguia o

seu caminho a partir das práticas sociais locais. Em 2017 com o apoio de um financiador externo houve a possibilidade de revisitar o plano de ações trabalhado nas oficinas em busca da continuidade do trabalho.

Seguimos o igarapé Mapiá com o canoeiro local que pôde trazer percepções sobre a organização do trabalho dos canoeiros. No final do dia chegamos à Vila Céu do Mapiá para descansar, depois de quase dois dias de viagem, com o objetivo de iniciar o trabalho de campo no dia seguinte.

Na manhã seguinte foi dia de mutirão no Centro de Medicina da Floresta (CMF), local de referência desta comunidade até o mundo, onde se produzem medicamentos a partir de folhas, raízes e cipós da floresta com o conhecimento tradicional dos caboclos. Estive presente no trabalho do mutirão e nas conversas pude relatar algumas peculiaridades do local.

No CMF acontecem encontros duas vezes por semana reunindo jovens aprendizes, trabalhadores, mateiros, anciãos e voluntários afim de produzir chás, travesseiros de ervas, defumação, tinturas, plantio e manejo florestal. Neste grupo existe a divisão de tarefas bem clara e a visitação é aberta nesses dois dias, sendo oferecidas atividades de trabalho e almoço para os visitantes. Através da colheita, processamento, armazenagem e secagem de plantas sistematizados em um manual organizado pelos membros e guardados como um segredo que se multiplica o trabalho possibilitando a interação de todas as idades.

Em meio a comunidade existe o Telecentro, que é um centro de comunicação que tem como trabalho potencializar a rádio comunitária, a biblioteca e o acesso aberto à internet. A Escola Municipal Cruzeiro do Céu representa uma ponte entre o município e a comunidade possibilitando acesso a escola até o ensino médio de jovens da comunidade.

O processo de governança comunitária acontece pela Associação de Moradores da Vila Céu do Mapiá (AMVCM), que conta com um quadro tradicional de gestores que passa por presidente, secretária e conselho fiscal. Uma característica da associação são os grupos de trabalho chamados gestorias (apêndice C) que atuam com a participação de atores sociais nos principais setores para o aprimoramento local.

Na conversa inicial sobre o Turismo de Base Comunitária na Vila Céu do Mapiá foram levantados os seguintes pontos como relevantes:

- Hospedagem;
- Alimentação;
- Serviços;
- Produto;;
- Formulário do Visitante (entrada e saída);

- Registro na Associação;
- Crédito e Moeda Social.

A partir destes primeiros pontos foram feitos diálogos com alguns atores sociais afim de trazer a percepção sobre as oportunidades de desenvolvimento da atividade de turismo comunitário. Surgiram as seguintes ideias:

- Levantamento das residências (infraestrutura geral);
- Mapa da situação das hospedagens;
- Documento sobre a experiência na floresta (relatos, dicas,...);
- Caracterizar visitantes regular e visitante que não conhece;
- Estruturar grupo interno;
- Preparar um povo para realizar a cura (sonho do Padrinho Sebastião);
- 2020 ano do Centenário do Padrinho Sebastião;
- Característica da experiência;
- Definir público-alvo;
- Recepção + Associação;
- Plataforma de hospedagem local (tipo Airbnb);
- Comunicação com a irmandade;
- Site oficial;
- Curso de violão na florestal;
- Saberes da Floresta;
- Romper com a barreira da religião;
- Comércio local;
- Centro de Medicina da Floresta como escola;
- Livro Vivo do CMF (impresso e digital);
- Seminário da florestal;
- Santa Casa como refeitório;
- Serviços com alimentação e lavagem de roupa.

Estas foram as informações do Bloco de Notas que estavam alinhadas com os objetivos da pesquisa, outros relatos foram arquivados como documentos que podem ser utilizados em futuras pesquisas ou na elaboração de outros documentos.

Em conversa com algumas das companheiras de Sebastião Mota de Melo, foram trazidas as seguintes falas:

“Na época do Padrinho não faltava para ninguém, muitos já sabem como era o modelo do Padrinho. Tinha para tudo mundo, não faltava para ninguém e todo mundo ganhava.” (Dalvina Corrente)

“Na época do Padrinho não faltava nada para ninguém, tinha mutirão todo dia, de segunda a sábado.” (Francisca Corrente)

D – Gestorias

“Gestorias”foio nome criado pela comunidade para os grupos de trabalho que atuam nos diversos setores da comunidade. As gestorias funcionam como secretarias de uma prefeitura, caso a Vila Céu do Mapiá fosse uma cidade que tem a função de trabalhar as demandas populares em relação ao grupo gestor da AMVCM.

- Cozinha geral: responsável por este setor que é de grande importância para o modelo comunitário do Padrinho Sebastião, onde são feitas as refeições em dias de mutirão e em celebrações comunitárias;
- Educação: tem a Escola Municipal Cruzeiro do Céu como principal foco, porém atua em outras áreas relacionadas ao tema;
- Saúde: importante área, tendo em vista que não existe um posto de saúde comunitário estruturado. As ações desta gestoria acontecem na Santa Casa de Cura e por toda a comunidade em ações distintas;
- Saúde Ambiental: a ocupação na floresta ocorreu de forma intensa nos últimos anos e é necessário olhar para a ocupação na vila zelando pela saúde e cuidado ambiental de todos;
- Segurança: tanto dentro da comunidade como por pessoas externas a segurança comunitária é feita por este grupo;
- Produção: todo o tipo de produção (agrícola, energética, madeireira, entre outros) da comunidade é responsabilidade deste grupo;
- Comunicação:a rede de pessoas ligadas à comunidade dentro e fora da floresta é ampla, sendo a comunicação um importante setor de mobilização comunitária;
- Transporte e abastecimento: a mobilidade do povo da floresta está condicionada à utilização das canoas para a entrada e saída de pessoas e materiais;
- Mutirão:a principal atividade comunitária desde o tempo do Padrinho é o mutirão, que continua a ser realizado até hoje;
- Obras: este é um setor importante para uma comunidade com população de mais ou menos 600 pessoas;

- Recepção/Visitação: a recepção é um setor que regula a entrada e saída de visitantes e pode estar ligado ao setor visitante de maneira sistemática;
- Promoção social: existem diversas questões sociais a serem trabalhadas em uma comunidade com esta complexidade;
- Construção da igreja: separado da gestão de obras, a igreja ganha um foco específico por suas peculiaridades e referência para a comunidade da floresta e do mundo;
- Jovens e talentos: a importância de valorizar os talentos da comunidade e os jovens como potencial;
- Manejo Madeireiro: com a liberação do ICMBio iniciou-se a colheita de madeira através do manejo florestal, o que desdobra em diversos processos de trabalho desde a coleta até o transporte da madeira.

Na prática, este núcleo funciona como um grupo gestor com poder de decisão igualitário, interagindo com as gestorias, respeitando os princípios ideológicos da comunidade. Porém, na atuação prática as tarefas são realizadas de acordo com a disponibilidade e capacidade de cada integrante, o que muitas vezes torna as ações pouco efetivas.

Na esfera do poder político, a figura do representante comunal é oposta à que conhecemos na política tradicional (...). Nas comunidades a representação não é voluntária, mas obrigatória e rotativa. A diferença da lógica neoliberal, na comunitária não se elege o mais capaz ou o mais instruído ou inteligente, mas apenas simplesmente ao que lhe toca o turno(...) Como a representação não opção mas um dever que se presta a comunidade, que todos a seu turno devem prestar se querem seguir usufruindo dos bens comuns (terra, água, pastos) (Zibechi, 2006, p. 39-40).

E– Diretoria AMVCM

Conselho Administrativo composto por: Presidente, Vice-Presidente e Secretário do Presidente.

Conselho Comunitário composto por: Secretário Geral, Secretário Executivo e Secretário Financeiro.

Conselho Fiscal composto por três membros e três suplentes.

F– Site



Comunidade Vila Céu do Mapiá.



Hospedagem.
Alimentaçãõ
Artesanato
Transportes

No Céu do Mapiá vocẽ pode se hospedar em uma das hospedarias/privaçãões ou em casa de família. Geralmente as famílias nãõ costumam cobrar pela hospedagem, mas é importante que o visitante contribua de alguma forma, pode ser com uma compra de supermercado, serviçõ, ou um valor em dinheiro. As formas de contribuir sãõ negociadas diretamente com o responsável pela hospedagem. Os valores em dinheiro sãõ uma referênciã para os visitantes do custo da hospedagem baseada nos necessitados das moradias para receber adequadamente.

Telocentro | Feira de Produtores | Comunidade Fazendo Sãõ Sabonitõs | Centro medicina na floresta



10 Anexos

A – Questionário serviços e produtos

Hospedagem:

1. **Você tem interesse em hospedar visitantes em 2020?**(caso a resposta seja não pule para a questão 15)
 - a- Sim ()
 - b- Não ()

2. **Em qual período você poderá hospedar:**(*Questão de múltipla escolha*)
 - a- Dezembro/2019 a Janeiro/2020()
 - b- Festival de junho/julho/2020 ()
 - c- Setembro /outubro/2020 ()
 - d- Festival de dezembro2020 ()
 - e- Qualquer período ()
 - f- Fora de festival ()

3. **Você tem preferência em hospedar:** (*Questão de múltipla escolha*)
 - a- Só homens ()
 - b- Só mulheres ()
 - c- Grupos()
 - d- Famílias()
 - e- Não tenho preferência
 - f- Amigos/ parentes()

4. **Qual a estrutura de hospedagem?**(*Questão de múltipla escolha*)
 - a- Casa ()
 - b- Quartos ()
 - c- Vagas ()
 - d- Terreno para acampar()

5. **Acomodação**(*especifique a quantidade*):
 - a- Rede _____
 - b- cama de casal? _____
 - c- Cama de solteiro? _____
 - d- Colchonetes _____
 - e- Barraca _____
 - f- Quant. de hospedes: _____

6. **Banheiro:**
 - a- Vaso sanit()
 - b- Buraco()
 - c- Não tem()

7. **Banho**(*Questão de múltipla escolha*):
 - a- Chuveiro ()
 - b- Igarapé ()
 - c- Caixa d'água()

8. **Energia**(*Questão de múltipla escolha*):
 - a- Solar ()
 - b- Motor ()
 - c- Outros _____

9. **A Cozinha da casa estará disponível para o/a visitante?**
 - a- Sim ()
 - b- Não ()

10. **Você vai oferecer refeições para seu visitante?**(*Questão de múltipla escolha*)
 - a- Café ()
 - b- Almoço ()
 - c- Jantar ()
 - d- Não vou oferecer ()

11. **Tem acesso fácil a água?** (*Questão de múltipla escolha*)
 - a- Não ()
 - b- Água encan. ()
 - c- Cacimba ()
 - d- Igarapé ()
 - e- Igarapezin.()

20. Interprete de qual idioma? _____

21. Outro serviço não especificado: _____

B– Registro do encontro comunitário

O Encontro Comunitário contou com a facilitação do Lucas Borelli.

Nos dispomos em círculo e no centro do círculo há um pequeno altar, onde está disposto uma vela, flores e um vidro com a fórmula da Comunhão, dos Florais da Amazônia.

Começamos a reunião com as boas vindas da equipe de facilitação e ascendendo a vela da intenção do Amor, acesa pelo Sr. Ivan - companheiro do padrinho desde o começo da expansão.

Expectativas para a reunião:

- Fortalecimento da união do trabalho comunitário e da Doutrina;
- Boa educação na recepção e convivência e engajamento;
- Dar conta dos objetivos;
- Que tudo se resolva parcialmente, na paz e no amor;
- Aproveitar a visitação;
- Desenvolvimento, intercambio comunitário, social e sustentável;
- Grandes expectativas;
- Conseguir organizar e aproveitar o momento;
- Expectativa que tudo funcione;
- Segurança para os moradores e visitantes;
- Sairmos Unidos e sabendo o que vai fazer;
- Alinhados na rede para os festejos do centenário;
- Cumprir com os objetivos;
- Que todos saiam esclarecidos;
- Boas expectativas;
- Sincronizar com o centenário e colocar em pratica;
- Colocar em prática;
- Saímos ligados no centenário.

Para comprimirmos com as expectativas, quais são os acordos?

- Harmonia, Amor, Verdade e Justiça;
- Objetividade;
- Inscrever a fala;
- Respeitar os pontos de vista;
- Escuta profunda;
- Clareza;
- Respeitar o próximo e o tempo.

Guardiãs

- **Guardiã do Pinakarri:** Maria Carolina.
- **Guardiã do tempo:** Irene.
- **Guardiãs da memória:** Joana e Alessandra.

Lucas Borelli sugere que façamos um momento de reflexão interna, primeiramente mentalizando o 1º dia de cada um dos presentes no Mapiá (caso a pessoa tenha nascido, qual a primeira recordação). Dado o tempo para a resposta interna, ele pede que mentalizemos nossa situação atual no Mapiá. Como nos vemos hoje, na véspera dos 99 anos do Padrinho Sebastião? Pede então, que em duplas por proximidade de assento, conversemos sobre o que o Mapiá tem de bom.

Respostas da pergunta: O que o Mapiá tem de bom?

- Seguir a Doutrina;
- Ar puro;
- A Floresta, as flores, a água pura;
- Os conhecimentos da Doutrina do Santo Daime;
- A Liberdade, em todos os sentidos;
- O Povo;
- A casa do Padrinho Sebastião;
- Segurança de estar isolado do mundão;
- Segurança e companheirismo;
- Famílias, natureza, clima;

- Convivência com as Madrinhas;
- Igarapé;
- Viver a Doutrina no dia a dia de convivência;
- Vida adaptada ao Calendário Espiritual;
- Presença do povo do Padrinho;
- A essência do Padrinho;
- Comunidade intencional, beneficiária dos recursos naturais da FLONA – UC de uso Sustentável.

Após a colheita das respostas, sugere que refaçamos as duplas, agora com a pessoa que está sentada do outro lado e respondamos à pergunta: O que o Mapiá precisa melhorar?



Repostas da pergunta: O que o Mapiá precisa melhorar?

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Capacitação em tratamento de resíduos; • Educação familiar; • Construir juntos; • Construir viveiros de mudas; • Arborizar caminhos; • Ter um ginásio de esportes; • Compromisso com a igreja; • Saneamento básico; • Educação e igualdade social; • Melhorar a estrutura da casa de feitiço e feitiço comunitário; • Trabalhar a situação do uso de drogas; • Limpeza do igarapé; • Organização dos eventos; • Participação de jovens e adultos; • Cuidados com a água; • Acesso à Internet; | <ul style="list-style-type: none"> • Saber/Aprender a participar das decisões comunitárias; • Transporte; • Comunicação/telefone; • Melhorar a divisão da feira; • Geração de renda após o centenário; • União do povo; • Luz para todos; • Preparação dos jovens; • Participação no mutirão; • Saúde; • Melhorar a convivência e compreensão; • Educação para o tratamento do lixo; • União e colaboração; • Fortalecer segurança; • Moradia adequada para todos; |
|--|---|

- Produção de alimentos;
- Melhorar a escola;
- Participar mais da AMVCM, mutirão;
- Educação familiar;
- Construir e colocar em prática um “pacto” de convivência;
- Criação de peixes;
- Arborizar caminhos e trilhas;
- Vigiar/cuidar para que não entre as drogas aqui;
- Ordenação dos preços nos comércios;
- Pontualidade nos trabalhos espirituais;
- Acordo interno para quem não frequenta a igreja;
- Cuidar/controlar o acesso de pessoas ao Mapiá;
- Programação cultural;
- Não contribuir com o correio da má notícia;
- Respeito e consideração aos mais velhos;
- Cachorros;
- Checar se fato ou fake;
- Criar equipe de apoio e espaço para crianças no centenário;
- Melhoria das hospedagens;
- Melhorar a comunicação interna;
- Compromisso com a limpeza;

- Combate aos roubos (ladrões).



Agora em grupos de 4 é feito o desafio de sistematizarmos as ideias de temos para conseguir chegar a essas melhorias elencadas acima para o Centenário do padrinho. Após o levantamento, cada grupo fala um item até todos os itens estarem contemplados.

Respostas da pergunta: O que o Mapiá precisa para os festejos do Centenário?

- Foco na doutrina: ensaios, fardas, maracás, oração e presença nos hinários;
- Oferecer alimentação saudável e passeios ecológicos;
- Recepção em Boca do Acre – segurança;
- Acessibilidade nos caminhos (pessoas especiais);
- Respeito com as mulheres;
- Identificar o que causa a desigualdade social para atender;
- Encontro com veteranos para resolver a questão da feira;
- Atendimentos de emergência na Saúde (Organizar);
- Equipe para gerenciar os setores;
- Segurança para os moradores e visitantes – escritório em Boca, guarita na Fazenda e cadastramento de quem entra;
- Aumentar fiscalização no salão e na vila;
- Cada um fazer a sua parte;
- Aproveitar gestorias como organização;
- Formar hoje o grupo gestor do centenário;
- AMVCM, fortalecida em união e participação, ser espaço para os grupos se organizarem;
- Estudo dos hinários;
- Agir e fazer acontecer de modo sustentável;
- Fortalecimento da união do trabalho comunitário e da doutrina;
- Boa educação na recepção e convivência e engajamento;
- Dar conta dos objetivos (com lista de tarefas para serem realizadas produtivamente);
- Coordenação e organização entre os setores;
- Aplicação prática dos valores da Doutrina;

- Transporte Fluvial e terrestre;
- Olhar para a comunicação interna;
- Comunicação e participação comunitária no feito;
- Recursos físicos para melhoria das hospedagens;
- Fechar os comércios nas horas de trabalhos espirituais;
- Ter um “plano B” para os festejos do Pad. Alfredo, caso a igreja não esteja pronta;
- Acolhimento e simpatia nos atendimentos;
- Curso de básico de línguas.

Após esse levantamento a equipe de facilitação sugere a divisão de grupos por setores de trabalho, que estão diretamente envolvidos com a organização do centenário, para que consigamos cumprir com as tarefas e objetivos elencados acima.

Nesse momento há uma pausa para alinhamento, pois alguns estão entendendo que os setores já estão organizados nas gestorias da AMVCM, outros questionam que uma boa parte desses gestores não estão presentes, e outros entendem que essa não é uma reunião da Associação de Moradores e sim uma organização independente para o Centenário, para reunir os setores que ofertam serviços.

Após esse alinhamento, é feita então a divisão dos setores.

Divisão de grupos por setores:

1. RECEPÇÃO
2. HOSPEDAGEM,
3. ALIMENTAÇÃO
4. TRANSPORTE.
5. SEGURANÇA
6. DOCTRINA (Igreja -fardas e feito)
7. SAÚDE
8. EVENTOS

Cada setor é convidado a conversar sobre:

- Quais as necessidades desse setor?
- Quais as ações necessárias para esse setor?
- Quais os acordos para o funcionamento desse setor?
- Quais são os representantes desse setor?
- Qual a tabela de preços para os serviços desse setor?
- Qual a data para o próximo encontro desse setor?

Setor de Educação

Ações	Quem	Quando
Encontro de famílias	Comissão do Centenário + Escola Cruzeiro do Céu	Ainda este ano
Formação em Pedagogia de Projetos	APMC	Janeiro de 2020
Trabalho com valores	Gestoria de Educação da AMVCM	Contínuo
Adaptação do Calendário Escolar para a Agenda do Centenário para melhor aproveitamento	Maria Carolina, Mabel, Kátia, Guilherme, Sanny, Mabel, entre outros.	

Setor de Eventos

Montagem e disponibilização do Calendário Completo de Eventos para o ano de 2020
Reunião com a comunidade para apresentação do calendário e inscrições para o ano
Organização dos festejos de 70 anos do Pad. Alfredo
Encontro de Jovens Herdeiros do Padrinho 2
Organização dos demais eventos do Calendário

Setor de Recepção

Ações	Quem	Quando
Adquirir um computador para recepção da AMVCM	Oswaldo	Até dezembro de 2019
Sede em Boca do Acre	Moara	Até dezembro
Uniforme e coletes para prestadores de services	Silvia Miragaia	Até dezembro
Balança para sede em Boca	Moara	Até dezembro
Divulgação/sinalização	Alessandra	Final de novembro
Adquirir Walk-Talks	Oswaldo	Até dezembro
Centro de Visitantes	EMFLORES	Até outubro de 2020
Recepção na AMVCM	AMVCM	Dezembro
Curso de línguas	Irene	Dezembro
Curso de informática	Irene	Dezembro
Montar equipe interna de recepção	Irene	Dezembro
Montar equipe externa	Moara	Dezembro

Setor de Saúde

Ações	Quem	Quando
Mutirão	Mariana, Maria Rosa, Joana	Dia 14/10
Encontro de Gestantes	Helena	1x no mês + ou – 16/10
Seguir o planejamento S.A	Gestoria S.A	Em ação
Castração de cachorros e vacinas	Equipe de Veterinária de Pauini	Próximos dias 12-15/10
Atendimento Médico	Equipe de Pauini	Próximos dias 12-15/10

Atendimento Odontológico	Equipe local	2 dias na semana até dezembro
--------------------------	--------------	-------------------------------

Setor de Alimentação

Ações	Quem	Quando
Organizar grupo de alimentação	Comissão tirada em reunião que será organizada por Chesco, Ronaldo e D. Rê	Reunião 20/10/2019 na Casa da Dona Rê
Cadastramento de todos os comércios	Formar comissão	Reunião 20/10/2019 na Casa da Dona Rê
Regulamentação da praça de alimentação	Ronaldo	Reunião 20/10/2019 na Casa da Dona Rê
Tabela de preços de alimentação	Tirar em reunião	Reunião 20/10/2019 na Casa da Dona Rê
Projeto de hortas	João Guerra	12/10/2019 reunião e atividades na casa da Josinete e Pedro Vicente

Setor de Transporte

Ações	Quem	Quando
Organização fluviais	Josenildo, Miracy e Ronaldo	Reunião de organização do setor dia 14/10 19h na Casa de Música
Cooperativa de transporte terrestres	Idem	Idem
Tabela de preços	Idem	Idem
Curso de auto-escola	Idem	Idem
Estrutura para abastecimento	Idem	Idem

Plano de resgate	Idem	Idem
Equipamentos e coletes	Idem	Idem
Apoio aos mecânicos	Idem	Idem
Infraestrutura da oficina para motos e motores	Idem	Idem

Doutrina

Ações	Quem	Quando
Montar calendário dos feitos do ano de 2020	Adalto, João Corrente, Tonho e Pedro	Até final de outubro
Marcar encontro para organização das mulheres no feito	Dalvina, Nilda, D. Marlene, Rosa e Ana Carolina	Até final de outubro
Equipe para organização do Projeto de Captação de Recursos	Adalto, Malaquias e Nilda	Até final de outubro
Reunião aberta com fiscais e estudo das normas rituais com veteranos	Sofia vai marcar com Sanni	Até final de outubro
Sensibilização na escola para estudo do ritual	Sofia vai marcar com Sanni	
Organizar ensaios e orações com veteranos para comp. Saberes dos hinos	Ana Carolina, Sofia, Eliseu, D. Marlene vão chamar também a D. Regina	

O setor de **hospedagem** não se reuniu, pois faltava as principais representações das pousadas e as pessoas presentes na reunião que se ofereceram para hospedar durante o ano de 2020, também estavam engajadas em outros setores.

O setor **Serviços Diversos** também não se reuniu, pois as pessoas presentes que ofertam esse serviço já estavam engajadas em outros setores da reunião. A AMVCM deve chamar uma outra reunião especificamente desses setores.

Ronaldo também sentiu falta do **Setor Turismo e Visitação**. Para esse setor já foi tirada uma comissão entre os presentes: Moara, Ronaldo, Adauto, Miraci e Luar.

Encerramos a reunião com a leitura do Calendário do Lúcio para o dia 05/10 e com uma rodada de “Como estamos saindo”.

MAPA DA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

